

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A IMAGEM CORPORAL DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE:
o culto ao corpo**

Marina Rodarte Couto Martins

BELO HORIZONTE

2011

Marina Rodarte Couto Martins

**A IMAGEM CORPORAL DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE:
o culto ao corpo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial à titulação de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos de subjetivação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Stengel

BELO HORIZONTE

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M386i Martins, Marina Rodarte Couto
A imagem corporal do adolescente na contemporaneidade: o culto ao corpo /
Marina Rodarte Couto Martins. Belo Horizonte, 2011.
120f. : II.

Orientadora: Márcia Stengel
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Imagem corporal em adolescentes. 2. Corpo. 3. Adolescência. I. Stengel,
Márcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 796.415

Marina Rodarte Couto Martins

**A IMAGEM CORPORAL DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE:
o culto ao corpo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial à titulação de Mestre em Psicologia.

Márcia Stengel (orientadora) – PUC Minas

José Alfredo Oliveira Debortoli – UFMG

Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas

Belo Horizonte, 17 de outubro de 2011.

***A meus pais,
por acreditarem e apostarem em mim.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, não só por terem me proporcionado as condições necessárias para que eu pudesse ingressar no mestrado e desenvolver essa pesquisa, mas principalmente pelo apoio incondicional.

Ao Daniel, pela paciência e compreensão nos momentos de distância, pelo apoio nas horas de angústia e pelo amor, carinho e companheirismo diários.

À Virgínia e ao tio João Roberto, por terem me proporcionado uma oportunidade, que foi um verdadeiro ponto de escape, sem o qual teria sido tudo mais difícil.

Aos meus primos, por terem me ajudado na captação de adolescentes a ser entrevistados, parte fundamental dessa pesquisa.

Ao tio Cláudio, pela disponibilidade em ajudar e desenvoltura com a língua inglesa.

A toda minha família, sem a qual eu não seria a mesma, pelo apoio, carinho e incentivo.

A todos os amigos, pelo companheirismo, pelas conversas e pelos impagáveis encontros que me permitiram extravasar nesta fase.

À minha orientadora Dra. Márcia Stengel, pela dedicação e sabedoria para orientar esta pesquisa, principalmente por ter me incentivado e acreditado que esse trabalho seria possível, não me deixando duvidar de minha capacidade.

Aos professores Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli e Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira, pela contribuição no período da qualificação e pela pronta disponibilidade em participar desse processo.

Aos adolescentes entrevistados, que colaboraram e se dispuseram a participar desta pesquisa.

A Marília, Celso e toda a equipe da secretaria do Mestrado, que foram atenciosos em momentos tão delicados, sempre se prontificando a ajudar de maneira eficaz.

Por fim, agradeço em especial a Deus, por iluminar meu caminho, por me dar força interior para superar as dificuldades e por suprir todas as minhas necessidades para seguir sempre em frente.

*“Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta*

*Meu corpo, não meu agente,
meu envelope selado,
meu revólver de assustar,
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei.*

*Meu corpo apaga a lembrança
que eu tinha de minha mente,
Inocula-me seus patos,
me ataca, fere e condena
por crimes não cometidos.*

*O seu ardil mais diabólico
está em fazer-se doente.
Joga-me o peso dos males
que ele tece a cada instante
e me passa em revulsão.*

*Meu corpo inventou a dor
a fim de torná-la interna,
integrante do meu Id,
ofuscadora da luz
que aí tentava espalhar-se.*

*e nesse prazer maligno,
que suas células impregna,
do meu mutismo escarnece.*

*Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.*

*Meu prazer mais refinado
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele, por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.*

*Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volto a mim, com todo o peso
de sua carne poluída,
seu tédio, seu desconforto.*

*Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
saio a bailar com meu corpo.”*

Carlos Drummond de Andrade

*Outras vezes se diverte
sem que eu saiba ou que deseje,*

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar a imagem corporal do adolescente na atualidade, a partir do culto ao corpo presente em nossa sociedade. O interesse em realizar esta pesquisa deve-se ao fato da crescente valorização do corpo dito jovem e saudável na sociedade contemporânea. A pesquisa foi fundamentada no conceito de adolescência para a Psicanálise e nela foi discutido como o adolescente passa pelas transformações corporais e percebe a própria imagem corporal. O marco teórico realizado para o estudo da adolescência, imagem corporal e o corpo na contemporaneidade foi fundamental para embasar as informações colhidas por meio de uma pesquisa de campo. Para entender o *status* que o corpo tem em nossa sociedade foi necessário pesquisá-lo historicamente, perpassando por diversos filósofos, chegando ao conceito de corpo como suporte de signos sociais. Dessa forma, podemos entender como o adolescente se posiciona em uma cultura que enaltece a sua juventude e vigor. A adolescência representa, em nossa sociedade, a passagem da infância para a vida adulta e é marcada por intensas transformações biopsicossociais, que influenciam diretamente a relação do adolescente com seu corpo e, conseqüentemente, com sua imagem corporal. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas realizadas com seis adolescentes da camada média de Belo Horizonte/MG, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, entre 15 e 18 anos de idade, que cursam o Ensino Médio em escolas particulares. Pela análise das entrevistas, pudemos investigar as transformações que ocorrem na adolescência e compreender como os adolescentes se posicionam nas diversas situações do seu cotidiano, que podem interferir no modo como constroem a sua imagem corporal. Em síntese, o resultado das análises das entrevistas demonstra que cada entrevistado tem maneiras diferentes de passar pelos lutos da adolescência, mas todos se preocupam de alguma forma com a estética do corpo e se posicionam perante a cultura do corpo jovem, magro e escultural promovida na contemporaneidade.

Palavras-chave: Corpo. Contemporaneidade. Adolescência. Imagem corporal.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the body image of adolescents today, from the body's worship present in our society. The interest in conducting this research is due to the increased valuation of the body seen as young and healthy in modern society. The research was based on the adolescence's concept to the Psychoanalysis and it was discussed as the adolescents pass through the body changes and perceive their own body image. The theoretical milestone carried out for the study of teens, body image and body in contemporary society was crucial to support information gathered through a field research. To understand the status that the body has in our society it was necessary to research it historically, passing by many philosophers, until reach the concept of body as a support of social signs. Thus, we can understand how the teenagers stand themselves in a culture that praises their youth and vigor. The adolescence represents, in our society, the passage from childhood to adult life and is characterized by intense biopsychosocial changes that directly influence the relationship of the adolescents with their bodies and, consequently, with their body image. The methodology used was a qualitative research with semi-structured interviews conducted with six teenagers in the middle layer of Belo Horizonte / MG, three of them male and three female, between 15 and 18 years old, secondary school students in private schools. By the analysis of the interviews, we were able to investigate the changes that occur in adolescence and to understand how teenagers stand themselves in various situations of their everyday life, which can interfere with the way they build their body image. In summary, the result of the interviews' analyses shows that each respondent has different ways of going through the mourning of adolescence, but all are concerned in any way with the aesthetics of the body and stand themselves before the culture of the young, thin and sculptural body promoted in contemporaneity.

Key-words: Body. Contemporaneity. Adolescence. Corporeal image.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. UMA DISCUSSÃO SOBRE O CORPO	12
2.1 O homem e sua corporeidade na História da Filosofia.....	12
2.2 O homem e sua corporeidade na perspectiva marxista	19
2.2.1 <i>A Escola de Frankfurt</i>	21
2.3 O corpo humano como suporte de signos sociais	23
2.4 O corpo na contemporaneidade	29
3. ADOLESCÊNCIA.....	32
3.1 O que é adolescência.....	32
3.2 As transformações corporais - puberdade	36
3.2.1 <i>Puberdade e adolescência em Freud</i>	38
3.3 O luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais infantis.....	42
4. A IMAGEM CORPORAL.....	52
4.1 O conceito de imagem corporal.....	52
4.2 O narcisismo e a imagem corporal.....	55
4.4 A imagem corporal na adolescência	61
4.4.1 <i>O adolescente e a cultura do corpo</i>	68
5. METODOLOGIA	73
5.1 Instrumentos de pesquisa.....	74
5.2 Tratamento e análise dos dados.....	74
5.3 Apresentação dos entrevistados	76
6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	78
6.1 O adolescente e o próprio corpo	78
6.2 O corpo e o outro	82
6.3 O corpo na escola	
6.4 O cotidiano do adolescente e o lazer	
6.5 A prática de atividades físicas	94
6.6 As práticas afetivo-sexuais na adolescência.....	96
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	116
ANEXO A – CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA CAAE – 0083.0.213.000-10 PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC MINAS ..	117
ANEXO B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	118

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive uma necessidade constante de cuidados com o corpo, ela vive o corpo, sendo regida pela regra do ser visto, valorizando a estética em nome da saúde. Estamos inseridos em uma cultura que enaltece a juventude e constrói estratégias para o cultivo do corpo, na tentativa de evitar o envelhecimento. Nesse contexto, temos a adolescência como um período do desenvolvimento em que o corpo sofre bruscas transformações e a permanente construção da imagem corporal é constantemente determinada por esse lugar que o corpo ocupa em nossa cultura.

A palavra adolescência originou-se do latim *adolescere*, que significa crescer, fazer-se grande. De acordo com Osorio (1992), a adolescência é um período biopsicossocial que ocorre entre a infância e a vida adulta, apresentando características relevantes que a distinguem de outras fases da vida humana. O autor considera que esta é uma fase que marca a aquisição da imagem corporal definitiva.

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos. O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoantes às leis de cada cultura, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos e os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Os adolescentes, sejam meninos ou meninas, em geral, parecem nunca estar satisfeitos com sua aparência, o que não é muito surpreendente, levando-se em conta que na adolescência o corpo se transforma rapidamente. Em apenas alguns anos, o corpo a que se estava habituado na infância cede lugar a um físico de adulto, uma aparência diferente, nova, desconhecida e da qual, inicialmente, nem sempre se gosta – espinhas no rosto, alguns quilos a mais, nariz grande, porte desengonçado.

Sejam enormes ou insignificantes, cicatrizes ou simplesmente cabelos rebeldes, definitivas ou temporárias, reais ou imaginárias, as alterações corporais que ocorrem na adolescência podem interferir no comportamento do adolescente. As modificações não se dão sem turbulência; as tensões se apresentam ao mesmo tempo internamente (psíquicas) e externamente (conflitos com a família e o corpo social).

A transformação física é imposta ao adolescente. A idade da aparição e a rapidez da instalação da puberdade – transformações biológicas e fisiológicas em que o indivíduo ganha capacidade reprodutiva –, os acontecimentos associados, a atitude do entorno, a flexibilidade psicológica do indivíduo vão influenciar as capacidades de adaptação do seu psiquismo à fantástica mudança corporal.

Macedo, Azevedo e Castan (2004) afirmam que as modificações físicas trazidas pela puberdade impulsionam as transformações psíquicas. Dessa forma, em meio a um turbilhão de desejos, sentimentos e medos, os jovens fazem uma profunda revisão de seu mundo interno e experiências infantis, buscando dar conta das transformações físicas da puberdade e da demanda de trabalho psíquico que invade seu território.

Perder seu corpo de criança é perder a segurança de um corpo que se aprendeu a conhecer e que está colocado sob a proteção de pais considerados todo-poderosos. Na adolescência, o corpo é uma via privilegiada para o indivíduo descarregar suas angústias e suas pulsões agressivas, mas também toda a energia sexual que o inunda. Com o tempo, o adolescente aprenderá a contorná-las e diluí-las em suas relações de amizade, amorosas e profissionais.

Levando-se em consideração que é por meio do corpo que a cultura capta seus limites, tanto os de ordem biológica como psicológica, esta dissertação tem como objetivo a discussão do conceito de imagem corporal na adolescência nos dias atuais. O tema foi proposto por considerá-lo um assunto que assume cada vez mais importância na sociedade atual, visto a elevada preocupação com o corpo e sua imagem na cultura contemporânea, como afirma Pessoa (2008). A estrutura dessa pesquisa se formou a partir de um aprofundamento teórico sobre a adolescência e da importância de se ter um corpo dito jovem e saudável em nossa sociedade.

O corpo comunica-se por gestos ou expressões, com uma parte ou pelo todo, com ou sem intenção, percebendo ou sem perceber, diz o que somos ou pensamos. Se prestarmos atenção, veremos que todo pensamento é expresso por meio do nosso corpo de alguma forma (gestos, mímicas, expressões) e sem o corpo não existiríamos.

As diferentes épocas e culturas elaboram distintas representações e interpretações das relações corpo-alma. Para entendimento do significado do corpo para o indivíduo e o meio que o circunda, é necessário conhecermos a história do corpo, seus fundamentos e significados científicos, morais, políticos e socioculturais.

Além disso, evidencia a difícil, complexa e, muitas vezes, contraditória transição ao longo do tempo. Dessa forma, para entendermos melhor como a cultura do corpo se impõe na construção da imagem corporal do adolescente, já que o corpo ganhou novos contornos, levantar alguns pontos para pensar o corpo e a imagem corporal contribui para fundamentar as reflexões a respeito da adolescência na sociedade.

Para tanto, a estrutura da dissertação foi dividida em sete capítulos, sendo assim distribuídos: no segundo capítulo abordaremos o corpo na contemporaneidade, identificando a importância que se dá ao corpo nos dias atuais. No terceiro capítulo, conceituaremos a adolescência para a Psicanálise, fazendo considerações, definindo o processo de desenvolvimento do adolescente, para que possamos compreender a questão da imagem corporal na adolescência. No quarto capítulo estudaremos o conceito de imagem corporal, fazendo uma conexão com o corpo na contemporaneidade e a adolescência.

Em sequência à fundamentação teórica, no quinto capítulo descreveremos a metodologia utilizada e no sexto capítulo analisaremos as entrevistas com o intuito de auxiliar na compreensão do que será estudado. Por fim, teremos o sétimo capítulo com as considerações finais desse estudo.

2. UMA DISCUSSÃO SOBRE O CORPO

Cabe, então, perguntar: entende-se mais do corpo vivendo-o ou discursando sobre ele? Para compreender o corpo é preciso falar dele? Não basta senti-lo? Estaria certo Descartes (1596-1650) quando define o homem como sendo fundamentalmente espírito (penso, logo existo)? Ou estaria mais perto da verdade Merleau-Ponty (1908-1961) dizendo que “eu sou meu corpo” (existo, logo penso)? O que é verdadeiramente o corpo? Como a humanidade o concebeu através dos tempos? (MEDINA, 1987, p.49)

A forma como o homem lida com sua corporeidade, os regulamentos e o controle do comportamento corporal não são universais e constantes, mas, sim, uma construção social, resultante de um processo histórico (GONÇALVES, 2006). A autora define que as concepções que o homem desenvolve a respeito de sua corporeidade e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais. A cultura imprime suas marcas no indivíduo, ditando normas e fixando ideais nas dimensões intelectual, afetiva, moral e física.

Ao reconhecer o papel desempenhado pelo corpo na interação sujeito-objeto, homem-mundo, novas dimensões do mundo e do homem se revelam, abrindo caminho para a discussão da ética, da estética, da política, da ciência. Neste capítulo pretende-se refletir sobre as relações do homem com a sua corporeidade na sociedade contemporânea.

2.1 O homem e sua corporeidade na História da Filosofia

Quando interrogamos a noção de corpo, deparamo-nos com uma longa tradição que se encarregou de empreender uma célebre oposição e distinção entre corpo e alma. Ao refletirmos sobre qualquer um dos ramos dos saberes humanos, é forçoso reconhecer que a oposição não dá apenas os termos da questão, mas também seus horizontes. Compreende-se, então, a importância preliminar de se recontar a história da instituição que chamamos corpo (CARDIM, 2009).

Na história da Filosofia o dualismo corpo-alma se manifestou de diversas maneiras, sempre de acordo com os pensadores de cada época. No mundo grego

antigo, segundo Cardim (2009), deve-se destacar o fato de que o homem grego dava muita atenção a seu corpo, ele o cultivava, por exemplo, por meio da ginástica e da alimentação. Os gregos também se preocupavam com a saúde, com o meio circundante. Isso os ajudava a lutar em duas frentes: por um lado, contra a velhice e, por outro, lhes permitia tornar mais bela e nobre a alma. Corpo e alma deviam ser concebidos de forma harmônica. Como exemplo, era importantíssimo enterrar o cadáver para que a alma pudesse se separar do corpo e juntar-se ao reino das sombras para, enfim, regenerar-se para um novo nascimento em um novo corpo. O corpo e a alma compunham um único todo indivisível, vivo e visível.

Durante muito tempo, a doutrina da instrumentalidade do corpo – o corpo como instrumento da alma – perpassa os pensamentos dos grandes filósofos antigos e medievais, como Platão (429-347a.C.) e Aristóteles (348-322a.C.). Coube ao platonismo o gesto teórico de fundação da oposição entre o corpo e a alma, que instaura no pensamento filosófico uma profunda ruptura entre o mundo sensível e o mundo inteligível, que só existe na ideia. De um lado, o mundo concreto, finito e transitório; de outro, o mundo ideal, eterno e imutável.

Para Platão, há antítese e antagonismo entre a alma e o corpo, sendo esses dois extremos contrários um ao outro; o que importava verdadeiramente era a realidade do mundo das ideias que polariza a alma. Por um lado, a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única e indissolúvel. Por outro lado, o corpo equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, além de estar ligado ao desejo, à pulsão amorosa. O corpo, com suas inclinações e paixões, contamina a pureza da alma racional, impedindo-a de contemplar as ideias perfeitas e eternas. O corpo torna-se, assim, a prisão da alma; é por intermédio do corpo que a alma dá expressão ao que quer manifestar (CARDIM, 2009).

Para Aristóteles, o corpo é uma realidade delimitada por uma superfície (MORA, 1978). O corpo tem efetivamente extensão: é um espaço e, na medida em que for algo, uma substância. Os objetos concretos e os conceitos universais não constituem mundos separados como no pensamento platônico, mas, sim, uma continuidade ininterrupta. A forma, a ideia universal não constitui um mundo à parte, mas está presente nos seres concretos em estreita união com a matéria. A alma é a forma do corpo, a causa final de sua conformação orgânica e o princípio do seu movimento constitui-se em sua força diretriz e motora.

As discussões em torno da noção de corpo, na Antiguidade, referiram-se quase sempre à penetração ou não penetração do corpo por uma forma: enquanto Aristóteles se inclina a supor que há inevitavelmente em toda a corporeidade uma formação, algumas correntes platônicas tendem, em contrapartida, a considerar o corpo como o sepulcro da alma e, por conseguinte, a alma não está nele como um elemento formador, mas como um prisioneiro.

A possível inteligibilidade ou espiritualidade do corpo acentua-se dentro do Cristianismo, que subverteu o mundo da civilização grega na medida em que trouxe uma visão inteiramente nova do homem e do universo, segundo Gonçalves (2006).

Na Antiguidade Grega, o homem ainda era visto como pertencente ao universo físico, dentro da imanência do mundo terrestre. As inúmeras concepções antropológicas que surgiram na Idade Média, dentro da diversidade, tinham uma característica comum, oriunda de sua raiz cristã: conceber a vida humana numa perspectiva transcendente. Por meio do dogma da criação, homem e mundo passam a ser vistos como criação de Deus, com uma história e um destino que transcendem a vida terrena. À visão do mundo grega, na qual predominava o racionalismo, contrapôs-se uma visão dramática, em que o homem é visto como possuindo não somente razão, mas sentimentos e emoções. O homem surge como pessoa, portador de livre-arbítrio para realizar seu destino, segundo um código moral revelado por Deus, e possuidor de um valor incondicional. (GONÇALVES, 2006, p.44)

Na época moderna, para Mora (1978), os problemas relativos ao corpo foram tratados simultaneamente como físico e metafísico. O autor afirma que para Descartes (1596-1642) o corpo é, em última análise, espaço cheio, pois não existe o vazio; é coisa extensa que se caracteriza pela simultaneidade do movimento das suas partes.

Para Descartes, o corpo deve ser apresentado em uma dupla perspectiva: ao mesmo tempo vivo e inerte, corpo que sou e corpo que tenho. Segundo Cardim (2009), Descartes não reduz o corpo apenas a um objeto físico, ele também é um objeto de estudo psicofisiológico no nível das paixões da alma. Por um lado, temos o espírito que se manifesta no fato de sermos seres pensantes; por outro, temos o corpo, o qual obedece tanto aos movimentos quanto às leis que impelem todas as máquinas; aqui o corpo é sinônimo de extensão. É o pensamento puro que traz grande inovação à concepção da distinção e da união da alma e do corpo.

Completando essa ideia, Medina (1987) define que para Descartes o corpo e a alma constituem-se duas substâncias diferentes e independentes. Defende que o

filósofo privilegiou a mente em relação à matéria, levando-o à conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes. Essa divisão entre matéria e mente teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental – ensinou-nos a conhecermos a nós mesmos como seres isolados existentes dentro dos nossos corpos; levou-nos a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual; habilitou indústrias gigantes a venderem produtos que nos proporcionem o corpo ideal.

Crítico de Descartes, Maine de Biran (1776-1824) diz que a consciência implica uma relação interior com o corpo vivo, sendo impossível abordar o corpo colocando-o à distância. Cardim (2009) afirma que Maine de Biran defende a tese de que o objeto da psicologia é o eu, ou antes, o “sentimento íntimo”, que é concebido como um “fato primitivo” que produz fora de si, no mundo exterior, uma mudança. É esse eu que distingue o homem da natureza; afinal, ele pode tomar consciência de suas relações com a natureza da qual faz parte. “O eu não pode existir por si mesmo sem ter o sentimento imediato da coexistência do corpo: eis aí o fator primitivo. Ou seja, quando queremos mover um membro de nosso corpo, o eu é consciente ao mesmo tempo de si mesmo e de seu próprio corpo.” (CARDIM, 2009, p.39).

Vale insistir no fato de que para Maine de Biran a relação entre o eu e seu corpo é de distinção, mas não de separação. Ainda que o corpo seja distinto do eu que o apreende no esforço, o corpo não pode ser separado desse eu. Isso se dá porque o esforço responsável por revelar o eu só aparece graças a um termo que resiste: o eu a aparecer. Sendo assim, o corpo não é um corpo objeto ou simplesmente orgânico, fisiológico e anatômico; o corpo em questão é a própria testemunha do esforço, é o corpo vivido.

Do ponto de vista dos grandes pensadores da filosofia, o alemão Immanuel Kant (1724-1804) se situa na fronteira de uma nova época. Kant analisa o conceito de corpo tanto em seu aspecto físico quanto fenomenal. Por um lado, de acordo com Cardim (2009), a noção de corpo físico deve ter uma conotação científica que envolve todos os objetos materiais; por outro lado, trata-se de abordar o corpo humano. O desenvolvimento das suas ideias, segundo Mora (1978), levou Kant a um primado não explicitamente declarado do corpo enquanto dinâmico-inteligível sobre o corpo como pura extensão fenomenológica.

Desde então, a concepção do corpo depende da maior ou menor importância dada ao aspecto interno do real. Enquanto nas tendências que tentaram reduzir toda

a realidade ao exterior se concebeu o corpo como pura extensão mecânica ou como algo que possui por si mesmo uma força ou potência ativa, nas tendências que reconheceram a existência de uma realidade interior e até supuseram que tal realidade era a primeira, o corpo apareceu como uma resistência oposta à vontade do seu íntimo (MORA, 1978).

As questões relativas à natureza do corpo voltaram a levantar, segundo Mora (1978), os problemas relacionados à natureza da matéria e do espaço. Isso aparece em várias tendências recentes da filosofia que se ocupam em particular do problema do corpo.

Nietzsche (1844-1900), ao invés de partir da investigação daquilo que é a alma ou a consciência, parte do corpo vivo ao tratar de dar voz ao próprio corpo, à vida, às pulsões, aos instintos, aos desejos, dar voz ao homem do subsolo, segundo Cardim (2009). O filósofo diz que é ao corpo que chegamos quando fazemos gênese ou investigamos a origem dos preconceitos morais; logo, na origem está o corpo, não o espírito; em função do corpo aparece o pensamento. O corpo deve ser concebido como uma espécie hierárquica de pulsões, sendo a estrutura pulsional um processo interpretativo. Ou seja, Nietzsche nos mostra que o corpo, ao assumir funções de comando, age como um tipo de razão, comandante de processos sociais, ditando regras estéticas em substituição a regras morais (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007), revelando-se muito mais que um problema mecânico, ele é um problema moral. Podemos perceber isso em nossa sociedade, quando nos deparamos com a importância que se dá hoje às cirurgias plásticas, academias de ginástica, moda, entre outros.

Dando continuidade ao estudo, temos Jean Paul Sartre (1905-1980), que desenvolveu uma fenomenologia do corpo que diz do que o meu corpo é para mim, contrariamente à objetividade e à alterabilidade (propriedade daquilo que é alterável), em princípio, de qualquer corpo como tal. Apresenta o corpo sob três dimensões ontológicas, ou seja, que considera o ser em si mesmo, independentemente do modo pelo qual se manifesta: na primeira, trata-se de um corpo para mim, de uma forma de ser que permite enunciar que eu existo o meu corpo (MORA, 1978). Na segunda dimensão, o corpo é para o outro, ou o outro é para o meu corpo; trata-se de uma corporeidade radicalmente diferente da do meu corpo ou para mim. Neste caso, pode dizer-se que “o meu corpo é utilizado e conhecido por outro, mas enquanto eu sou para outro, o outro revela-se-me como

um sujeito para o qual sou objeto” (MORA, 1978, p.57), surgindo a terceira dimensão ontológica do corpo.

Em resumo, para Sartre o corpo é a experiência do que é ultrapassado e passado. Em cada projeto do *Para-si*, isto é, da consciência, em cada percepção, o corpo está lá; ele é o passado imediato porquanto aflora ainda no presente que lhe foge. Isso significa que ele é, ao mesmo tempo, ponto de vista e ponto de partida – um ponto de vista, um ponto de partida que *sou* e que, ao mesmo tempo, *ultrapasso* em direção do que hei de ser (ABBAGNANO, 2007, p.225, grifos do autor).

Avançando na interpretação do corpo como forma de experiência ou como modo de ser vivido, mas que tem um caráter específico ao lado de outras experiências ou modos de ser, temos o filósofo Merleau-Ponty (1908-1961), que afirma, segundo Medina (1987), que quer se trate do corpo de outrem, ou quer se trate do meu, não tenho outro modo de conhecer o corpo humano senão o de vivê-lo, isto é, de assumir por minha conta o drama que me atravessa e confundir-me com ele. Merleau-Ponty se encarrega de atribuir um estatuto à existência que é essencialmente corporal.

Deve-se observar, de acordo com Abbagnano (2007), que essa redução – tão característica da filosofia contemporânea – do corpo a um comportamento ou a um modo de ser vivido não tem nenhum significado idealista; não implica a negação da realidade objetiva do próprio corpo ou a sua redução a espírito, a ideia, a representação. A essa redução implicamos um significado de corpo único, que se distingue de todos os outros. Não é somente um corpo, mas o meu corpo, delimitado por mim no mundo ao qual, de acordo com a experiência, eu coordeno campos de sensação de modos diferentes. O corpo é tido como experiência viva, vinculado a possibilidades humanas bem determinadas.

As ideias filosóficas sobre o corpo se avançaram acompanhadas de perto pelas grandes transformações sociais que, por certo aspecto, influenciaram-nas. Em especial, como relatado por Medina (1987), após a II Guerra Mundial há uma explosão no discurso sobre o corpo, muito por reflexo de movimentos de certas camadas sociais dominantes preocupadas, além dos lucros, com as diversas manifestações corporais, como a sexualidade, a dança, as atividades esportivas, as terapias.

Apesar de o desejo humano ser suscetível ao capitalismo monopolista, Medina (1987) afirma que são nos processos sociais manipulados por interesses

políticos, econômicos e ideológicos alienantes que surgem os movimentos que veem no homem concreto, portanto, no corpo, um caminho em busca da totalidade humana, de melhor compreensão da realidade.

Aqui vale a pena recorrer a Foucault (1926-1984), tendo em vista os efeitos do poder sobre o corpo. Para o filósofo, como nos relata Cardim (2009), há dois polos em torno dos quais se desenvolveu uma organização do poder sobre o corpo e a vida – na disciplina e na regulamentação. Por um lado, a disciplina instaura uma “anátomo-política do corpo humano” e, por outro, uma série de intervenções e controles reguladores, uma biopolítica da população (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007).

Foucault chama a atenção para um poder disciplinar que impõe gestos, atitudes, usos, repartições de espaço, cálculos de tempo, modalidades de alojamentos; em suma, tecnologias políticas do corpo. Os sistemas disciplinares ocidentais – prisões, orfanatos, hospitais, asilos, escolas, creches, fábricas, quartéis – fazem parte de uma forma social do poder que surgiu no início do século XIX. É no sentido de um investimento político muito sutil do corpo que o filósofo fala de micropoderes sobre o corpo (CARDIM, 2009).

Em “Vigiar e Punir”, Foucault (2004) nos traz um relato sobre os suplícios na história do Direito Penal. O que se percebe de fundamental em seus estudos é uma inversão de análise, ao considerar que antes, o suplício estava relacionado ao corpo, hoje está relacionado à alma.

Foucault nos explica que, no período das barbáries, nas penas estabelecidas até meados do século XIX, o corpo era o alvo da repressão penal, ou seja, o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente, dado como um espetáculo, em uma melancólica festa de punição.

No texto, porém, também nos é colocado que a punição, pouco a pouco, deixou de ser uma cena. Os executores da pena, muitas vezes, passavam a ser os vilões e os condenados os heróis, as vítimas, tamanha crueldade existia no dito espetáculo, igualando-o ou mesmo ultrapassando em selvageria. A execução pública passa a ser vista como uma fornalha onde se acende a violência.

Devido à repulsa causada pelo excesso de violência, o executor da pena foi substituído por profissionais de diversas áreas – guardas, médicos, capelães, psiquiatras, psicólogos, educadores –, acabando com a singularidade do juiz, acarretando um processo de supressão do espetáculo e anulação da dor.

De acordo com Cardim (2009), para Foucault, desde as sociedades industriais e, principalmente, a partir de 1960, há um poder muito mais tênue sobre o corpo. Esses micropoderes se exercem no próprio nível do cotidiano; o poder trabalha o corpo de modo a penetrar nos comportamentos, se mistura com os desejos e com os prazeres, visando o corpo e suas forças, sua utilidade, docilidade, repartição e submissão. Como visto, se analisarmos corretamente as considerações de Foucault, somos cercados por profissionais que se utilizam de uma nova máscara em relação aos micropoderes sobre o corpo, emitindo opiniões, sugestões, pareceres, laudos. Ou seja, os sistemas disciplinares ocidentais regulam nossa rotina por meio da disciplinarização dos nossos corpos. Ghiraldelli Júnior (2007) define que o corpo é o ponto de partida e de chegada do poder, no âmbito das instituições, e seu caminho são as disciplinas.

Neste sentido, também há um investimento político do corpo e sua utilização econômica. Sendo assim, há exploração das forças do corpo em termos econômicos de utilidade e em termos políticos de obediência. Para falar melhor dessa exploração do corpo e sua utilização econômica, recorreremos a Marx e sua teoria sobre corpo por meio das relações sociais de trabalho.

2.2 O homem e sua corporeidade na perspectiva marxista

Neste subcapítulo, abordaremos o pensamento marxista na tentativa de compreender sua concepção de homem e de corporeidade, que marcou um ponto crucial na história. O pensamento de Marx (1818-1883) é uma fonte de reflexões, pois abre caminhos para a compreensão do homem contemporâneo e da realidade sócio-histórica em que vive.

Marx revolucionou o modo como o homem via o mundo e a si mesmo ao conceber o homem não como uma essência ideal, abstrata e imutável, mas como uma essência histórica, que se configura a partir das condições materiais e concretas de sua existência. Marx nos dá uma contribuição inestimável para avançarmos na compreensão das sociedades capitalistas. Afinal, ao descobrir a verdade das relações sociais do trabalho, ele indiretamente nos revela os corpos.

Com Marx, segundo Gonçalves (2006), a dimensão da corporeidade do homem é pensada em todo seu concretismo. O homem objetiva-se no mundo exterior por meio de todos os seus sentidos.

Para Marx, no trabalho criador, evidencia-se a unidade entre consciência e corpo, sendo o trabalho manual, ao mesmo tempo, trabalho e atividade da consciência. O corpo do homem é um corpo que se torna humano por sua atividade produtiva. Seus sentidos são sentidos humanos, pois seus objetos são objetos humanos, criados pelo homem e a ele destinados. Nesse processo, ele humaniza a natureza e também seus sentidos, que em si mesmos são um produto histórico-social (GONÇALVES, 2006).

Discorrendo sobre o pensamento marxista, Gonçalves (2006) afirma que, no desenrolar do processo histórico, devido às condições que envolveram o trabalho humano, a objetivação, produto final do trabalho, o esforço que vira coisa física, transformou-se em alienação. Na sociedade capitalista, a contradição habita o interior do trabalho, pois, ao mesmo tempo em que o homem cria a si mesmo por meio de sua atividade produtiva, aliena-se de si mesmo, de suas possibilidades humanas historicamente criadas, sobretudo de sua criatividade e de sua liberdade.

Na sociedade capitalista, o processo de trabalho, alienando-se de suas raízes humanas, alienou também o homem em sua corporeidade. O corpo vivo, participante do ato criador de transformar a natureza, tornou-se um corpo mecanizado, que tem tarefas a cumprir de forma automatizada, com um mínimo de participação do espírito. Fazer com que esse corpo subsista como força de trabalho é o único objetivo do capital. (GONÇALVES, 2006, p.63)

O corpo do homem é inserido no mercado para atender toda uma necessidade da sociedade capitalista. Marx, segundo Ghiraldelli Júnior (2007), descreve o mercado como o local em que todas as coisas que produzimos com nosso trabalho devem abandonar o valor que possuem, dado pelos nossos gostos, carinhos e utilidades, pois os nossos objetos devem adquirir um único valor que ali importa para a troca. Na sociedade de mercado há uma equalização de tudo por meio do dinheiro, inclusive nós mesmos, por meio da nossa mão de obra, que passa pelo mesmo processo dos objetos fabricados.

Quando saímos do mercado, ainda de acordo com Ghiraldelli Júnior (2007), e queremos comprar o que produzimos, o que fizemos com nossas mãos não se apresenta mais como nosso produto, objeto ou coisa; ganha vida. E nós, ao sairmos

do mercado, perdemos vida, ficamos iguais às mercadorias, pois, de certo modo, nunca mais deixamos o mercado. Assim, o que era coisa, algo morto na vitrine da loja ganha vida e, então, ordena o que devemos fazer. E nós, que éramos os vivos, que deveríamos ser o sujeito da ação, nos tornamos o elemento morto, o objeto da ação – somos reificados, coisificados. As mercadorias na vitrine são, então, o vivo; são fetichizadas.

Para entender melhor essa relação marxista do homem com o mercado e a inserção do corpo nesse contexto, recorreremos a alguns pensadores da Escola de Frankfurt.

2.2.1 A Escola de Frankfurt

Outra perspectiva marxista é a da Escola de Frankfurt, representada pelas figuras de Adorno (1903-1969), Horkheimer (1895-1973) e Marcuse (1898-1979). Ghiraldelli Júnior (2007) afirma que esses filósofos leem Freud e entendem que o homem, para civilizar-se, desenvolve uma guerra contra si mesmo, de modo a aprender a conter seus impulsos; e, então, aliam essa tese freudiana à visão de Marx a respeito das malícias da industrialização diante dos corpos humanos.

Adorno e Horkheimer falam em conceitos freudianos como repressão¹ e sublimação², mas banhados em uma análise sociológica em que a divisão do trabalho escapa da fábrica para abraçar toda a vida social, criando o que chamam de *sociedade administrativa*. O homem, para ter o corpo e os movimentos adequados ao mundo da “total administração”, precisa de limites. Teria de alcançar o autocontrole e, então, elevar-se ao mundo espiritual, deixando de lado “instintos destrutivos”, tipicamente corporais, por meio do processo de sublimação. Segundo

¹ “Repressão, em sentido amplo, é a operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão. Em sentido mais restrito, designa certas operações do sentido diferentes do recalque: ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente; ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente, mas inibido, ou mesmo suprimido.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.457)

² “Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.495)

essa teoria, se o homem não alcança a sublimação, sendo controlado apenas exteriormente pela repressão, em determinado momento seus instintos voltam à tona e seu corpo se desenvolve como máquina de violência contra outros corpos, pois estes passam a ser vistos como os que o tiraram de seu *habitat* natural (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007).

Os processos de esclarecimento e racionalização advindos do Iluminismo, para Horkheimer e Adorno, pagam preços altos para se efetivar, nem sempre nos conduzindo a mais liberdade e mais felicidade. Nesse desenvolvimento surge o amor-ódio pelo corpo que conduz a humanidade em seus progressos e desprazeres (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007). Ou seja, existe a atração, nosso amor evidente pelo corpo, mas também há uma busca incansável de fazer do corpo algo que não nos excite nem nos espante, por perdermos todo o controle de nós mesmos – a morte e o prazer sexual máximo, ou mesmo a dor máxima são alguns desses momentos, por exemplo –, em uma tentativa de nos afastarmos do corpo, odiando-o. Queremos saber sobre o corpo, contanto que ele não nos lembre de situações que parecem corruptoras como a morte ou a dor.

Os ideais de uma vida liberal, propagada na Contemporaneidade, se realizam como pseudoliberalidade. Ghiraldelli Júnior (2007) coloca que Horkheimer e Adorno defendem que poderíamos falar aqui que o amor-ódio pelo corpo deixa de ser esporádico para englobar todas as manifestações culturais de um modo bastante abrangente. Há um controle máximo de tudo, pois há a admissão intrínseca de que ninguém passou pelo correto processo de sublimação. Todos precisam ser continuamente reprimidos em graus diferentes.

Essa concepção proposta pelos frankfurtianos prende-se ao problema do corpo sob o peso de estruturas do mundo do trabalho, considerando o corpo mais como sede de pulsões, instintos que são coibidos para que exista economia de prazeres e dores e, nesse sentido, desenvolvimento social. Na busca de soluções para seu sofrimento, o homem procura na tecnologia, nos cosméticos e psicofármacos amenizar sua angústia gerada pelo consumo do corpo.

Podemos afirmar, assim, que o corpo tem sido comercializado. Deixar pessoas inseguras quanto ao seu estado físico pode render um lucro elevado, se pensarmos que a indústria voltada para a estética, e aqui se inclui a indústria da dieta, é um exemplo de atividade que consegue ser extremamente bem sucedida, pois é um ramo construído em cima do fracasso do sujeito.

Em entrevista ao programa Milênio³, a psicanalista britânica Susie Orbach fala sobre o culto ao corpo dito perfeito nos dias atuais. Ela comenta que o mercado da indústria estética se tornou tão bem sucedido e a relação das mulheres com o corpo foi desconstruída com tanta facilidade e brilhantismo que as mesmas soluções foram oferecidas aos homens. Isso teria começado aproximadamente no final dos anos 1980 quando o padrão do emprego estava mudando – deixava de ser por toda a vida –, e começava a se questionar a respeito da masculinidade. As revistas masculinas da época eram feminizadas, preocupando-se apenas em mostrar fotos de mulheres nuas ou seminuas, como Playboy, Ele & Ela e Status, e começava a revolução do “tanquinho” – abdomens malhados. Iniciava-se a idealização de tipos físicos específicos em oposição ao ideal do homem digno e sem peso adequado.

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual (NÓBREGA, 2001). Existe um modelo de beleza corporal que é construído e pelo qual as pessoas são primeiramente avaliadas quanto à sua condição física, moldando uma sociedade padronizada física e ideologicamente. Essa abordagem estética diz respeito aos diferentes sentidos produzidos pelo corpo, que se apresenta como suporte de signos sociais.

2.3 O corpo humano como suporte de signos sociais

O corpo é uma espécie de escrita viva no qual as forças imprimem vibrações, ressonâncias e cavam caminhos. O sentido nele se desdobra e nele se perde como num labirinto onde o próprio corpo traça os caminhos. (LE BRETON, 2007, p. 11)

O corpo tem sido objeto de interesse na análise cultural contemporânea decorrente de sua centralidade em nossa sociedade. Manter um corpo bonito e saudável por meio da dieta, do exercício físico, de drogas medicinais e de

³ Programa Milênio, exibido pelo canal Globo News, edição de 08/02/2010.

intervenções cirúrgicas parece ter se tornado uma das principais obsessões da sociedade atual (SILVA, 2000).

Esse interesse pelo corpo coloca em xeque o postulado dualista da separação entre corpo e mente. Para Silva (2000), na teorização tradicional, como vimos anteriormente, o corpo é considerado o substrato biológico, naturalmente dado e inquestionável, sobre o qual se erguem, de forma separada e independente, os sistemas sociais e culturais de significado. A análise cultural contemporânea questiona esse postulado, argumentando que o corpo é, ele próprio, um construtor cultural, social e histórico, plenamente investido de sentido e significação.

Olhar para o corpo é procurar decifrar uma outra linguagem que fale da sociedade, de sua dinâmica, de seus conflitos e de suas mazelas. Nosso código linguístico nos impõe limites que, em última análise, são os limites da própria cultura. O sujeito é um efeito de linguagem e a constituição mesma do sujeito passa obrigatoriamente por uma alienação primordial, que é operada no e pelo ingresso do sujeito na cultura e na ordem da linguagem, formando assim o que concebemos como sociedade. Neste contexto, a opção do sujeito contemporâneo se dará predominantemente pela via do desejo.

Transmitimos, por meio do corpo, a maneira como queremos ser considerados e o que desejamos falar sobre nós mesmos. O corpo é um signo, uma espécie de cartão de visita que expressa quem somos, como nos percebemos e como nos posicionamos no mundo; o corpo se comunica conosco. Esse posicionamento é definido, muitas vezes, por marcas que a cultura impõe aos indivíduos.

Para Medina (1987) as marcas sociais já se fazem sentir desde o processo da gestação, quando já se definem algumas marcas do indivíduo ao ser concebido pelo que é a mãe e o pai, geneticamente falando. Do instante do parto ao decorrer do desenvolvimento do bebê, a cultura começa a se impor em relação ao biológico e novas etapas são cumpridas: o elo entre o seio e a boca, as manifestações dos dedos, das mãos, das pernas, dos olhos, dos ouvidos, em uma ânsia de expressar vida. Um pouco mais tarde, as pernas promovem certa independência corporal e a boca e a língua começam sua articulação, possibilitando gritos das dores e desconfortos e risos das alegrias e prazeres, até que se chega à palavra por meio de murmúrios como *mamã* e *papa*.

A dependência biológica cede espaço à cultura; o corpo é apropriado pela cultura, tornando-se um suporte de signos sociais na medida em que assimila progressivamente as regras sociais – os limites da própria cultura. O corpo da criança é marcado por um conjunto de regras socioeconômicas que sufoca, domestica, oprime, reprime, educa. É assim que, culturalmente, se faz o nosso corpo – a sociedade o modela.

A sociedade age sobre o corpo por meio de regras de etiqueta, sanções e proibições, de prêmio e castigos, de leis e penas, de normas e códigos, e tudo isso se reflete na forma de andar, saltar, dormir, amar, alimentar. Nesse sentido, o corpo é uma encruzilhada de acontecimentos culturais e sociais, animais e psíquicos, uma confluência de fenômenos, uma rede de emoções, uma teia de movimentos, um repertório inesgotável de gestos (VARGAS, 1990).

Ainda segundo Vargas (1990), o corpo é uma confluência de forças sociais, marcado por sistemas de parentesco, políticos e religiosos; a sociedade se faz presente nas menores ações humanas. Em cada cultura, essas práticas traduzem mensagens, geralmente inconscientes, sobre o que é certo e o que é errado, o que é próprio dos homens e o que é animal, o que é igual e o que se difere, o que é sagrado e o que é profano, o que é digno e o que é indigno.

Para o autor, o corpo é um complexo de símbolos que vai além de si mesmo; pode dar nascimento a várias linguagens – fala-se com as mãos, com os olhos, com o rosto, com o corpo inteiro. Por outro lado, qualquer palavra pode ser inscrita no corpo. Em nossa sociedade, a forma mais eficaz de se inscrever no corpo é por meio da educação. Deve-se destacar que é a sociedade que decide o ideal intelectual, afetivo, moral ou físico que a educação deve implementar nos indivíduos a socializar. É preciso que o corpo esteja envolvido por todos os ritos e mitos que nos façam sentir que pertencemos a determinada classe, a certo povo ou nação.

De acordo com Gesser, Grandó e Brognolli (2001), o homem, quando não possui os atributos estabelecidos culturalmente, fugindo dos padrões que definem alguém como normal, é diferenciado não só pelos títulos que recebe, como também pelas formas de tratamento que a todo momento o evidenciam como um ser diferente, por ser um corpo com níveis de capacidade, potencialidade e limites fora da padronização estabelecida. Ressaltam que, ao expressar uma cultura corporal, a sociedade pode gerar regras relacionadas ao corpo, fazendo com que o mesmo

sofra uma série de repressões, seja foco de preconceitos e normas sociais face à padronização de um conceito único de beleza.

Reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas ao nosso redor um dos diversos indicadores da nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função desse atributo. O corpo de hoje é carregado cada vez mais de conotações – liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; cultivado higiênica, dietética e terapêuticamente; objeto de obsessão de juventude, elegância e cuidados; um corpo manipulado pela mídia e transformado em mercadoria e objeto incondicional de todo e qualquer desejo (VARGAS, 1990), já que, na contemporaneidade, observamos a dominância do discurso capitalista, que não leva em conta o sujeito, mas sim a necessidade de produção de novos objetos.

A relação do indivíduo com seu corpo, segundo Le Breton (2007), ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, a conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si. A beleza deixou de ser apenas um ideal e se tornou um imperativo para se viver a vida (LE BRETON, 2003).

Retomando Foucault, Medina (1987) afirma que há uma relação entre o corpo e o poder institucional – o domínio e a consciência de seu próprio corpo só podem ser adquiridos pelo efeito do investimento no corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação da beleza são conduzidos pelo desejo de buscar um corpo sadio e idealizado pela cultura.

Para Foucault (1986), nesse investimento sobre o corpo já não há mais a forma de controle-repressão, mas o controle-estimulação, porque a valorização e a exploração do corpo são faces de uma mesma moeda. “Fique nu... mas seja magro, bonito e bronzeado!” (FOUCAULT, 1986, p.83). O autor demonstrou como o exercício de poder significa algo de muito material e assim refutou a ideia de que a fala sobre a saúde, o sexo, a estética corporal não se vincula às estratégias de dominação, mas, ao contrário, tudo faz parte de uma economia de poder muito mais eficaz, por meio da disciplinarização dos corpos transformados em corpos dóceis, como forma de controle social. O assujeitamento do corpo intensifica o desejo por modelos estéticos cada vez mais sedutores.

A moral, para além dos acordos, contratos, códigos, é agora produzida, ensinada, educada, vigiada e controlada dentro do dispositivo de normatização.

Nesse contexto, devemos introduzir a questão da sexualidade, pois falar, escutar, escrever e praticar a sexualidade, mais do que uma conquista do nosso tempo, é uma técnica de controle, segundo Camargo e Hoff (2007). A sociedade contemporânea precisa falar de sua sexualidade como meio de revelar e divulgar os dispositivos de poder, de saber e de controle sobre os corpos.

Conhecer esses dispositivos ajuda o sujeito a melhor se enquadrar, encontrar na sua fala o seu jeito de ser e os melhores meios de sujeição às práticas de controle da sexualidade e, por consequência, ao controle de uma sociedade capitalista em que estamos inseridos. Um capitalismo que visa lucros acima de tudo, por meio de corpos dóceis que se submetem ao consumo (CAMARGO; HOFF, 2007).

Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder (...) Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? (FOUCAULT, 1986, p.147)

Camargo e Hoff (2007) propõem que, ao colocarmos o sujeito no lugar do dispositivo da sexualidade, ela conseguirá transmitir seu poder, estimulando o consumo – seu meio de sobrevivência – por meio do corpo transformado em produto. A sexualidade torna-se uma mercadoria a ser consumida. Toda associação de mercadoria e sexualidade é possível somente porque são códigos conhecidos, pertencentes ao imaginário constitutivo de uma classe e por isso permitido. Do contrário, não venderia. Nosso desejo está disciplinado. Reconhecemos o estímulo e o aceitamos, porque nosso desejo e nossa sexualidade passaram por processos de pedagogização. Desejamos, é fato, mas trata-se de um desejo reformado, enquadrado, modificado e normatizado.

Assim, se o objetivo do capitalismo ao disciplinar é forjar um corpo dócil que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado, quando investigamos o corpo na sociedade capitalista, perguntamo-nos que corpo é esse que nos remete a uma ampliação do saber do corpo e implica no corpo da atualidade.

O corpo, para Medina (1987), não deve ser apenas um objeto cuja preocupação básica é o rendimento e a produtividade de lucro, sendo inscrito como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, gordo ou magro, sensual ou impotente, novo ou velho, deixando-se de lado sua natureza dialética

para cumprir a função de reprodutor ou consumidor dentro da engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem que tem como meta a lucratividade a qualquer custo.

O corpo jovem passou a funcionar, na cultura contemporânea, como indexador econômico, regulador de uma multiplicidade de investimentos. A exaltação corporal, através da eternização da juventude, conclama a beleza como aparência de felicidade, sucesso e imortalidade. Assim, é produzida a imagem do belo corpo que traduz o anseio atual. O corpo cortado, recortado e aspirado nas intervenções cirúrgicas, malhado e suado nas academias, adornado pelo consumo, é o corpo ideal, transformado em signo cultural e fonte de capital. (GARRITANO; SADALA, 2009)

A recente valorização da questão corporal como lugar de observação privilegiado problematiza o discurso contemporâneo, atento ao corpo que produz a serviço do capital. O corpo da sociedade industrial, instrumento da produção, lugar de disciplina e controle, agora se destina a ser objeto da fabricação incessante de serviços e desejos (PALADINO, 2005).

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo (...) tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 1986, p. 146)

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais que um conjunto de músculos, ossos e afins, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, sendo definido fundamentalmente pelos significados culturais e sociais que a ele se atribuem. Para Couto (2005), isso leva a uma urgente necessidade de remodelagens física e mental para adequar o sujeito aos desafios da atualidade.

Se o corpo é mensagem, informação, comunicação, em sua singularidade, o que esse corpo, tal como o acabamos de constituir, comunica atualmente? Que informações ele carrega? O que o faz tão singular?

2.4 O corpo na contemporaneidade

Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, o reservatório de conhecimento e de serviços à disposição dos indivíduos estendeu-se desmesuradamente. A maleabilidade de si, a plasticidade do corpo tornam-se lugares-comuns. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento. (LE BRETON, 2007, p.27)

Vivemos em um contexto socioeconômico que exige perfeição e competência e é comum o estabelecimento, por meio da cultura, de modelos padronizados de ser que as pessoas adotam como regras e procuram seguir fielmente. Um modelo que vem sendo intensamente cultivado é o do corpo “perfeito”, em que somos solicitados a investir e pelo qual também acabamos sendo avaliados.

Esses padrões socialmente construídos definem o que significa, atualmente, normal/saudável. A cultura de nosso tempo e a ciência por ela produzida e que também a produz, ao responsabilizar o indivíduo pelos cuidados de si, enfatiza, a todo momento, que somos os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter.

O culto ao corpo bonito, promovido pela mídia, domina a cultura. Corpo esbelto e magro na mulher, seios e nádegas protuberantes; pouca gordura, sem flacidez, celulite ou rugas. Homens não escapam ao culto; com a pressão por barriga lisa e peitos rígidos, músculos torneados, cabelos fartos e rosto magro recorrem, assim como as mulheres, a remédios, cremes, produtos dietéticos ou cirurgias plásticas para alcançar o físico ideal se a natureza e os exercícios não contribuírem.

Na atualidade, o padrão de beleza estabelecido pela cultura é essencialmente ocidental, mas é exportado ao mundo todo e todos são convidados a fazer parte dessa noção de beleza global, desde a infância até a velhice. Faz parte da integração à cultura contemporânea se apropriar e imitar padrões estéticos do Ocidente. O modelo ideal, segundo Orbach⁴, cobra um preço; a vergonha do corpo se transforma em insegurança e depressão. Abala crianças, adolescentes e adultos que não preenchem os requisitos do corpo perfeito.

⁴ Susie Orbach, psicanalista britânica, em entrevista ao Programa Milênio, exibido pelo canal Globo News, edição de 08/02/10.

Ainda de acordo com Orbach, existe muita aflição em relação ao corpo. Qualquer imagem visual que cruza nossos olhos reconstrói nossa relação conosco mesmos. Então, começamos a nos criticar e, em seguida, passamos a desejar aquilo que vemos e sonhamos ter aquele corpo idealizado.

Sentimos que o nosso corpo não nos pertence, que ele não é adequado e desejamos outro corpo por nos sentirmos feios ou gordos demais. Muitos desses sintomas podem ser vistos como tentativas de conquistar um corpo que nos satisfaça, uma busca do indivíduo por uma maneira de prestar atenção ao próprio corpo e encontrar um alívio ou alguma satisfação que geralmente não é encontrada.

As referências ao corpo são introduzidas em quaisquer experiências de vida das pessoas, como se o corpo fosse um objeto que precisa ser consertado, aperfeiçoado e capaz de trazer soluções para outros problemas. Um corpo moldado pela cultura. A palavra moldar, segundo Orbach, representa o homem como uma escultura que precisa ser esculpida. Hoje não é positivo aparentar ter sinais de envelhecimento ou nada que remeta ao fato de que já se passou pela fase de reprodução e já se tem idade mais avançada.

A luta contra o envelhecimento pelo recuo dos limites da terceira idade confere, para Ory (2008), o máximo de terreno às operações que tem por objetivo eliminar, atenuar ou retardar rugas, manchas ou outros sinais de decrepitude. Para a cultura de consumo, o corpo é considerado veículo de prazer, estando associado a imagens idealizadas de juventude, saúde, aptidão e beleza, que favorecem a expansão da indústria da moda, cosméticos, academias de ginástica e afins.

Felipe (2005) afirma que o constante apelo à beleza, que se expressa por meio de um corpo magro e jovem, e que, para se manter dentro desses padrões, precisa cada vez mais se submeter a sacrifícios e cuidados, tem encontrado acolhida não só entre adultos mais velhos, mas também entre jovens e crianças que frequentam academias de ginásticas cada vez mais cedo, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas tudo em nome da beleza. É a transformação da anatomia visando à preservação do vigor, juventude, beleza e aparência saudável.

De uma maneira mais objetiva, Medina (2008) nos diz que, de repente, cuidar, moldar, cuidar do corpo passou a ser moda e providências foram tomadas e colocadas no mercado para que as mais recentes “necessidades” das pessoas fossem atendidas. Necessidades que vêm da ideia de que é preciso cuidar do corpo, tirar o excesso de gordura, melhorar a performance sexual, melhorar o visual,

competir e, acima de tudo, vencer. Vencer no esporte e na vida, mesmo, muitas vezes, não sabendo o que seja vencer na vida.

Neste panorama, há uma demanda da sociedade de consumo por práticas que se utilizam do corpo, por meio de seus movimentos, para desenvolver um trabalho corpóreo que contribua para que o indivíduo aprenda a se perceber, a ter consciência de si, ou seja, aprenda a viver sua condição corporal.

Corpo pensado, corpo objeto. Corpo manipulável, disciplinado pelos requintes do tempo e em busca do futuro. Vida vivida na projeção, nada mais natural, pois a vida é de uma idéia de corpo. Corpo abstrato, coisificado, sem sujeito, corpo do homem sem o humano. (MOREIRA, 1994, p.54)

Para Gaiarsa (1994), o trabalho corporal pode promover um desenvolvimento psicológico e físico do sujeito, influenciando em sua integração social, por meio de uma modulação do seu corpo às imposições sociais, decorrentes da busca eterna pela juventude e pelos aspectos convenientes à saúde.

Nessa perspectiva, depois de discutido como o corpo é visto e usado na sociedade atual, nos capítulos subsequentes discorreremos sobre o adolescente por meio da perspectiva psicanalítica e a questão da imagem corporal na adolescência, para, posteriormente, analisarmos o corpo e a imagem corporal na adolescência contemporânea.

3. ADOLESCÊNCIA

Nesse capítulo trataremos do conceito de adolescência para a Psicanálise para depois discutirmos como o adolescente está inserido na sociedade atual. Na sequência, trabalharemos esse estudo vinculando-o ao conceito de imagem corporal e como esta acontece na adolescência.

3.1 O que é adolescência

Na atualidade, segundo Macedo, Azevedo e Castan (2004), estamos familiarizados com o termo adolescência para designar o período do ciclo vital que faz a intermediação da infância e da idade adulta, assim como todas as mudanças necessárias para alcançar tal fase do desenvolvimento. As autoras defendem que é um momento de viver sentimentos, dúvidas, desafios, questionamentos, relacionamentos intensos, buscas. A adolescência é marcada por fortes emoções e intensas transformações, como vergonha, dúvidas, desconhecimentos, irreverência. É nessa fase que se adquire o amadurecimento do raciocínio abstrato, favorecendo pensar de modo lógico sobre ideias e conceitos complexos.

Muitas vezes confundida com a puberdade, que está relacionada com a transformação de aspectos físicos, a adolescência abrange aspectos psicossociais. A tendência é reservar o termo puberdade para as modificações biológicas que ocorrem nessa faixa etária e adolescência para as transformações psicossociais que as acompanham. De acordo com Pratta (2008), as características psicológicas, as manifestações comportamentais e a adaptação social têm sido interpretadas como vinculadas à cultura e ao tipo de sociedade em que a adolescência acontece.

Nem sempre o início da adolescência coincide com o da puberdade; tanto pode precedê-la, como sucedê-la. Além disso, se o advento da puberdade tem evidências físicas bem definidas, o mesmo não ocorre com a adolescência. Nesse sentido, a adolescência tem limites pouco definidos, já que as transformações biopsicossociais não acontecem de maneira articulada e simultânea, estando sujeita ao contexto histórico e cultural em que o sujeito está inserido.

É difícil estabelecer limites cronológicos precisos para essa etapa da vida. Em uma declaração conjunta, feita em 1998 pela Organização Mundial de Saúde – OMS, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF e o Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, estabeleceu-se que a adolescência refere-se aos indivíduos que têm entre 10 e 19 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) determina uma série de direitos e deveres do adolescente, considerando criança a pessoa até doze anos incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

A dificuldade em se determinar o fim da adolescência fica evidente em lei, quando em contradição com o ECA, a legislação referente ao Imposto de Renda de Pessoa Física – IRPF e ao Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS considera a maioridade aos 21 anos e, em casos de estudantes universitários, 24 anos, apesar de o Código Civil declarar a maioridade aos 18 anos, e para a Legislação Eleitoral o indivíduo poder, mesmo que facultativamente, votar aos 16 anos.

A OMS (2011) define a adolescência "como o período da vida em que o indivíduo adquire a maturidade reprodutiva, transita dos padrões psicológicos da infância à idade adulta e estabelece sua independência socioeconômica". Trata a adolescência como uma fase entre a infância e a idade adulta, que cronologicamente é iniciada por mudanças na puberdade e é caracterizada por profundas transformações biológicas, psicológicas e sociais, muitas delas gerando crises, conflitos e contradições. Não é apenas um período de adaptação às transformações corporais, mas uma fase de grande determinação para uma maior independência psicológica e social.

Pagnoncelli (2008) completa ao dizer que é na adolescência que definimos quem somos – depois de trocar de opinião por diversas vezes –, vemos nosso corpo mudar radicalmente, temos uma relação de amor e ódio com os pais, as amizades se tornam fundamentais e intensas, variamos de humor e de paixões repentinamente. Em outras palavras, convive-se com um turbilhão de mudanças e sentimentos ambíguos.

O adolescente tem de compor, com seu novo corpo, uma nova maneira de pensar, além de sentimentos e desejos inéditos e competências sexuais desconhecidas até então (CLERGET, 2004). A adolescência é descrita por Breinbauer (2008) como um tempo de curiosidade sem precedentes sobre a vida e pela decifração do psiquismo do sujeito. Essa curiosidade é alimentada pela energia

sem limites e por uma sensação nascente de independência e poder, aproximando o adolescente da perspectiva de se tornar adulto.

Há que se ter em conta que o conceito de adolescência nem sempre existiu, trata-se de uma invenção discursiva datada de meados do século XVIII e consolidada em seu emprego no século XIX, tendo as revoluções industriais como pano de fundo. Barros (2009) defende que a adolescência surge de uma sociedade contemporânea e maquinaísta, avançada em suas descobertas científicas e técnicas, com características diferentes das gerações precursoras. A subjetividade do adolescente é evidenciada pela cultura, seus valores, possibilidades e potencialidades presentes em um dado corpo social.

A vida social moderna e industrial, com suas variadas opções de trabalho, de relações sociais e econômicas, de racionalização e cientificidade, vai conceituar sua adolescência de forma bem mais complexa que outros tipos de civilização mais primitivos e simplistas. As sociedades modernas começam, então, a evidenciar e valorizar as peculiaridades presentes no mundo da infância e da adolescência. Fica evidente a importância dada ao preparo no mundo infantil para a entrada no mundo adulto. (BARROS, 2009, p. 44)

Segundo Avila (2005), antes das revoluções industriais, reconhecia-se apenas a puberdade. A autora cita Ariès (1986) ao dizer que, por muito tempo, as crianças eram introduzidas no mundo do trabalho a partir dos sete anos e, conseqüentemente, a adolescência não era considerada um período particular de desenvolvimento. Em conseqüência da complexidade das sociedades contemporâneas industrializadas foi-se criando um espaço intermediário entre a infância e a idade adulta, entre a maturidade biofisiológica e a maturidade psicossocial.

No que concerne ao ocidente, o final do século XIX marca um ponto de ruptura (...). A revolução industrial muda muita coisa e o faz de maneira bastante notável. Começou, com a industrialização, a se tornar importante a capacitação, a formação, o estudo. (PALACIOS, 1995, p. 264)

A permanência do indivíduo por um período maior na escola, de acordo com Avila (2005), retardou a incorporação ao status adulto por este, culminando no que foi denominado de adolescência, tornando-se uma fase do desenvolvimento com características próprias, institucionalizado como um período de mudanças, de conflitos, em que não se é mais criança, mas ainda não se tornou adulto.

Hoje, segundo Osorio (1992), com o aumento da fase de dependência dos filhos em relação aos pais, principalmente no que diz respeito à dependência financeira, há um choque com as formas de desenvolvimento já alcançadas pelo adolescente na puberdade, criando tensões e conflitos com os pais.

Seguindo esse raciocínio, Dayrell (2003) descreve várias imagens a respeito da adolescência que interferem na nossa maneira de compreendê-la, sendo uma das mais correntes a do adolescente visto em sua transitoriedade, tendo em seu futuro a passagem para a vida adulta, justificando suas ações no presente. Há também uma visão romântica, fortalecida pela indústria cultural e por um mercado consumidor voltado aos jovens, traduzido na moda, no lazer, nas músicas, nas revistas, entre outros, em que a adolescência é sinônimo de liberdade, de prazer, de comportamentos exóticos, sendo permitido o hedonismo e a irresponsabilidade por ser um tempo de ensaios. Por fim, Dayrell (2003) diz de uma terceira adolescência, vista como um momento de crise, uma fase marcada por conflitos com a estima e/ou com a personalidade, e, por consequência, um período de distanciamento da família.

Nessa tendência, a adolescência é definida por Stubbe (2008) como a fase do desenvolvimento que compreende a transição da confiança relativamente completa nos pais para a autoconfiança quase completa no manejo da própria vida. Esse período começa na puberdade, com as mudanças físicas que iniciam o amadurecimento sexual.

Em resumo, o conhecimento da adolescência está vinculado à compreensão das transformações corporais da puberdade e suas repercussões psicológicas, à evolução do desenvolvimento cognitivo, às modificações da socialização que ocorrem nesta fase da vida e ao processo de construção da identidade (MAAKAROUN; SOUZA; CRUZ, 1991). Iniciaremos esse estudo da adolescência com a conceituação da puberdade.

3.2 As Transformações Corporais - Puberdade

A puberdade é o período de transição biológica entre a infância e a vida adulta, quando ocorrem intensas modificações corporais. O desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários e o notável crescimento somático marcam a metamorfose do corpo infantil. As mudanças/transformações corporais impõem, necessariamente, a perda definitiva do indivíduo da sua condição de criança.

Eisenstein (2005) explica que essas mudanças fisiológicas são resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal e são parte de um processo contínuo e dinâmico, que se inicia na vida fetal e termina com o completo crescimento do indivíduo. Esse sistema diferencia e funciona durante a vida fetal e início da infância e é então bloqueado para uma atividade de baixo nível por quase uma década e reativado durante a puberdade. Isso justifica porque existem dois períodos de vida relativamente curtos em nossa existência com grandes transformações corporais: o primeiro ano de vida e a puberdade.

O início, o tempo de maturação e a velocidade com que ocorrem as mudanças corporais são próprios de cada indivíduo e regulados pelo processo neuroendócrino. Assim são determinadas as características da aceleração do crescimento e o estirão puberal, o desenvolvimento das características secundárias e a capacidade de fecundação, com a ovulação e a espermatogênese, garantindo a perpetuação da espécie (EISENSTEIN, 2005). Detalharemos a seguir esse processo.

A puberdade inicia-se com o crescimento dos pelos, particularmente em certas regiões do corpo, tais como as axilas e região pubiana, tanto nos meninos como nas meninas, como resultado da ação hormonal que desencadeia o processo puberal. Estas e outras modificações dão-se principalmente a partir do desenvolvimento das gônadas, ou seja, dos testículos nos meninos e dos ovários nas meninas (OSORIO, 1992).

Nos homens, os testículos secretam, entre outros hormônios, a testosterona, enquanto nas mulheres, o ovário produz estrógeno. Ambos os sexos produzem os

dois hormônios citados, porém em quantidades distintas e significativas para cada sexo.

O amadurecimento das células germinativas masculinas e femininas possibilita à menina a menarca (primeira menstruação) e ao menino a semenarca (primeira ejaculação), indícios exteriores da capacitação biológica para as funções de procriação. O início da fase da puberdade é variável, sendo influenciada por diversos fatores, como genética e etnia, ocorrendo, geralmente, entre os 10 e 14 anos de idade. Essas transformações biológicas são universais, acontecendo de maneira semelhante em todos os seres humanos (EISENSTEIN, 2005). O quadro a seguir aponta algumas das principais características femininas e masculinas.

Características Masculinas	Características Femininas
a) Início da produção de espermatozoides;	a) Início do ciclo menstrual
b) Aumento dos testículos e do pênis;	b) Desenvolvimento das glândulas mamárias;
c) Crescimento de pelos na região pubiana, nas axilas e no rosto;	c) Crescimento de pelos na região pubiana e nas axilas;
d) Aumento da massa muscular;	d) Alargamento do quadril;
e) Alteração da voz;	e) Aumento de gordura nas nádegas, nos quadris e nas coxas.
f) Aumento do peso e da estatura.	

Quadro 1 – Quadro das principais características femininas e masculinas na Puberdade

Fonte: Adaptado de MAAKAROUN, SOUZA e CRUZ, (1991)

Em resumo, o indivíduo vive transformações biológicas profundas, que levam a mudanças físicas e hormonais, que exigem do psiquismo um duro trabalho de luto e elaboração. O corpo adquire novas e visíveis formas (PALADINO, 2005).

Além das transformações biológicas, a puberdade interfere psicologicamente nos adolescentes e, conseqüentemente, em seu comportamento, principalmente no que se refere à sexualidade. A seguir, falaremos da puberdade para Freud.

3.2.1 Puberdade e Adolescência em Freud

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, e na “Conferência XXI – o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”, de 1917, Freud aborda o tema da puberdade e o processo da adolescência. Stubbe (2008) afirma que Freud denominou a adolescência de fase genital, em que há uma recapitulação das fases precedentes. Desenvolve-se a formação da identidade adulta, a separação da família, a capacidade biológica para o orgasmo e a capacidade psicológica para a intimidade verdadeira.

Para darmos continuidade a esse estudo, visto que nessa fase há uma verdadeira recapitulação de todas as etapas do desenvolvimento, que é sexual e psicossocial, devemos primeiro entender todo esse contexto.

O desenvolvimento psicosexual pode ser observado desde o nascimento, por meio da libido, sumariamente definida como a energia que alimenta a conduta sexual (SOUZA, 2008). De acordo com determinadas fases do desenvolvimento, a libido possibilita a constituição de zonas erógenas, que são fontes de diversas pulsões parciais e determinam com maior ou menor especificidade um certo tipo de meta sexual.⁵ A libido se organizará nas seguintes fases: oral, anal, fálica e genital, sendo que entre as fases fálica e genital teremos o período de latência.

A primeira fase é a erogenização da zona oral, em que a fonte de prazer está concentrada na boca, primeiro meio que o bebê terá para conhecer e provar o mundo; é a fase da amamentação. Ou seja, a primeira e mais importante descoberta afetiva do bebê será a do seio materno – primeiro objeto da pulsão sexual. O bebê, em sua atividade de sucção, abandona esse objeto e o substitui por uma parte do próprio corpo. A modalidade da relação oral será a incorporação – primeiro mecanismo de introjeção em que o bebê, ao incorporar o leite e o seio, sentirá ter a mãe dentro de si.

É pela boca que se irá formar um vínculo de prazer em si que pode permitir a formação da afetividade. Este processo de progressivas ligações emocionais, que denominamos desenvolvimento das relações objetais, começa com o amor que o

⁵ “Pulsão é o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo. Tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.394)

bebê dirige inicialmente ao seio materno e, posteriormente, à figura da mãe, do pai, às outras pessoas e aos objetos externos do mundo até a futura constituição da afetividade genital adulta.

A segunda fase é a erogenização da zona anal. Nesta fase a criança começa a ganhar conhecimento e aprende a controlar as suas excreções. A fantasia básica está relacionada ao valor simbólico das fezes – objetos que geram prazer na criança ao serem produzidos. A criança valoriza suas fezes como se fossem presentes, assim presenteia com as mesmas a quem preza de modo especial. Pela primeira vez a criança precisa renunciar ao prazer pela respeitabilidade social. Nessa fase, duas modalidades de relação serão estabelecidas: a projeção e o controle.

Laplanche e Pontalis (2001) definem a projeção como um mecanismo de defesa, sendo uma operação na qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro tudo aquilo que ele desconhece ou recusa nele; objetiva a destruição do objeto. Já o controle está relacionado à retenção e, como o próprio nome diz, ao controle possessivo do objeto. Cria-se a polaridade expulsão/retenção relacionada a uma ambivalência representativa de conflitos oriundos dessa fase.

Em outras palavras, na estrutura perceptiva menina e menino não possuem diferença sexual, pois ambos comem e defecam da mesma forma. Até a etapa anal não somos homens e nem mulheres; não há necessidade desta divisão. O que se encontra é a divisão entre o passivo, destinado ao feminino e o ativo para o masculino, caracterizando a retenção ou não das fezes.

Na fase fálica, terceira fase de organização libidinal, a diferenciação sexual se dará pela presença ou ausência do pênis, ou seja, a libido se concentra no órgão sexual masculino, já que no menino tudo se mostra, diferente da menina. No menino há um sentimento de superioridade, pois possui pênis. Assim, há um superinvestimento nesta posse; o menino se compromete com aquele órgão que lhe propicia prazer e se enamora do próprio pênis.

Já o feminino é caracterizado pela não posse do órgão. Quando a criança percebe que a menina não tem o pênis, acredita que ela tinha, mas o perdeu devido a alguma punição; há uma negação da diferença sexual. A vagina é e continuará sendo desconhecida ainda por muito tempo, ou seja, ainda há a fantasia de que meninos e meninas possuem o órgão fálico.

A menina acredita que seu pênis irá crescer. Quando percebe que apenas o homem é portador do falo, esta fica na condição de castrada. Assim, a mulher

atribui-se como um elemento inferior. O objeto no qual se organiza o complexo de castração não é o órgão anatômico peniano, mas a representação deste, ou seja, o que a criança tem como objeto possuído por alguns e ausente em outros não é o pênis, mas sua representação psíquica – o falo.

Para Freud (1917/1987), o Complexo de Édipo é uma estrutura, uma organização central e alicerçadora da personalidade humana. Afirma que o Édipo é o momento decisivo em que culmina a sexualidade infantil e em que se decide o futuro da sexualidade e das personalidades. O conflito edipiano é, então, situado entre três e cinco anos, na fase fálica, quando um só órgão sexual é reconhecido pelas crianças dos dois sexos, o pênis. Designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos. Os sentimentos de pudor e repugnância, a identificação com os pais, o fortalecimento das repressões e o desenvolvimento de sublimações⁶ são características dessa fase.

Com a Teoria da Castração, Freud desfaz a simetria entre o Édipo do menino e da menina. Esta teoria torna-se o princípio organizador não apenas da diferença das gerações como da diferença dos sexos. Com a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, tanto para o menino quanto para a menina, passa a haver duas categorias de indivíduos: os fálicos e os castrados.

Sendo assim, podemos entender que o Complexo de Édipo ocorre de maneira distinta para o menino e para a menina. Freud conclui que todo menino possui uma paixão ardorosa pela mãe e um ciúme repleto de sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação ao pai. A descoberta da castração materna simboliza o declínio do complexo de Édipo, que é marcado pela angústia da castração: o menino sofre porque também pode perder o pênis. Já o amor pelo pai torna-se admiração, ao passo que o objeto materno é desvalorizado. Por meio de sucessivas identificações parentais, elabora-se o supereu estruturado pela interiorização da proibição.

Já a menina ingressa no Édipo pela descoberta de sua castração e a inveja do pênis – a única zona erógena é o clitóris: órgão feminino cuja inferioridade real é ressaltada pela comparação com o pênis. A menina aprende que menina é igual a

⁶ “Sublimação é o processo para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.495)

menino que não deu certo, invejando o pênis. Constitui com dificuldade o supereu, já que o itinerário feminino está submetido a dois imperativos: mudar o sexo do objeto libidinal – abandonar a mãe pelo pai, e mudar o órgão sexual – abandonar o clitóris pela vagina, sendo que esta última mudança somente ocorrerá na fase genital.

A menina se afasta da mãe porque a odeia por não a ter dotado do pênis e a despreza por ser ela mesma castrada, voltando-se para o pai, para que ele lhe dê o pênis tão invejado, que a tornará, por fim, semelhante a ele. A lei da interdição do incesto a impede de ter um filho com o pai – castração. O conflito edipiano tende a eternizar-se na mulher.

A única esperança de realização sexual e pessoal consiste em ser um dia a mãe de um menino que aplaque finalmente a ferida narcísica de sua infância. Então, seu destino está selado: tornou-se uma Jocasta, isto é, a mãe apavorante – incestuosa, sedutora e castradora -, aquela cujo suicídio não passa de justo castigo do crime e absoluta necessidade da instauração da lei.

Do ápice da fase fálica à puberdade se dá o período de latência, período em que a criança começa a frequentar a escola formal, e quando tudo que ela descobriu na fase fálica fica recalçado. O período de latência surge com o recalque do complexo de Édipo. A energia da libido fica temporariamente deslocada de seus objetivos sexuais, sendo canalizada para outras finalidades – o desenvolvimento intelectual e social da criança. Não é, portanto, uma fase por não haver uma nova organização em zona erógena.

No período de latência a organização genital está sendo elaborada, há um adormecimento das pulsões sexuais. E é só na puberdade que se pode, então, falar em organização genital, antes eram apenas pulsões pré-genitais. Entramos, portanto, na última fase da organização libidinal, que é a fase genital, em que o sujeito atinge o pleno desenvolvimento do adulto normal, utilizando da energia libidinal para tornar-se um ser produtivo.

De acordo com Gutierrez (2003), nessa amarração final relativa à puberdade, o contraste entre o masculino e o feminino assume finalmente um lugar, herdeiro do contraste ativo e passivo que existia, respectivamente, na fase anal infantil. É na puberdade que a diferença sexual realmente se efetua sob o olhar do outro, exigindo do indivíduo posicionar-se no campo sexual e responder por isso como sujeito. Inicia-se, assim, o processo de encontro com o objeto da escolha objetual que não a dos pais da infância.

Em resumo, Gutierrez (2003) esclarece que para Freud a puberdade é um tempo de organização permanente da sexualidade, ao ser estabelecida a primazia dos genitais; o contraste entre masculino e feminino assume um lugar declarado, conseqüente da diferença sexual revelada; e, o processo de encontro com o objeto, que implica no abandono da escolha objetual incestuosa, exige o distanciamento das figuras parentais para que o sujeito se torne membro da comunidade social. A criança que buscava o prazer transforma-se em adulto socializado, orientado para a realidade, cuja principal função é a reprodução.

Adiante, trabalharemos os lutos passados pelo adolescente na tentativa de desligar-se progressivamente do objeto perdido.

3.3 O Luto pelo Corpo, pela Identidade e pelos Pais Infantis

Nesse subcapítulo trabalharemos o impacto do corpo no processo de construção identitária, já que o adolescente vive transformações biológicas profundas, que levam a mudanças físicas e hormonais, adquirindo novas e visíveis formas, que exigem do psiquismo um duro trabalho de luto e elaboração (PALADINO, 2005). Para tanto, devemos entender primeiro como o aparelho psíquico é constituído.

Freud (1923/1987) trouxe uma formulação sobre o aparelho psíquico do ser humano, construído por três instâncias, sendo que a primeira a ser formada (desde o seu nascimento) é o isso. Este é o reservatório e fonte de energia psíquica, sendo que as outras duas instâncias (eu e supereu) são originárias dele. É o polo psicológico da personalidade; inexistente o princípio da não-contradição, tudo é possível ao isso. Freud ainda o coloca como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente, ou seja, é a sede das pulsões.

O eu surge como uma instância que se diferencia a partir do isso, servindo de intermediário entre o desejo e a realidade. Para Freud, o eu se estrutura como uma etapa de adaptação evolutiva do sujeito. Isto o leva a afirmar que o eu é, acima de tudo, corporal, biológico. Trabalha pelo princípio da realidade, transforma em ação a vontade do isso. É o polo defensível da personalidade, cuja representação máxima é a ação repressiva que se manifesta clinicamente como resistência (ação defensiva

do eu contra a emergência de conteúdos inconscientes que ameaçam a estabilidade psíquica). O eu é o setor mais organizado e atual da personalidade, organiza a simbolização. É a sede da angústia.

Freud considera o supereu uma instância implacável, que exerce as funções de juiz e censor em relação ao eu. É considerado inconsciente. O supereu é representado pela autoridade parental: a evolução infantil se dá por meio da relação amor-punição que gera angústia. Quando a criança renuncia à satisfação edipiana, as proibições externas são internalizadas. Aqui o supereu substitui a autoridade parental por meio de uma identificação.

O supereu é a sede da auto-observação; é o depositário da consciência moral, portador do ideal do eu (modelo de referência do eu); substituto do narcisismo perdido na infância e produto de identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. Encontra-se no supereu os valores ditados pela cultura em que vive o sujeito; é uma estrutura necessária para o desenvolvimento do grupo social.

Nesse contexto, o eu é a instância central. Está a serviço da autoconservação na medida em que concilia exigências procedentes do eu, do supereu e do mundo exterior, ou seja, é o intermediário entre os processos internos e a relação destes com a realidade.

Visto que o eu é colocado por Freud como reservatório e fonte de energia psíquica e ainda como a sede das pulsões, fica estabelecida como pulsão a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento inconsciente do sujeito.

À forma mais ou menos estável dessa soma de estruturas é dado o nome de caráter ou personalidade do indivíduo (OSORIO, 1992), correspondendo ao precipitado das identificações e relações com as pessoas importantes de sua vida, particularmente as envolvidas nos seus primeiros anos de existência.

A partir dessa explicação, ainda de acordo com Osorio (1992), na adolescência haveria um incremento do eu, derivado das importantes alterações hormonais e mudanças corporais. O eu, que, por sua vez, deveria estar mais forte para dar suporte a este eu expandido, ao contrário, está enfraquecido pelo afastamento dos valores familiares, que tanto foram úteis na infância. O eu é submetido a conflitos intensos, que levam à utilização constante de mecanismos de defesa – recurso à repressão, deslocamento, fantasia, ascetismo ou sublimação

reduzem a ansiedade; tudo isto leva a uma regressão do aparelho mental para uma fase anterior do desenvolvimento.

Considera-se essa regressão uma etapa necessária para o estabelecimento da identidade adolescente, pois só retornando às fases mais primitivas do seu desenvolvimento o sujeito poderá reelaborar conflitos antigos, denominando-se regressão normativa da adolescência (ANNA FREUD, 2006).

Para Anna Freud (2006), o adolescente deve passar por um luto inevitável dos objetos do passado. Aberastury e Knobel (1981) complementam esse raciocínio ao dizer que o adolescente deve realizar três tipos fundamentais de luto: pelo corpo infantil; pela identidade e pelo papel infantis; e, pelos pais da infância.

O conceito de luto veicula ideias de perdas reais ou simbólicas. Dessa forma, fases observadas e descritas de negação, ambivalência, agressividade, interiorização e aceitação constituem as manifestações de todo um conjunto de defesas necessárias para a operacionalização satisfatória desse período. Assim, de acordo com Maakaroun (1991), com intensidades e espaços de tempo distintos para cada indivíduo, verifica-se que o adolescente, inicialmente, nega suas transformações. Em seguida vive a ambivalência entre o desejo de permanecer no estágio infantil e a necessidade de continuar a sucessão normal do desenvolvimento. Em outro momento questiona a família e o mundo, rompe vínculos e busca por si junto a outros que vivenciam o mesmo processo.

Aberastury e Knobel (1981) defendem que, na adolescência, as mudanças psicológicas e de adaptação social variam de acordo com dois fatores: o papel feminino ou masculino exercido na união e procriação, e as mudanças corporais. O indivíduo busca uma nova identidade, perdendo a de criança e retendo algumas conquistas da infância para equilibrar as mudanças bruscas internas e externas. É um período de prazer e ânsia, em que o seu mundo interno pode favorecer ou dificultar o processo de transformação do seu ser.

A conduta dos pais, de acordo com Aberastury e Knobel (1981), pode facilitar ou não as negações e aceitações do adolescente, como no despertar da sexualidade e suas tensões, e a realidade da diferença de sexos. A atividade masturbatória e seus significados é um marco disso, acompanhada de fantasias de união. A menstruação e o aparecimento do sêmen são evidências das mudanças da puberdade, mas certas angústias costumam acompanhá-los, negando a perda da infância.

O problema aqui, segundo Osorio (1992), é que há uma precariedade nos esclarecimentos sobre a vida sexual passados aos adolescentes contemporâneos. Para o autor, a educação sexual proporcionada pelos pais não vai além, para os rapazes, da advertência contra os perigos das doenças sexualmente transmissíveis e, para as moças, dos cuidados higiênicos que cercam os períodos menstruais. A escola faz pouco mais do que isso, ampliando apenas as informações sobre a anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais e o mecanismo de reprodução. Dessa forma, se o grau de permissividade em relação à liberdade sexual existente é maior nos dias de hoje, não se acompanha, contudo, a resolução dos conflitos na área sexual.

Osorio (1992) completa dizendo que os adolescentes contemporâneos tem uma liberdade de fachada que apenas identifica algumas vezes a ânsia dos adultos em recuperar o tempo e a juventude perdidos nas malhas da repressão sexual. Há toda uma escala de valores vinculada com a descoberta do corpo como fonte e destino de prazeres que ainda não foram assimilados pelo adolescente ou o confundem.

O luto frente ao crescimento implica o eu e o mundo externo. A angústia do adolescente é maior quando as mudanças do seu corpo são muito rápidas, gerando desníveis com o processo de aceitação psicológica do seu desenvolvimento. A aceitação das mudanças do corpo do adolescente só ocorre quando esse é capaz de aceitar simultaneamente os seus aspectos de criança e adulto, ainda flutuantes. É um longo processo de busca de identidade no qual aparecem patologias passageiras, como o surgimento de defesas para iludir a depressão, a impostura, a dupla personalidade e as crises de despersonalização (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

O adolescente vive a perda de seu corpo infantil com um psiquismo ainda muito infantil e com um corpo que vai se fazendo inexoravelmente adulto, que ele teme, desconhece e deseja e, provavelmente, percebe progressivamente diferente do que idealizava ter quando se tornasse adulto. Dessa forma, é levado a habitar um novo corpo. Frente a essa transformação vivida como uma invasão, o adolescente busca refúgio regressivo em seu mundo interno (MAAKAROUN, 1991).

A autora afirma que a imagem de si construída ao longo da infância deve ser reformulada a partir de novos esquemas corporais e de novas modalidades de relacionamento consigo e com o mundo. As dificuldades com o novo corpo, que se

modifica a cada dia, fazem com que o indivíduo negue seu corpo ou o sinta como algo que está sendo destruído. Dessa maneira, o adolescente atua de forma intensa, por meio da expressão motora, pela ação, ou, em nível mental, por meio da fantasia e intelectualização.

As modificações corporais da adolescência dão origem a um período evolutivo com características e conflitos muito específicos, nos quais o corpo desempenha importante papel, como base das angústias do indivíduo em crescimento. Todas estas modificações significam uma inevitável incursão no desconhecido. O adolescente, ao deparar-se com um corpo desconhecido, diferente daquele idealizado, está de luto pelo corpo infantil que perde, pelos pais da sua infância, pela identidade infantil, pelas fantasias de bissexualidade, pela endogamia e pelo corpo adolescente que desejaria ter (OUTEIRAL, 2003).

Ferreira (1995) define que o luto pelo corpo infantil perdido refere-se às mudanças físicas e fisiológicas que acarretam no adolescente um conflito, que o obriga a constantes ajustamentos ao que ele é e ao que aparenta aos seus olhos e aos olhos dos demais. Já o luto pela identidade infantil remete ao papel de criança dependente e segura, que deve ser abandonado para assumir um outro, desconhecido e difícil. O luto pelos pais da infância se refere a todas as fantasias infantis a respeito dos pais, de sua sabedoria, poder e amor, que devem ceder lugar a uma visão realística de seres humanos e não sobrenaturais.

A autora defende que o caminho que o adolescente tem para inserir-se na vida adulta perpassa pela elaboração de seus lutos, e se manifesta por meio de uma conduta patológica, considerada normal para essa etapa do desenvolvimento. Esta aparente patologia se revela por atitudes de instabilidade emocional, alternando períodos de audácia e timidez, desinteresse e urgência, introversão e extroversão, e, ao mesmo tempo, por conflitos afetivos, crises religiosas, asceticismo, homossexualidade ocasional e condutas dirigidas para a heterossexualidade. Devemos destacar que a a teoria da síndrome normal da adolescência foi apresentada Aberastury e Knobel (1981), como veremos mais adiante.

Essa patologia adolescente, segundo Osorio (1992), fundamenta-se por alterações na área comportamental como visto acima, onde o adolescente, na impossibilidade de superar seus conflitos com o mundo que o cerca, protesta contra o modo como este está estruturado e tem como objetivo transformá-lo em lugar de

modificar-se. O conflito eu/mundo externo é decorrente da própria necessidade evolutiva de diferenciar-se e individualizar-se do adolescente.

O adolescente, segundo Osorio (1992) experimenta toda uma série de eventos psicológicos que culminam naquilo que denominamos a aquisição de sua identidade sexual, ou seja, das características mentais do sexo que lhe corresponde e que nem sempre é aquele ao qual pertence. Ao adquirir uma identidade sexual, o adolescente aceita o seu corpo e o habita, enfrenta-se com o mundo e o utiliza. Assume no seu corpo a existência de um só sexo, modificando a imagem dos pais e sua relação com eles.

No adolescente, de acordo com Aberastury e Knobel (1981), as modificações em seu corpo levam-no à estruturação de um novo eu corporal, à busca de sua identidade e ao cumprimento de novos papéis, à procura de ser ele mesmo. Apresenta uma multiplicidade de identificações não sedimentadas, contemporâneas e contraditórias em seu comportamento, amadurecimento, afetividade e capacidade.

As flutuações de personalidade se refletem em mudanças bruscas, e esse longo processo é incompreendido por ele e por quem o cerca, como os pais. Quando os pais não compreendem essas flutuações, o adolescente se sente ameaçado a perder a dependência infantil e procura provas de perda e recuperação. Nesse processo, incluem-se técnicas defensivas transitórias e busca de figuras substitutivas dos pais. No caráter defensivo, há uma dissociação entre a atitude frente aos pais e aos substitutos (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Os autores ainda afirmam que os processos acontecem em planos conscientes e inconscientes, gerando no adolescente conflitos da dissociação entre a mudança corporal e o psiquismo, e levando-o à necessidade de planificação dos mais diversos aspectos do cotidiano. Está em pleno crescimento, mas sente-se impotente de fazer uso positivo de suas conquistas e capacidades, em todos os planos. Os obstáculos ou restrições impostos pelo mundo externo reforçam suas defesas.

Aberastury e Knobel (1981) desenvolvem a ideia de que a crise da adolescência determina o autismo defensivo. O adolescente sente-se impotente e refugia-se na planificação e nas ideologias defensivas, que podem isolá-lo do mundo externo e refugá-lo no interno, mais seguro e conhecido. Existe também o temor do novo, evidenciado pelo amadurecimento genital, levando-o a manter métodos defensivos próprios da infância. Tenta amenizar as angústias do novo papel, a

debilidade do eu e os mecanismos de conflitos. O adolescente precisa estar só e desdobrar-se em seu mundo interno para agir no externo. O autismo defensivo dificulta a sua compreensão do mundo ao seu redor, por estar mais a conhecer-se que aos demais.

O adolescente pensa muito mais do que age. Na adolescência, a comunicação verbal significa um preparativo para a ação, como se falar equivalesse à própria ação – falar e pensar proporcionam a elaboração da realidade e adaptação a ela. O adolescente tem necessidade de se comunicar e sente-se frustrado quando não é escutado e compreendido (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

No final da adolescência, para os autores, a identidade alcançada relaciona-se à atual e às anteriores e aos seus ideais, já que a formação da identidade inicia-se com a própria vida. A conquista da identidade e a independência levam o indivíduo a integrar-se no mundo adulto e a agir com uma ideologia coerente com seus atos.

A dependência absoluta da infância progressivamente cede lugar, na adolescência, a uma autonomia da fase adulta. O adolescente se vê emancipado dos pais, mesmo que isso signifique um movimento doloroso de um desligamento das relações afetivas com estes e um comprometimento social mais amplo, fora do ambiente familiar. Essa fase é ambivalente para o adolescente, pois aspira à autonomia do adulto, mas ao mesmo tempo depende dos pais por lhe faltar maturidade. Para o adolescente, de acordo com Maakaroun (1991), enfrentar os pais é enfrentar o mundo, é conquistar um espaço seu, antes ocupados por eles.

O processo de identificação, na visão psicanalítica, funda a constituição do psiquismo, permitindo não somente a formação da identidade, mas a organização estrutural da personalidade e a interlocução indivíduo, família e sociedade. Considerar o processo adolescente como a experiência emocional que mobiliza o resgate de conflitos e angústias da infância, num contraponto com novas necessidades sociais de interação e inserção social (PALADINO, 2005), conduz a refletir sobre o processo de identificação a partir das ideias de Freud.

Segundo Freud (1921/1987), por meio do “grupo de iguais”, o indivíduo é favorecido na resolução da crise de identidade – característica da adolescência –, uma vez que nesses grupos surge o intercâmbio de confronto de experiências, que permite a identificação dos limites entre “o eu e o outro”. Vale destacar que identidade é a capacidade do indivíduo em se reconhecer diante de si mesmo e da

sociedade; é a capacidade de se diferenciar diante do outro (OSORIO, 1992). Devido à necessidade de se diferenciar dos pais, os adolescentes buscam pautas identificatórias no grupo de iguais, que lhe fornece novas referências.

Para Erikson (1976), a identificação com o grupo de colegas começa a suplantando a que existe com a família. Ao mesmo tempo em que os adolescentes podem ficar preocupados com a aparência e exibir instabilidade de humor e reatividade emocional, também é a época em que estão adquirindo um senso de identidade, valores e objetivos pessoais mais permanentes (STUBBE, 2008).

Avila (2005) diz que a expressão "crise de identidade" foi utilizada por Erikson para explicar o momento de incertezas quanto às transformações da adolescência, tornando-a uma fase característica do desenvolvimento humano em que ocorre a integração da identidade psicossocial. O momento que é dado socialmente ao adolescente para que ele possa fazer essa integração na medida em que são suspensas suas responsabilidades e as cobranças com ele é denominado de "moratória social", em que o adolescente se resguarda para se preparar para exercer os papéis adultos.

Essa mudança, segundo Avila (2005), possibilita entender a adolescência não somente em função de conflitos individuais e biológicos, mas também como produto da influência social na formação da identidade do eu, já que quando o adolescente percebe que o meio tenta privá-lo do desenvolvimento de uma identidade confiante em si mesmo, com possibilidades de oportunidades, de escolhas e de autorrealização, este se retrai em estados inacessíveis e de rebeldia.

Um dos objetivos da adolescência, de acordo com Pagnoncelli (2008), é a progressiva independência dos adultos, em especial dos pais, além de livrar-se das amarras da infância e habituar-se aos novos aspectos do seu corpo. Essa progressiva independência é vital para o adolescente, já que sem ela não seria possível a ele enxergar-se como um indivíduo único e relativamente autônomo.

O adolescente protesta de modo energético, mas argumenta sem muita convicção; é contumaz opositor das ideias dos pais e tende a testá-los, desobedecendo a regras tal como a hora de voltar para casa; mantém os cabelos compridos ou raspa a cabeça, apesar dos reiterados pedidos para que faça um bom corte de cabelo; usa roupas e adquire hábitos ou repete gestos que desagradam aos pais. (PAGNONCELLI, 2008, p.99)

No período que Pagnoncelli (2008) chama de fase média da adolescência, compreendida entre quatorze e dezessete anos, apesar de a maioria dos

adolescentes já ter manifestado a puberdade, estes não estão satisfeitos com seu próprio corpo, buscando soluções nos exercícios físicos, na estética e no vestuário para obterem uma imagem corporal satisfatória, uma identidade e uma satisfação sexual. Para entendermos esse processo, veremos a seguir o conceito de imagem corporal e como esta se dá na adolescência.

Antes, porém, deve-se destacar que, embora existam diversas discussões acerca da adolescência, ela é um conceito recente em nossa sociedade, devendo a teoria ser estudada com ponderação, por haver uma tendência em universalizar o processo adolescente. Moraes (2011) cita Dayrell para dizer que não devemos entender a adolescência como uma fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade, mas como um momento que tem como núcleo central as mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais, vividas intensamente e que marcarão o sujeito ao longo da vida.

Por ser a adolescência um processo psicossocial e considerando os ambientes social, econômico e cultural nos quais o sujeito está inserido, fica claro que não há essa universalização pretendida, surgindo assim diferentes tipos de adolescência. Por isso, no decorrer deste trabalho, compreenderemos também como é o adolescente contemporâneo, inserido em uma cultura do corpo, em um momento em que esse sujeito anuncia rupturas e transformações, por meio de mudanças profundas em seu corpo, suas relações, sexualidade, desejos e capacidade de compreender o mundo (MORAES, 2011). Compreender os jovens contemporâneos como sujeitos sociais permite observá-los na construção do seu modo de ser.

O período da adolescência, conforme apontado por Moraes (2011), depende também das particularidades individuais, podendo se manifestar de várias formas, com significados distintos, não sendo possível um entendimento único e universal sobre adolescência, conforme poderá ser visto nas análises das entrevistas, em que cada adolescente entrevistado tem a sua história, com ideais, valores, sentimentos e projetos individuais, próprios de cada um.

Segundo Dayrell (2003), os adolescentes formam um estilo de vida atribuindo significados à sua identidade e um modo de se expressarem, com seus anseios e dilemas, no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Com isso, torna-se complexa a tendência de perceber a juventude como uma fase transitória, sem considerar sua vivência como espaço válido de formação, além da visão cultural e

de mercado de consumo dessa juventude, como um tempo de liberdade, experimentações e expressão de comportamentos específicos, marcados pelo hedonismo e irresponsabilidade.

Apesar de as teorias psicológicas tenderem a ser universalizantes, esse fato não as desmerece por nos permitir compreender os processos psíquicos da adolescência. Porém, como o sujeito não é apenas psicológico, devemos considerar outros aspectos da sua vida, como classe, gênero, raça/etnia, etc. Essa articulação entre os diversos aspectos do processo adolescente marca a singularidade de cada sujeito e norteia para a multiplicidade de adolescentes e a necessidade de compreendê-los deste modo.

Essa diversidade de modos de ser dos adolescentes considera o processo de crescimento, embasado nas experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social, e não apenas uma etapa ou preparação para a vida adulta. Envolve o sujeito e as influências mútuas das dimensões biológicas, sociais e culturais, desenvolvendo suas potencialidades, que emergem das transformações que levam à sua maturidade.

Para podermos entender como os adolescentes estão inseridos em nossa cultura que supervaloriza a estética, o corpo delineado, moldado e, acima de tudo, jovem, seguiremos inicialmente com a conceituação de imagem corporal.

4. A IMAGEM CORPORAL

Nascemos e vivemos em um corpo biológico, mas somos levados a desenvolver e construir um eu corporal, ou seja, nascemos como um corpo e desenvolvemos nossa identidade corporal. Nesse capítulo trataremos do conceito de imagem corporal para subsidiar o estudo da adolescência e sua relação com o corpo.

4.1 O conceito de imagem corporal

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. (DOLTO, 1992, p. 14).

A imagem corporal engloba as dimensões física, psicológica e social, sendo desenvolvida e reavaliada por toda a vida do indivíduo. As pessoas aprendem a avaliar seus corpos por meio de sua interação com o ambiente. Diversos fatores, tais como pressão dos colegas, dos pais e da mídia, podem afetar o padrão das pessoas com relação à imagem corporal, refletindo em sua satisfação e preocupações com o próprio corpo (TESSMER et al., 2006, p. 8).

Nasio (2009) diz que a imagem inconsciente do corpo inicia-se na infância e permanece por toda a vida. Para o autor, mesmo a criança incapaz de manifestar-se verbalmente consegue exprimir-se por meio do seu corpo, da sua atitude corporal e das suas expressões. Seus desenhos, modelagens, brincadeiras e expressões refletem as manifestações afetivas e sua dificuldade em comunicar-se com mundo. Ela necessita e deseja comunicar-se com o outro, mas não sabe como fazê-lo e espera que o outro saiba interpretar seus sintomas, entender seus problemas e solucioná-los.

As sensações vividas pela criança desde o seu nascimento ficam impressas em seu inconsciente e organizadas em uma linguagem corporal muda e impenetrável, que os psicanalistas tentam captar, traduzir e falar. O indivíduo fala

com o seu corpo indiretamente, como por meio dos sintomas e atitudes que apresenta. Assim, a imagem inconsciente do corpo é um código íntimo, peculiar a cada um; “é o conjunto das principais impressões gravadas no psiquismo infantil pelas sensações corporais (...) ao contato carnal, afetivo e simbólico com sua mãe.” (NASIO, 2009, p. 19).

Analisando uma criança frente ao espelho, depois da descoberta da sedutora imagem especular de si, as imagens das sensações internas são esquecidas e tornam-se inconscientes; a criança passa a superestimar o mundo visível das aparências.

As imagens inconscientes do corpo são vivamente reativadas quando a criança atravessa suas primeiras crises de crescimento e sente intensamente as sensações que a agitam. Essas imagens permanecem vigorosamente ativas ao longo de toda a sua existência e se manifestarão em todas as expressões espontâneas do nosso corpo de adulto. (NASIO, 2009, p. 22).

Essas imagens são o próprio inconsciente; orientam nossas escolhas estéticas e influenciam nossos atos e sonhos. São manifestações espontâneas, visíveis, audíveis e palpáveis, como os distúrbios. O corpo torna-se impregnado pela presença do outro, das relações e sensações; a imagem fixa e conserva essas sensações duradouras no inconsciente. Assim, tem-se uma sensação percebida, sentida, e a imagem que dela se imprime no inconsciente. A imagem é a memória inconsciente.

Nasio (2009) define três componentes indissociáveis da imagem inconsciente do corpo:

- a) a imagem básica, que proporciona à criança a sensação instintiva de ser, de existir; envolve sensações que fazem a criança sentir seu corpo como uma base estável, serena e bem lastreada. É a imagem do refúgio, vital e essencial; o indivíduo permanece ele mesmo, apesar das inevitáveis mudanças da existência;
- b) a imagem funcional, na qual sente seu corpo ávido por satisfazer suas necessidades e desejos, envolvendo objetos concretos ou imaginários, simbólicos;
- c) e a imagem erógena, de um corpo sentido, envolvendo o prazer.

De acordo com Tavares (2003), as imagens apresentam como características essenciais sua singularidade em cada instante e mutabilidade constante, sendo uma experiência individual. Para Costa (2004), a imagem corporal é intencional, privada e representacional. Intencional por implicar em uma referência ao outro que lhe é exterior e que compele ou solicita o sujeito a representar-se de alguma maneira. Privada por ser relacionada à existência do eu; não existe imagem corporal sem um eu que a reconheça como sua propriedade, é uma experiência única que pertence apenas ao sujeito que a vivencia. E representacional por ser composta de elementos descritivos e reflexivos.

O eu se desenvolve a partir das sensações corporais, já que é no corpo que nascem as primeiras sensações de prazer e desprazer. “O eu é, antes de tudo, um eu corporal.” (FREUD, 1923/1987, p. 40)

O eu corporal, segundo Campos (2007), é constituído de pulsões parciais dirigidas inicialmente para o próprio corpo, antecedendo o eu propriamente dito, que depois se tornam narcísicas – dirigidas ao próprio eu. Nossa imagem corporal, para Tavares (2003), representa uma experiência em que o objeto em foco corresponde ao nosso eu, incluindo aspectos conscientes e inconscientes. Experimentamos de maneira contínua nossa imagem corporal, uma vez que é corporalmente que vivenciamos nossos impulsos e fantasias.

Para que uma sensação ou emoção imprima sua imagem e torne-se constitutiva do inconsciente, é necessário que emane do corpo quando o bebê deseja buscar o corpo de sua mãe para nele encontrar prazer, ternura e serenidade, além da segurança afetiva proporcionada pelo pai. Outra condição para a imagem ser duradoura, para tornar-se frequentemente sentida, percebida, associada à presença carinhosa e simbólica dos pais, é repetição (NASIO, 2009). A linguagem das emoções se inscreve e perdura no inconsciente; é uma imagem percebida e não sua forma visual. Sofre variações ritmadas da intensidade emocional partilhada. Cada indivíduo tem uma maneira particular de se mover, agir, sentir ou falar.

Ferreira e Machado (2002) trabalham com a ideia de que o corpo é a primeira fonte de prazer e é a origem da sexualidade, que, inicialmente, é autoerótica, proporcionando uma satisfação intensa que resulta em um sentimento de completude, o narcisismo. Esse conceito faz referência a uma relação com a imagem corporal por esta ser um momento desenhado por sensações e percepções, organizadas em uma unidade corporal, criando representações mentais, sendo a

imagem corporal o resultado dessas representações. “Todo o contato com o outro, quer o contato seja de comunicação ou para evitá-la, é subtendido pela imagem do corpo, pois é na imagem do corpo, suporte do narcisismo, que o passado inconsciente ressoa na relação presente”. (DOLTO, 1992, p. 15).

Ao dizer do narcisismo, os autores também remetem ao conceito lacaniano do estágio do espelho como o “efeito de identificação produzido no sujeito quando ele se reconhece diante do espelho e seu corpo ganha o contorno de uma imagem. É um momento de júbilo narcísico provocado pela ilusão de completude que a imagem do espelho lhe devolve”. (FERREIRA; MACHADO, 2002, p.18). A seguir procuramos entender melhor o conceito de narcisismo.

4.2 O Narcisismo e a Imagem Corporal

O mito de Narciso, que se enamora de sua própria imagem, é tomado como modelo a partir do qual se precisa o conceito de narcisismo. Esse mito é adequado para tratar da noção do produto de identificações imaginárias; elucida essa questão, mostrando como Narciso fica escravo da imagem, produto dessas identificações.

Narciso era um jovem de beleza inigualável, filho do deus-río Cephisus e da ninfa Liríope, cobiçado pelas ninfas; porém, as desprezava por acreditar não existir ninguém merecedor do seu amor. Eco, uma ninfa amante dos bosques, apaixonou-se perdidamente ao ver o belo jovem Narciso, que a desprezou. Desesperada e envergonhada, Eco escondeu-se nas montanhas, evitando o contato com todos, sem alimentar-se e definhando até a morte.

Nêmeses, do Olimpo, viu a situação e decidiu punir Narciso, condenando-o a um triste fim. Havia uma fonte clara, de águas como prata, onde Narciso costumava caçar. Num certo dia, fatigado da caça e sentindo muito calor e sede, debruçou-se sobre a fonte para banhar-se e viu uma bela figura olhando-o de dentro da fonte; apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que retribuía seu olhar. Não se contendo, Narciso abaixou-se para beijar o ser, enfiando os braços na fonte para abraçá-lo; porém, ao contato de seus braços com a água, caiu e afogou-se. No lugar onde faleceu, encontraram apenas uma bela flor.

Diante do mito, pode-se entender melhor o conceito de narcisismo proposto por Freud, tendo como passagem um trecho do texto “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914b/1987):

Posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 1914b/1987, p. 93)

De acordo com Hornstein (1989), com essa citação, Freud propõe que é necessário um novo ato psíquico para constituir no sujeito uma representação unificada de si mesmo. O narcisismo, como problemática, encontra-se em estreita solidariedade com os movimentos de constituição e complexidade crescentes do aparelho psíquico.

Nesse contexto, Freud insere o conceito de narcisismo na teoria psicanalítica, do ponto de vista dos investimentos libidinais, como etapa intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal, estabelecendo um equilíbrio entre a libido do eu e a libido objetal, por meio do ideal do eu. Considera-se que quanto maior o investimento no objeto, mais se dá a retirada da libido sobre o sujeito e vice-versa.

Lacan deu importante contribuição para a conceituação de narcisismo ao elaborar a tese do Estádio do Espelho. Segundo Sigal (2009), Lacan tentou elaborar uma teoria que desse conta do primeiro esboço de Eu, constituído como ideal do eu⁷ e tronco das identificações secundárias, sede do narcisismo.

Para a autora, Lacan propõe que, a partir do movimento produzido entre a criança e sua imagem refletida no espelho, se logrará a constituição de um eu unificado ortopedicamente. A imagem virtual, inexistente como realidade (já que ao retirar-se o espelho ela desaparece), lhe serve como primeira identificação de si mesmo. Nessa imagem, a criança aliena-se, fazendo desse eu sede do desconhecimento; o eu constitui-se sobre a imagem do próprio corpo. O eu é efeito de uma imagem, efeito psíquico de uma imagem virtual de si, que “o” produz.

⁷ Roudinesco e Plon (1998, p. 362) explicam que “Freud utilizou essa expressão para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras sociais e seus substitutos sociais. (...) Para que se possa manifestar a idealidade, é preciso, com efeito, que a libido já não seja unicamente objetal e que se desenhe a perspectiva de uma relação do sujeito consigo mesmo, tomando como objeto amoroso. (...) É a renúncia à onipotência infantil e ao delírio de grandeza, característicos do narcisismo infantil, que possibilita o surgimento de um outro ideal.”

Para Sigal (2009), o estádio do espelho aparece como uma matriz simbólica da constituição do eu, desenhando um primeiro esboço da subjetividade. Um eu do desconhecimento, do imaginário, um eu falsário que ilude o sujeito frente a uma completude que encobre a fragmentação. Segundo ela, Lacan diz que o bebê supera os entraves do apoio dos outros para resgatar um aspecto instantâneo da imagem, esquecendo que é sustentado, olhado desde o Outro – a mãe – para poder se ver por um momento como integrado. A criança, ao olhar-se no espelho, capta a imagem de si e também do mundo ao seu redor, assim ela constrói a noção do seu eu, sua identidade e inicia o processo de diferenciação do outro.

Sigal (2009) continua sua reflexão sobre o tema ao dizer que a boa forma encontrada pela criança no espelho a alegra e tranquiliza, tendo inúmeros desdobramentos na formação da subjetividade. A criança experimentará uma tensão frente à imagem que o espelho lhe devolve, uma tensão entre a imagem unificada do corpo e a impotência motora. Ela rivaliza consigo mesmo – tensão entre o corpo fragmentado e a imagem unificada, agressividade em jogo, que, em um primeiro momento, é de si para com a imagem de si, e depois será de si para com outra criança semelhante.

O terror de perder a imagem unificada faz com que a criança se debruce sobre a antecipação de sua unidade, como se dissesse: antes de estar fragmentado, me debruço e me transformo na imagem, roubo à imagem seu lugar e me coloco no lugar dela. É por meio do olhar do Outro que encontra aspectos do ideal do eu; é nele que se depositam projetos do que se é ou gostaria de haver sido.

É a partir do olhar do Outro que o sujeito também se constitui. Para que exista essa precipitação, esse se submergir na imagem, é necessário que exista algo previamente, isto é, a “matriz simbólica”. O caso não é tanto se olhar no espelho, a questão é se olhar num espelho no qual esta imagem está sustentada pela mirada do Outro, primeiro Outro simbólico que é a mãe. Também lugar do ideal, do supereu parental, no qual se projetam aspirações e esperanças. É desde o ideal do eu (no simbólico) que se regula a estruturação imaginária do Eu.

A imagem do corpo no espelho opera como disparador da libido que circula do corpo à imagem, da imagem ao eu e ao mundo, produzindo efeitos de rebote entre estas instâncias, a partir da imagem; dispara, veicula e fixa a libido.

Segundo Sigal (2009), Lacan destaca como pulsão escópica a importância do olhar e as transformações que um organismo pode sofrer a partir da visão; a imagem

do outro tem um efeito formador. A criança sustentada pela mãe, cuja mirada a olha, volta-se para ela para demandar autenticação da sua descoberta. É o testemunho de sua mãe que, ao dizer “você é”, permite à criança dizer “sou eu”. A criança não se olha com seus próprios olhos, mas com os olhos da pessoa que a ama ou a detesta.

A passagem do eu especular, o eu ideal, para o eu social, ou ideal do eu, é dada pela intermediação cultural, mediada no que tange ao objeto sexual no complexo de Édipo. O signo de reconhecimento da mãe funciona como um traço unário⁸ a partir do qual se constitui o ideal do eu.

Dolto (1992) afirma que a imagem de si e o eu designam o sentimento mais íntimo, o de sentir-se a si mesmo; além disso, há a influência do outro. Quer eu me diferencie do outro ou a ele me sinta semelhante, que me sinta autônomo ou dependa dele, é indiscutível que preciso do outro para ser eu. A criança identifica-se com cada pessoa do seu círculo; os adultos são espelhos que a levam a compreender quem ela é e o que esperam dela. Os ideais, os valores e as opiniões familiares e sociais moldam a sua personalidade.

Dessa forma, o estádio do espelho faz correspondência à passagem do autoerotismo ao narcisismo. O olhar do outro produz no sujeito sua identidade, por reflexo. Por meio do olhar do outro, o sujeito sabe quem ele é, e, nesse jogo narcisista, se constitui a partir de fora. Como explicado anteriormente, o narcisismo atuará no contexto libidinal inicialmente para sua satisfação egóica, mas também contra qualquer coisa que se oponha a seus ideais ou diminua o seu valor. Sendo assim, o eu está diretamente relacionado aos investimentos no próprio eu e nos objetos.

O narcisismo constitui-se, segundo o modelo relacional de amor, tanto quando o investimento se dá do eu por si mesmo, como quando o investimento sobre o eu vem do objeto. Assim, é peculiar a uma relação amorosa narcísica o colocar-se na posição daquele que é amado, no lugar de objeto investido pelo outro. Ou seja, o objeto de amor narcísico nada mais é que um espelho, onde se reflete a imagem daquele que não é capaz de amar senão a si mesmo, ou ao outro enquanto duplo.

Freud dá como característica fundamental do narcisismo o fato de que o sujeito “para ganhar um objeto de amor, toma-se primeiro a si mesmo, ao seu

⁸ “Traço unário refere-se à primeira marca do sujeito, constituindo-se como o acionador da subjetividade.” (AZEVEDO, 2004)

próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto em uma pessoa alheia.” (FREUD, 1914b/1987, p. 56). É o si mesmo tomado como objeto de amor que caracteriza o narcisismo.

Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que a tese de Freud sobre o narcisismo repousa sobre três proposições:

- a) o narcisismo é um investimento libidinal de si mesmo, um amor a si mesmo;
- b) esse investimento libidinal de si mesmo passa necessariamente, no homem, por um investimento libidinal do eu;
- c) esse investimento libidinal do eu é inseparável da constituição mesma do eu humano.

Quando fala-se em “investimento libidinal do eu” refere-se a uma maneira de conceitualizar aquilo que descritivamente seria “amor a”.

Para Hornstein (1989), no campo do narcisismo, define-se o prazer narcisista como aquele que tem a ver com o reconhecimento, a admiração do outro significativo externo ou internalizado. Pode-se denominar, então, narcisização ao processo intersubjetivo que compreende, por parte do outro significativo, uma valoração positiva do sujeito com a concomitante expressão de prazer e, por parte do sujeito, uma identificação com essa valoração e esse prazer.

O investimento narcisista se define, assim, como o complexo ideativo-afetivo que faz parte da maneira inconsciente da representação global do sujeito ou de um aspecto dele, complexo constituído por todas as variantes fenomênicas pelas quais alguém é elogiado, valorizado pelo outro. Cada vez que se ative no psiquismo a representação do sujeito, simultaneamente fá-lo-ão as marcas mnêmicas do encontro com a aprovação do outro (HORNSTEIN, 1989).

Freud (1914b/1987) afirma que a escolha objetual narcísica ocorre quando o sujeito apoia suas escolhas objetais posteriores em seu próprio eu, buscando em si mesmos o objeto de amor. Freud diz que o narcisista ama segundo o que o sujeito é, foi, gostaria de ser ou alguém que foi parte de si mesmo.

Na escolha narcísica, o objeto investido será em última instância sempre o eu. Entretanto, também é narcísico o investimento nos objetos que valorizam o eu, seja pelos atributos que possuem, porque recebe em troca admiração, ou porque sendo inferiores ao eu o engrandecem.

Na relação especular, o outro não é mais do que o reflexo da própria imagem daquele que ama. Segundo o mito estudado, este foi o castigo de Narciso. Ao

desprezar o amor da ninfa Eco, foi condenado a conceber um absurdo e louco amor por si mesmo, sem poder jamais possuir o objeto de seu amor. O orgulhoso Narciso tornou-se apaixonado pelo seu próprio reflexo contemplado nas águas, dominado e devorado de paixão por uma ilusão, pela sombra projetada por si. Vendo-se nas águas, acreditou ser um outro e se apaixonou por esse outro, sem saber que era a sua própria imagem, sucumbindo à procura de um objeto inexistente, de um outro inatingível.

O outro está em mim e eu estou no outro. Ser humano significa incluir o outro em nós e depender tão intimamente dele que ninguém pode se considerar livre e autônomo de uma relação afetiva. O espelho reflete minha imagem especular, enquanto o rosto expressivo do outro refrata minha própria imagem interior tal como ele a interpreta. Ao vermos nosso corpo refletido, nos sentimos humanos, e quando vemos nosso rosto, nos sentimos nós mesmos (DOLTO, 1992).

O essencial do mito de Narciso, nos termos de uma relação especular, possibilita uma significação mais aprofundada do conceito freudiano de narcisismo. Para Freud, o mais importante era definir o papel do investimento narcísico na constituição e formação do indivíduo, como um componente insuperável e permanente do sujeito.

Para Hornstein (1989), Freud inclui, em “Introdução ao Narcisismo”, a categoria de valor como indissociável da vida psíquica, valor que o eu atribui a si mesmo, a suas atividades e seus objetos. Esse valor é denominado de autoestima.

Um dos aspectos elaborados por Freud a respeito da autoestima, ainda segundo Hornstein (1989), é a onipotência corroborada pela experiência, ou seja, o cumprimento que o eu pode fazer das exigências do ideal. Nesse sentido, a autoestima de um sujeito depende de seus traços egóicos, da possibilidade de investir no eu atual potencialidades que possam cumprir as exigências do ideal. Tudo isso tem relação com a adequada narcisização das distintas funções egóicas e com a representação que o eu faz de si mesmo no cotidiano.

Para Freud, outro aspecto da autoestima seria a satisfação da libido de objeto, em que o eu se enriquece. Um amor correspondido incrementa a autoestima, no qual cada um é para o outro o investimento privilegiado (ainda que não exclusivo), fonte de prazer, mas também de sofrimento potencial.

A autoestima constitui-se pelos restos do narcisismo infantil, pela imagem que o eu tem em comparação com o ideal e pelas relações de objeto. Um narcisismo

“sadio” e “normal” é o equilíbrio harmonioso dos investimentos libidinais, do valor dado a si mesmo, sem exceder na autoestima.

Primeiro, segundo Dolto (1992), há o olhar do outro, que me reconhece ou me rejeita, e influencia a imagem que tenho de mim mesmo. Depois, há o meu próprio olhar interior, como uma consciência moral. O olhar do outro, particularmente dos pais, permanece o principal agente formador da imagem de si, favorece à criança incorporar o outro, identificar-se com ele e se construir, formando sua personalidade. Tal fato envolve elogios e críticas e a sensibilidade depende da solidez da imagem que se tem de si. Se me aceito tal como sou, relativizo a importância do olhar do outro e consolido minha confiança (NASIO, 2009).

Sabendo que a questão da autoestima é ponto crucial no que tange ao estudo da adolescência, visto que esta vai influenciar no processo de elaboração da imagem corporal do adolescente – este vive um momento de transformações biopsicossociais –, fez-se necessária essa discussão.

Diante do culto à eterna juventude, devemos entender como se dá a questão da imagem corporal na adolescência, influenciada pelo olhar do outro. Em sequência, discutiremos sobre a posição do adolescente na cultura do corpo em que estamos inseridos.

4.4 A Imagem corporal na adolescência

As diferentes imagens inconscientes, segundo Nasio (2009), variam conforme as distintas fases do desenvolvimento libidinal. Em cada fase há uma imagem básica ou preponderante, uma funcional e uma erógena. A mudança de fase é determinada pelas mudanças corporais e essa passagem é inevitavelmente dolorosa: a criança sofre por ter de renunciar ao objeto de satisfação e prazer, e ter de conquistar um novo objeto. Para Dolto (1992), há uma castração simbólica. A fala castradora do adulto, além de apelo à renúncia, é uma incitação a criar símbolos e encorajamento para a superação em si.

Dolto (1992) destaca a castração edipiana, quando o sujeito constrói sua identidade sexual; perde o prazer de uma fantasia incestuosa e ganha acesso a um

novo objeto de desejo. A criança consolida sua consciência de si e se sente diferente dos outros.

As mudanças físicas e sexuais decorrentes da liberação brutal de secreções hormonais do adolescente ocorrem num período rápido da vida humana. A puberdade é uma verdadeira metamorfose, similar à primeira infância. “A idade da aparição e a rapidez da instalação da puberdade, os acontecimentos associados, a atitude do entorno, a flexibilidade psicológica do indivíduo influenciam a capacidade de adaptação de sua mente à mudança corporal.” (CLERGET, 2004, p. 21).

Osorio (1992) define imagem corporal como a representação corporal condensada das experiências passadas e presentes, reais ou fantasiosas do corpo do indivíduo, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes, como a percepção subjetiva da aparência, fatores psicológicos internalizados e fatores sociológico-culturais.

Campagna e Souza (2006) complementam o conceito de imagem corporal, definindo-a como a representação mental do próprio corpo, como o modo em que é percebido pelo indivíduo por meio dos sentidos, ideias e sentimentos referentes ao próprio corpo. Ou seja, a imagem corporal se desenvolve como produto da relação do indivíduo consigo e com os outros, sendo uma unidade adquirida e dinâmica.

A imagem corporal é o modo como o corpo se mostra para si, estando sua formação diretamente relacionada à compreensão pelo indivíduo do seu eu, à estruturação da identidade do indivíduo como um corpo integrado e único. O corpo é considerado, ao mesmo tempo, um lugar de expressão da subjetividade e das questões sociais, tendo por função transmitir uma mensagem ou de se constituir como um ato (CARRETEIRO, 2005). Desse modo, Nóbrega (2001) afirma que os gestos, a postura e os movimentos em geral são considerados potencializadores da enunciação da subjetividade.

Clerget (2004) explica que a imagem que temos do nosso próprio corpo está no nosso cérebro em dois níveis:

- a) o anatômico ou do esquema corporal similar a todos os indivíduos. O corpo, na sua totalidade, é desenhado na superfície do cérebro com a chegada dos nervos da sensibilidade, externa ou interna. Permite visualizar o próprio corpo, ter consciência dele, manter seu equilíbrio e dirigi-lo, por meio de estímulos. Uma mudança corporal brusca perturba esse esquema estabelecido; e

- b) o simbólico ou imagem inconsciente do corpo, específico para cada um de nós. Como vimos, é construído por nossa história, desejos, emoções, imaginações, considerando o sentido íntimo que damos a cada experiência do nosso corpo. A imagem corporal necessita do acesso a uma linguagem para se construir; é uma representação psíquica do inconsciente.

No quadro comparativo a seguir poderemos entender melhor a distinção entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo.

<p style="text-align: center;">ESQUEMA CORPORAL</p> <p>O esquema corporal é a representação pré-consciente que cada um faz do seu corpo e que lhe serve de referência no espaço.</p>	<p style="text-align: center;">IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO</p> <p>A imagem inconsciente do corpo é a representação inconsciente que cada um faz de seu corpo de ontem e de hoje, corpo vibrante de desejos, de linguagem e de ternura.</p>
<p>O esquema corporal:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) é comum a todos os humanos; b) é um dado neurofisiológico; c) é uma realidade de fato. É um instantâneo de nosso corpo orgânico, saudável ou doente, tal como vivemos graças às sensações musculares, ósseas, viscerais, circulatórias, etc.; d) é pré-consciente ou consciente; e) é elaborado visando à aprendizagem da experiência motora; f) é independente da relação afetiva com o outro; pode se desenvolver inclusive em condições de desgaste afetivo; g) proporciona uma estabilidade espaço-temporal. Graças a esse esquema, o sujeito evita os acidentes e protege seu corpo. 	<p>A imagem inconsciente do corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) é peculiar a cada indivíduo; b) é construída e remanejada segundo os estados libidinais (oral, anal e fálico). Cada etapa da formação da imagem é transposta ao preço de uma castração; c) é fundamentalmente inconsciente; d) estrutura-se no seio da relação desejante, languageira e afetiva com o outro.

Quadro 2 – O esquema corporal não é a imagem inconsciente do corpo

Fonte: NASIO, 2009, p. 140

Representamos mentalmente cada uma de nossas sensações corporais. Toda sensação ou emoção intensa envolve a excitação física, a sua representação mental e a atenção afetiva que dispensamos ao que sentimos, mesmo que de forma

inconsciente. Nada sentimos sem representar o que sentimos. O corpo e o inconsciente têm relações indissociáveis e correlatas; o corpo é o ressonado mais sensível do inconsciente, que se adapta às inevitáveis variações de um organismo vivo e mortal. (DOLTO, 1992).

A imagem corporal não é uma entidade rígida. Construimos e reconstruimos nossa própria imagem corporal, assim como a dos outros. Nestes processos perpétuos, intercambiamos partes de nossas imagens com as imagens de outros ou, em outras palavras, há uma socialização contínua de imagens corporais. (SCHILDER, 1994).

A imagem de si se forma ao longo da vida e à nossa revelia; é um sentimento de existir e ser, que amamos ou rejeitamos, que protegemos ou expomos. Segundo Dolto (1992), a imagem de si integra tudo o que vem do corpo, tal como sinto e vejo, as minhas sensações, a imagem do meu corpo refletida no espelho, as expressões do meu rosto; tudo que vem da linguagem, a língua materna, a multiplicidade dos símbolos que marcaram e marcam minha vida; tudo o que vem do outro, a imagem de mim mesmo devolvida por aqueles que me cercam; todos os traços e cicatrizes deixados pelos acontecimentos da minha história.

Na adolescência, segundo Clerget (2004), o esquema corporal e a imagem do corpo sofrem uma enorme transformação; aparecem remanejamentos das imagens de si, mas que dão uma nova chance de harmonizá-los e de torná-los mais coerentes ou mais funcionais. Suas perdas podem ser salutares, mas podem gerar angústias e sentimentos depressivos face às transformações físicas e às novas potencialidades corporais. Os adultos esquecem essas angústias, mas nos adolescentes elas são inconscientes e refletem autoimagens em metamorfose, de estranhamento deste novo corpo em constituição.

Para o autor, o corpo do adolescente pertence à realidade externa, visível e palpável, mas pertence também ao junto psíquico interno, feito do esquema corporal e da imagem inconsciente que tem dele. A rapidez de sua transformação física é tal que sua representação psíquica não a segue imediatamente; há uma defasagem no tempo entre realidade externa do corpo e sua imagem.

Cada adolescente, de acordo com Clerget (2004), está preocupado com sua morfologia, atento aos defeitos de seu corpo e às mudanças. As modificações são reais, mas o modo como elas são percebidas depende de sua subjetividade e das reações do ambiente, necessitando de um tempo de adaptação.

Na adolescência, segundo Osorio (1992), à medida que o corpo se transforma e adquire contornos definitivos de adulto, o adolescente vai gradualmente moldando sua imagem corporal. Como ele tem um protótipo idealizado dessa imagem corporal, formado a partir de valores estéticos que lhe foram transmitidos, via de regra ocorre um conflito entre a imagem idealizada e a imagem real do seu corpo em transformação.

A dismorfofobia⁹, para Clerget (2004), pode ter um caráter inquietante e assinala um problema da imagem corporal. A adolescência, com os vários remanejamentos que acarreta, é um período fecundo para esse problema, mesmo transitório, com origem na história psíquica e afetiva do sujeito.

Além da dismorfofobia, existem outros modos de expressão das preocupações corporais entre adolescentes, como as dificuldades de relacionamento. Nesta idade, o corpo é uma via natural para descarregar as angústias do adolescente e suas pulsões agressivas e toda a energia sexual que o inunda. Esse processo traz ansiedade ao adolescente em relação a seus atributos físicos e à desejada capacidade de atrair o sexo oposto, isto é, a vertente somática de seus conflitos na esfera sexual. (CLERGET, 2004).

A sexualidade, para Osorio (1992), é, sobretudo, um elemento estruturador da identidade do adolescente, realizada, em grande parte, por meio da representação mental que o adolescente tem de seu corpo, ou seja, por meio de sua imagem corporal.

A noção de imagem do corpo permite compreender o sentimento depressivo advindo das perdas de antigas imagens e das angústias face às transformações físicas e às novas potencialidades corporais. Para Osorio (1992), as ansiedades peculiares à adolescência têm sua sustentação na preocupação do indivíduo com seu desenvolvimento físico, especialmente no que diz respeito aos caracteres sexuais secundários. Com isso, é comum encontrarmos distorções da imagem corporal expressas em ideias sobre o tamanho do pênis ou das mamas.

A imagem corporal precisa ser reformulada na medida em que o corpo do adolescente sofre modificações. As alterações corporais, segundo Campagna e

⁹ A dismorfofobia ou “transtorno dismórfico corporal (TDC) se refere à preocupação excessiva por um defeito corporal mínimo ou por defeitos corporais imaginários.” (ACADEMIA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 2011)

Souza (2006), provocam mudanças na imagem corporal, e esse fenômeno é particularmente intenso na adolescência.

As mudanças físicas que ocorrem na adolescência levam o indivíduo a uma preocupação excessiva com o corpo, já que não consegue se reconhecer mais, resultando em ansiedade e insegurança. Essa transformação traz a necessidade de um corpo ideal, pois a transição deixa uma vivência de luto e temor de não se chegar a um corpo perfeito (PALADINO, 2005).

As modificações são reais, mas o modo como elas são percebidas pelo adolescente depende de sua subjetividade e das reações do ambiente. A cada mudança, um tempo de adaptação é necessário. Para Clerget (2004), aqueles que vivem perto de adolescentes conhecem bem esses longos períodos de observação diante do espelho que representam essa necessidade vital de domesticar este novo corpo, de se aproximar dele.

Campos (2000) nos diz ser evidente que o adolescente se interessa pelo seu corpo em mudança, não só por perceber as mutações que nele ocorrem, mas porque as modificações corporais o impelem a vivenciar um denso período de contradições, ambivalências e conflitos. Novas pautas de convivência fazem parte desse processo, passando pela dependência e independência, pela curiosidade pelo novo e o medo de enfrentá-lo.

Encontrar um lugar para si mesmo em seu próprio corpo, bem como situar-se de outra maneira no mundo são os grandes desafios do adolescente. O corpo apresenta-se como um desconhecido, que interroga e interpela o sujeito. É comum uma tentativa inicial de ocultar essas mudanças por meio das roupas largas frequentemente usadas pelos adolescentes, por exemplo. Trata-se de uma modificação do valor do corpo em relação ao valor que lhe era atribuído na infância (GUTIERRA, 2003).

Por ser um período de intensas transformações, a percepção que o adolescente tem de seu próprio corpo fica geralmente distorcida, podendo influenciar comportamentos com o aparecimento de transtornos psíquicos, tais como depressão, bulimia, anorexia e dismorfia muscular. Isso se dá, segundo Amaral et al. (2007), quando o adolescente percebe que o corpo que ele tem como padrão a ser atingido está longe de ser alcançado, já que a imagem corporal se modifica a fim de atender às exigências do meio ou às necessidades individuais.

Pela própria necessidade cultural, como nos diz Garritano e Salada (2009), o adolescente ocupa hoje, na sociedade ocidental, um lugar de idealização coletiva. “Como imagem ideal, o adolescente torna-se depositário de atributos como força, beleza, felicidade e vigor. (..) A adolescência é reconhecida como um fenômeno cultural articulado à constituição do sujeito.” Por ter seu início vinculado à puberdade, a adolescência possui um tempo lógico e peculiar que, segundo as autoras, possui profundas reorganizações subjetivas decorrentes da retomada do conflito edípico e do despertar pulsional, implicando em um encontro com o desenvolvimento da sexualidade e com o desligamento dos pais infantis.

A construção da imagem corporal se torna de grande relevância quando percebemos a influência da maturação sexual nesse processo, já que só quando a sexualidade se desenvolve é que percebemos o outro e somos apreciados de forma total. Portanto, a autoimagem, que se constrói a partir de determinadas características libidinais, é, ainda, alvo das padronizações de corpo difundidas na atualidade, principalmente na adolescência. (AMARAL et al., 2007, p.42)

Adolescentes buscando uma imagem idealizada, para Garritano e Salada (2009), é uma relação que envolve o corpo e o sensualiza para o outro e sem o outro, numa dupla dinâmica. Para as autoras, existe um ideal a perseguir, uma imagem que circula no grupo e dele se desloca, envolve competição e exibição, reconhecimento.

O sujeito usará a sua imagem corporal para sustentar o interesse do outro sobre si. Segundo Costa (2004), as qualidades sentimentais ou morais que se acrescentarão a essa imagem apenas reforçarão o desejo de responder ao desejo de perfeição do outro.

Para Daolio (2009), no corpo estão inscritos regras, normas e valores sociais por ser o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que está inserido; é no corpo que estão impressos os códigos culturais de uma sociedade. Pode-se dizer que o homem aprende sua cultura por meio de seu corpo, já que adquire um conteúdo cultural que se instala em seu corpo, no conjunto de suas expressões. O corpo é um produto da cultura e um produtor de cultura, sendo suporte de comunicação e informação de um dado histórico (SOUZA, 2008).

Na sociedade contemporânea observam-se as constantes imagens de corpos que nos são apresentadas e ditas. Em diversos campos, como o da moda, dos

esportes e da mídia, o corpo, ao mesmo tempo em que se exhibe e é exibido, torna-se objeto de diferentes anseios e desejos.

A sociedade atual tem supervalorizado a estética e o corpo (Paladino, 2005), levando o adolescente de hoje a mais um grande desafio para suas contradições. Há um referencial narcísico que dita a forma, referenciando uma ditadura do corpo. Levantar alguns pontos para pensar o corpo e a constituição da imagem corporal contribui para fundamentar as reflexões a respeito da adolescência na sociedade contemporânea e sua relação com o corpo, como veremos adiante.

4.4.1 O Adolescente e a Cultura do Corpo

A revisão do conceito de adolescência para a psicanálise subsidiou o entendimento para trabalhar o corpo na adolescência e o conceito de imagem corporal, permitindo correlacioná-los à questão do corpo na contemporaneidade.

Ferreira e Machado (2002) afirmam que o comportamento humano é regulamentado pelas internalizações culturais, na medida em que o indivíduo sucumbe-se aos modelos impostos pela sociedade em que está inserido, já que o processo de identificação, no qual o indivíduo assimila-se a um modelo ou à imagem de um outro, se estende do modelo familiar às regras sociais e ideias da cultura.

A junção dos modelos culturais ideais e os construídos individualmente, pode resultar em um ideal do eu rígido e exigente, restringindo o sujeito de desejar suas identidades próprias, causando conflitos e inibições diversas. Para Ferreira e Machado (2002), alguns sociólogos definem a contemporaneidade como um momento de crise de valores referenciais, sem ideais tradicionais, provocando indivíduos órfãos de ideais imaginários. Essa ausência fez com que o corpo ganhasse mais importância, permitindo que as pessoas sejam julgadas por sua aparência e não pelo que são.

Os autores defendem que o culto à imagem do corpo sustenta o vazio da existência contemporânea. Isso leva a distúrbios como anorexia, bulimia, depressão e fobias, resultantes de uma ausência e, ao mesmo tempo, excesso de ideais condicionantes que alienam nossa autopercepção e a imagem que temos de nós mesmos.

A construção da imagem corporal é marcada pela experiência subjetiva do indivíduo com o ambiente sócio-histórico em que está inserido, representante do desejo do outro. Tendo que hoje o desejo é tudo aquilo que remete ao belo, ao jovem, e sabendo que o adolescente é representante dos padrões sociais, seguiremos nossa discussão relacionando a adolescência à cultura do corpo.

A adolescência como se apresenta na atualidade pode ser pensada como um fenômeno típico da contemporaneidade. A moda *teen* invade as lojas, o *funk* é patrocinado pelo mercado fonográfico, a dança de rua virou moda em academias, o mundo atual cultua a adolescência, com o apoio da mídia e dos estudos mercadológicos. O adolescente é aquele que interpreta e realiza o desejo inconsciente do adulto contemporâneo ao lhe ser permitido viver um prazer pleno marcado pela ausência dos limites aos quais os adultos se submetem por imposição social (GUTIERRA, 2003).

Na contemporaneidade, estamos sujeitos a uma época norteadada por inúmeras imagens, sob o fascínio ilimitado do eu. Para Gutierrez (2003), a cultura atual valoriza a autonomia, a independência e a liberdade. É isso que o adolescente, em sua tentativa de reconhecimento pelo Outro social, vai interpretar do discurso da sociedade e vai tentar realizar com seu comportamento. Uma vez que é permitido ao adolescente realizar o que é proibido ao adulto, a adolescência se caracteriza como o modelo estético da contemporaneidade – o ideal é não somente ter o corpo jovem, mas ser jovem.

A quantidade excessiva de reportagens veiculadas abordando a beleza, a estética e o rejuvenescimento denuncia o interesse midiático pelo corpo jovem. Na ressacralização do corpo, como um objeto a ser consumido, encontramos um vetor de suporte econômico e controle social, onde o adolescente representa uma grande parte de seu mercado. A imagem do adolescente tomada como paradigma da perfeição e completude vende o lazer, o saber, a moda e o próprio corpo. Constatamos na atualidade uma cultura predominantemente narcísica, onde a imagem da beleza e perfeição são instauradas juntamente com a precariedade simbólica que atinge a todos. (GARRITANO; SALADA, 2009)

A recente valorização da questão corporal como lugar privilegiado de observação, segundo Paladino (2005), problematiza o discurso contemporâneo atento ao corpo idealizado. Nóbrega (2001) concorda ao dizer que, para a cultura atual, o corpo é veículo de prazer, associado a imagens idealizadas de juventude, saúde, aptidão e beleza, o que favorece a expansão da indústria de cosméticos,

academias de ginástica e afins, atendendo a uma demanda da sociedade contemporânea.

A adolescência, então, carrega em si a obrigatoriedade de realização do ideal recalçado pelo adulto, ou seja, o ideal de autonomia, de liberdade e de ausência de regras, além de um corpo desejado/cultuado. A sociedade em que estamos inseridos promove uma adolescência idealizada e eterna, submetendo o sujeito a uma limitação em seu desejo, estando suscetível a todos os tipos de tabu e padronizações que lhe são impostos.

Rocha e Garcia (2008) utilizam a expressão juventude adolescente para definir a idealização que se faz do adolescente na contemporaneidade, de modo que a adolescência hoje ocupa, em nossa sociedade, o lugar de ideal cultural, levando os sujeitos a desejarem permanecer nela, além de ditar tendências culturais, mercadológicas e de lazer. Sendo assim, imagens do que é a adolescência para o mercado são comercializadas como objetos de desejo de todos, tornando-se modelos identificatórios para diferentes faixas etárias, configurando-se como um “estilo de vida”. A adolescência, para as autoras, é transformada em uma categoria desvinculada das limitações de idade.

Essa idealização da adolescência na experiência subjetiva contemporânea, segundo Rocha e Garcia (2008), estaria sendo facilitada por um cenário cultural, regido pela lógica do consumo. De acordo com Pagnoncelli (2008), hoje predomina uma visão organicista da sociedade, na teoria do capital humano, que vê no homem e em suas capacidades o potencial para o valor econômico. O que importa é a harmonia e o ajustamento do indivíduo à sociedade, ou seja, as pessoas certas nos lugares certos. A organização, o cumprimento de etapas, a hierarquização e a técnica são supervalorizados; a competição é tida como fundamental para o desenvolvimento social e os que se destacam são vistos como modelos a serem imitados.

O autor acrescenta que as diferenças culturais são, na maioria das vezes, ignoradas, não sendo levado em conta que a formação do ser humano ocorre em função de suas condições de vida na sociedade. Neste modelo, o adolescente se vê impotente e desintegrado da sociedade, tendo que desconsiderar sua própria história de vida e seu ambiente familiar, uma vez que, para alcançar o sucesso, tem de se adaptar a modelos preestabelecidos tidos como perfeitos e únicos.

Como estudado, as modificações corporais levam por vezes, no adolescente, a um sentimento de perda da posse do seu corpo. Clerget (2004), afirma que a necessidade de controle do adolescente sobre o seu corpo para lutar contra o sentimento de despossessão pode gerar ascetismo. Numerosas culturas e religiões institucionalizaram esse tipo de prática. Aparece nos esforços físicos e nas limitações de uma vida regrada; é a consagração da tentativa de controle do adolescente sobre as transformações da puberdade em defesa do seu corpo.

Foucault (2004) nos diz das diversas estratégias de disciplinarização dos corpos para conhecê-los e educá-los, produzindo gestos, posturas e movimentos educados, civilizados, dóceis, com o objetivo de adquirir hábitos saudáveis, higiênicos, adequados, dignos. Nesse contexto, o corpo-objeto tem supremacia sobre o corpo humano histórico, cultural e social. Um corpo-objeto essencial ao processo de opressão global, ou seja, utilitário e fatalista e sem fundamentação para se opor à lógica consumista. Um dos problemas dessa manipulação cultural, social e histórica é a aceitação ou pregação de um corpo homogêneo, de movimentos unânimes e perfeitos, em uma atitude de exclusão social (GESSER; GRANDO; BROGNOLLI, 2001).

Portanto, se vivemos em um sistema capitalista, dependente, altamente hierarquizado em níveis sociais, o homem, o corpo e suas manifestações culturais serão produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema, como nos diz Medina (1987). Há toda uma indústria estética voltada a motivar, em nome da saúde, o consumo de um corpo ideal a ser ajustado e embutido no corpo de cada um de nós, um corpo que deseja a eterna juventude.

O eu narcísico, sem poder ocultar a aparência do corpo, vê-se acuado pelo medo de não ser causa do interesse do outro. Com isso, em nome de uma imagem cultural idealizada de beleza, que estabelece o que é belo ou não, moldamos nosso corpo. Impomos a nós mesmos uma armadura cultural ao nosso corpo, acreditando que assim seremos mais felizes, pois seremos mais atraentes aos olhos dos outros, sendo aceitos perante a sociedade.

As transformações decorrentes da puberdade traz ao adolescente o desejo de um corpo ideal, pois a transição da infância para a vida adulta deixa uma sensação de luto e temor de não se chegar a um corpo perfeito. Paladino (2005) afirma ser possível que, em decorrência destas transformações físicas tão evidentes, fique reforçada, de forma concreta, a falta de parâmetros e referências do jovem nesta

transição. Seu corpo já não é mais o mesmo e seus desejos são outros, desconhecidos e intensos.

Refletindo sobre esses elementos da adolescência, podemos ver em nossa sociedade duas vertentes nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas-sexuais e o poder (ou potência) no campo produtivo, financeiro e social. De acordo com Paladino (2005), seriam, então, duas qualidades subjetivas cruciais para se fazer valer em nossa sociedade: ser desejável e invejável.

A autora coloca que os adolescentes estão inseridos em uma questão social e trazem um possível novo modo de se diferenciarem dos modelos parentais, na busca de sua identidade. Pensar sobre os mitos e expectativas presentes na adolescência, bem como discutir sua posição na sociedade, nos possibilitou subsidiar as entrevistas feitas com adolescentes de escolas particulares de Belo Horizonte/MG, como veremos adiante. Para tanto, segue a apresentação da metodologia utilizada nesta pesquisa.

5. METODOLOGIA

Na presente pesquisa partimos do método dedutivo, procurando transformar enunciados universais em particulares, por meio de pesquisas bibliográficas, a fim de conceituar mais especificamente adolescência e imagem corporal. Discutimos a adolescência a partir do referencial psicanalítico e sua relação com o corpo na contemporaneidade, tornando-se possível investigar como se dá o processo de construção da imagem corporal na adolescência.

Entretanto, a percepção e a experiência também são importantes para as conclusões, envolvendo o método indutivo – observação dos fatos e dos fenômenos, da realidade objetiva. Os aspectos estudados a respeito da adolescência geralmente são elevados ao status de regras gerais, porém existem particularidades oriundas das diferentes classes sociais, ambiente geográfico, estrutura familiar, religião, gênero, raça/etnia, entre outras, que devem ser consideradas. Dessa forma, optamos por utilizar entrevistas semiestruturadas com adolescentes das camadas médias de Belo Horizonte/MG, dos sexos masculino e feminino, entre 15 e 18 anos de idade, uma vez que essa é uma fase, como visto anteriormente, em que os adolescentes buscam satisfação em relação a sua imagem corporal nos exercícios físicos, na estética e no vestuário (PAGNONCELLI, 2008).

Os adolescentes entrevistados foram contatados por meio de redes de conhecidos da pesquisadora. As entrevistas tiveram como objetivo explorar um melhor detalhamento das questões e formulação mais precisa dos conceitos relacionados para a obtenção de maiores informações sobre o tema proposto, por compreender especificidades culturais de um determinado grupo.

O tema apresentou-se como um campo aberto à realização de uma pesquisa qualitativa, por esta partir do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade. Dessa forma, a pesquisa qualitativa possibilitou formular explicações gerais, imprimindo significados ao fenômeno estudado por meio de interpretações pautadas em uma descrição densa dos conceitos propostos.

Oliveira (2007) explica que a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como tentativa de explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas, sem a mensuração quantitativa de características

ou comportamentos. A escolha por esse procedimento metodológico justificou-se na medida em que o objetivo da pesquisa é analisar a relação dos adolescentes e sua imagem corporal, havendo a necessidade de ouvir os entrevistados para poder entender seus sentimentos, percepções, ideias, emoções, etc., vivenciados na contemporaneidade.

Para a operacionalização da pesquisa, definimos o universo a ser trabalhado e estabelecemos os critérios. Para tanto, tornou-se fundamental a análise e a interpretação das informações coletadas, explicando suas interações e aplicações, e estabelecendo as conexões entre elas.

5.1 Instrumentos de Pesquisa

Uma pesquisa deve utilizar instrumentos apurados de coleta de informações para dar conta de seus objetivos. A coleta e o tratamento eficiente dos dados são garantias da adequada sistematização da pesquisa e da sua qualidade científica. O instrumento utilizado na coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que aconteceu individualmente e foi orientada por um roteiro flexível, possibilitando aos entrevistados discorrerem amplamente sobre o proposto, sem respostas ou condições prefixadas pela pesquisadora.

5.2 Tratamento e Análise dos Dados

Esta fase visa três finalidades: compreender os dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o tema. A análise permitiu a classificação e a organização das informações, visando os objetivos do trabalho; evidenciou as relações existentes entre os dados obtidos e os fenômenos/conceitos estudados.

Nessa etapa do trabalho tratamos e interpretamos os dados coletados para atingir padrões e estabelecer tendências por meio do alcance de um conhecimento latente do conteúdo das entrevistas. Buscou-se ultrapassar as dimensões explícitas

presentes na aparência para obter a dimensão oculta, diante de um esforço interpretativo das entrevistas realizadas.

Foram entrevistados seis adolescentes entre 15 e 18 anos, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, que cursam o Ensino Médio em escolas particulares do Município de Belo Horizonte – MG. As entrevistas foram realizadas no consultório da pesquisadora ou na residência dos entrevistados, de acordo com a preferência/disponibilidade do entrevistado, e somente com a autorização por escrito dos responsáveis legais e dos adolescentes, por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No caso de ser no consultório da pesquisadora, o deslocamento do adolescente foi pago por essa.

Os entrevistados tiveram seu sigilo preservado por meio da utilização de nomes fictícios e da omissão de dados que permitam seu reconhecimento. As entrevistas foram gravadas e o material coletado guardado em local seguro. Os participantes aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e concordaram com a gravação desta. Sendo assim, apresentaremos os entrevistados para posterior análise das entrevistas.

Indicados por meio da rede de conhecidos da pesquisadora, o contato inicial com todos os entrevistados foi por telefone e seis destes se prontificaram a conceder as entrevistas sem nenhuma objeção - três adolescentes preferiram não conceder a entrevista por motivos diversos. Apenas dois entrevistados optaram pela entrevista no consultório desta pesquisadora, os demais preferiram ser entrevistados em suas residências.

Antes de iniciar a entrevista, os adolescentes trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por eles e pelos responsáveis legais, que havia sido previamente encaminhado por email. O projeto foi aprovado pelo CEP sob o nº 0083.0.213.000-10, conforme Anexo B.

5.3 Apresentação dos Entrevistados

Devem-se fazer as seguintes observações a cerca dos adolescentes entrevistados, antes de iniciarmos a análise das entrevistas:

Nome	Idade	Escolaridade
Bianca	17 anos	3º ano
Fernanda	17 anos	3º ano
Tamara	17 anos	3º ano
Felipe	16 anos	2º ano
Paulo	17 anos	2º ano
Rafael	18 anos	3º ano

Quadro 3 – Apresentação dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora

- a) **Bianca** – Mudou de colégio para fazer o 3º ano, mas mostrou dificuldade de adaptação ao novo ambiente. Apresentou-se inicialmente e durante a entrevista aparentemente tranquila e à vontade para responder as perguntas propostas.
- b) **Fernanda** – Aparentou estar ansiosa no início da entrevista, mas em seu decorrer pareceu ir se soltando um pouco. Apresentou certo constrangimento ao falar sobre questões de um relacionamento que tem com um menino, mas respondeu a todas as perguntas.
- c) **Tamara** – A adolescente apresentou-se inicialmente tranquila e à vontade para responder as perguntas propostas, porém, no decorrer da entrevista, aparentou certo desconforto quando as perguntas envolviam a questão da virgindade. É a única adolescente que trabalha (auxiliar de escritório).
- d) **Felipe** – Veio no último ano para Belo Horizonte para estudar o Ensino Médio. Aparentemente estava nervoso, dizendo que nunca tinha dado uma entrevista, parecendo estar inseguro com o que iria ser tratado. Após explicar a ele toda a questão do sigilo, pareceu relaxar um pouco. No decorrer de toda a entrevista passou a impressão de ansiedade.

- e) **Paulo** – Apresentou-se bastante à vontade em toda a entrevista, respondendo às perguntas sem aparentar constrangimento ao falar da sua sexualidade ou do seu corpo.
- f) **Rafael** – Mostrou agitação durante toda a entrevista, talvez por ter acabado de ganhar um carro dos pais de presente de aniversário. Respondeu a todas as perguntas, sendo direto em suas afirmações.

6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A imagem corporal, para Conti (2008), pode ser estudada sob a ótica de três dimensões: a afetiva e cognitiva no que tange aos sentimentos pessoais, envolvendo a aparência e os pensamentos e crenças sobre esta aparência e o tamanho corporal; a percepção da imagem corporal no que se refere ao julgamento que o indivíduo faz do seu tamanho, formato e peso corporal em relação à sua apresentação atual; e a comportamental, envolvendo as atitudes do sujeito voltadas para a corporeidade.

A seguir analisaremos as entrevistas a partir de categorias estabelecidas por meio do conteúdo apresentado pelos adolescentes e relacionado com o objetivo da pesquisa, enquadrando-se na discussão teórica proposta. São elas:

- a) o adolescente e o próprio corpo;
- b) o corpo e o outro;
- c) o corpo na escola;
- d) o cotidiano do adolescente e o lazer;
- e) a prática de atividades físicas; e
- f) as práticas afetivo-sexuais na adolescência.

6.1 O adolescente e o próprio corpo

Nessa categoria pretendemos analisar como os adolescentes percebem o próprio corpo e como lidam com ele. Devemos levar em consideração que a construção da imagem corporal nem sempre ocorre ao mesmo tempo que as mudanças corporais, ou seja, as transformações da puberdade. Nesse tópico analisaremos como os adolescentes percebem essas modificações em seu corpo.

Os adolescentes, independentemente do sexo, preocupam-se com peso, tamanho e aparência corporais. Todos os entrevistados disseram fazer ou querer fazer algo para melhorar o corpo, apresentando graus diferentes de insatisfação. Deve-se ressaltar que a super ou subestimação do tamanho ou forma corporal está

presente na experiência dos adolescentes em relação ao seu corpo. Conti, Gambardella e Frutuoso (2005) concordam que a insatisfação quanto ao peso e aparência corporais tendem a aumentar durante a adolescência.

Eu me considero gordinha. Eu era muito magra, hoje eu me considero bem gordinha. Eu vestia 36, beirando 38, mas sempre ficava largo. E depois que eu parei com atividade física, eu engordei 10 Kg. Então tudo expandiu, tudo cresceu. Peito cresceu mais, barriga que eu não tinha nenhuma já tenho, minha bunda tá gigante, minha perna muito grossa. (TAMARA)

Queria ficar mais alto, mas acho que não cresço mais não. Também ia ser bom se eu conseguisse ganhar peso. (PAULO)

Nas entrevistas, podemos perceber que as meninas desejam perder peso, enquanto os meninos dizem sobre a altura e massa muscular, apresentando queixas em relação ao corpo. Podemos dizer de uma insatisfação corporal voltada para o fato de existir uma pressão social por um padrão de corpo ideal que exige das mulheres corpos magros e esbeltos, e dos homens corpos fortes e musculosos.

Os elementos que norteiam o padrão de beleza corporal contemporâneo, em nossa sociedade, de acordo com Fontes (2004), são aqueles relacionados à juventude e ao vigor e buscam a construção de uma corporeidade que reverencia a força e o belo. O corpo dito ideal se caracteriza por um conjunto de técnicas e estratégias que vão desde as atividades físicas às cirurgias plásticas estéticas, dietas e consumo de cosméticos.

As cirurgias plásticas, segundo Paladino (2005), parecem alterar a forma e a expressão do corpo e do rosto, trazendo às pessoas uma nova proposta de beleza nem sempre harmônica. Diz-se de uma desmaterialização do corpo, do apelo grotesco, de formas híbridas e proteicas. De acordo com a autora, em sua experiência clínica é visível o aumento do número de cirurgias plásticas por motivos estéticos em adolescentes.

Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2011) revelam que a estimativa é que as cirurgias em adolescentes do sexo feminino corresponderão a 10% do total de plásticas realizadas no país em 2011, o que faz do mês de julho um período que comporta 50% das intervenções cirúrgicas, visto que, além de ser inverno, ou seja, uma época fria que dá mais conforto ao pós-operatório, corresponde às férias escolares. Tomaz (2011), em reportagem divulgada no site da

Instituição, faz menção a uma adolescente que passou por cirurgia plástica por causa de *bullying* na escola:

Bruna colocou 300 ml, no inverno de 2007, quando tinha 17 anos. O presente de aniversário dos pais fez com que o sutiã dela saltasse do número 36 para o 42. A loira de 1,75m afirma que só fez a cirurgia porque era traumatizada pela ausência de seios volumosos. “Fui vítima de bullying na escola. Sempre tive bunda grande, mas não tinha peito. Me chamavam de ‘bundita’ e de ‘reta’. Sofri mais nos concursos, quando vi as outras meninas com peito. Eu era um gurizinho. Teve uma vez que cheguei a chorar. Agora tudo ficou proporcional e estou mais feliz.” (TOMAZ, 2011)

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica também divulgou que, além do número das adolescentes que se submetem a uma cirurgia plástica estar aumentando, a idade vem diminuindo. A média para a colocação de prótese mamária de silicone, por exemplo, é de 15 anos. Em pesquisa realizada em 2009, referente aos procedimentos cirúrgicos estéticos feitos entre setembro de 2007 e agosto de 2008, dos 629 mil procedimentos, 8% do total de intervenções no país foram feitos em adolescentes, sendo o Brasil o segundo país no *ranking* mundial de cirurgias plásticas em adolescentes.

Se eu tivesse um dinheiro sobrando, eu faria uma lipoaspiração, tiraria de um lugar e colocaria em outro. (...) Tiraria da barriga! Eu acho que eu estou com muita barriga, coisa que não precisa. E colocaria na bunda. (risos) Porque não seria muita coisa, então o que tirasse da barriga, eu colocava na bunda. Pronto, resolvido o problema! (TAMARA)

A constatação de uma insatisfação corporal nas meninas, visto o aumento pela busca das cirurgias plásticas estéticas, não significa que este descontentamento não seja uma realidade também nos meninos, que enfatizam corpos musculosos e bem definidos.

Têm uns amigos meus bem bombados que eu acho super maneiro. (FELIPE)

Acho massa um corpo malhado. (PAULO)

Como visto no item 3.3 dessa dissertação, as transformações corporais que ocorrem a partir da puberdade geralmente são vivenciadas pelo adolescente com ansiedade. Ele passa por essas mudanças com um psiquismo ainda infantil, porém em um corpo que vai se desenvolver bruscamente, que o obriga a reformular sua

imagem corporal à medida em que elabora a perda do corpo infantil e consegue aceitar o novo corpo (NEIVA; DE ABREU; RIBAS, 2004).

A adolescência é um período de transformações que causa ansiedade, confusão e ambivalência, ocasionando contradições e cobranças. Com isso, o adolescente questiona todos os aspectos relacionados a si mesmo, inclusive no que diz respeito ao seu corpo, modificando a percepção que tem de si. Cada jovem tem um modo de encarar tais mudanças, de acordo com sua história de vida, relacionamento familiar e contexto social.

A ansiedade vivida pelo adolescente em consequência das transformações da puberdade pode se dar pelo fato deste estar inserido em um mundo em que o sujeito é passivo diante da própria imagem e onde se valoriza o que se tem, não o que se é. Dessa forma, o adolescente trabalha a reformulação da sua imagem corporal em função do que a sociedade espera dele; mais do que isso, em razão de um ideal de beleza enraizado em nossa cultura, de magreza para as mulheres e corpos musculosos, fortes e altos para os homens.

Diante das transformações corporais vivenciadas pelo adolescente, ele vai descobrindo um novo corpo que pode falar por meio de marcas, como *piercings* e tatuagens, ou da própria linguagem, sobre sua angústia e mal-estar que as mudanças em seu corpo e psiquismo lhe causam.

Adoro tatuagem, sempre gostei. Aí eu queria fazer uma que significasse todo mundo que é importante pra mim pra sempre. Aí resolvi fazer esse livro. Que aí dentro dele eu coloquei vários símbolos, cada um mostrando uma pessoa. (...) Tem meu irmão, que é a lâmpada, minhas amigas que são as argolas juntas, meus pais que são as duas estrelas, minha irmã que é a varinha, meu amigo, o Fred, é a bola de futebol, o menino que te falei que gosto é o coração, e eu sou o sol. (FERNANDA)

Essas questões nos fazem pensar que a sociedade contemporânea, uma sociedade consumista, oferece insistentemente imagens como modelos de ideais do eu, no qual se baseia a felicidade. No lugar de um modelo de como o adolescente quer ser no futuro, são passados modelos de como ele tem de ser, por meio de uma imagem imposta culturalmente.

A busca por um padrão de corpo ideal, associada às realizações pessoais e à felicidade, pode distorcer a percepção da imagem corporal do adolescente, influenciado por uma indústria que valoriza a estética e pelos meios de comunicação, os quais se encarregam de criar desejos e reforçar imagens por meio

da padronização de corpos. Podemos dizer, então, que o olhar do outro e a pressão que o adolescente sofre em um período de acelerado desenvolvimento corpóreo é fator determinante na construção da sua imagem corporal, como veremos a seguir.

6.2 O corpo e o outro

A construção e a elaboração do corpo pelo adolescente, para Conti, Gambardella e Frutuoso (2005), transcendem o território do privado, com pressões do coletivo – espaço social permeado pelas inter-relações. Famílias, amigos e influências culturais contribuem para essa construção.

Aquele que foge ao ideal de corpo propagado pela sociedade contemporânea e enraizado no imaginário da cultura ocidental poderá ser levado a lidar com insatisfações, o que não significa que aquele que se enquadra no perfil imposto pela sociedade esteja satisfeito com seu corpo. Paulo, por exemplo, mede 1,85m e se considera baixo, enquanto Rafael, frequentador diário de uma academia, não está satisfeito com seu porte físico.

Achava que eu ia ficar mais alto. Tipo uns cinco centímetros a mais.
(PAULO)

Malho todos os dias, só que meu braço não cresce nem fudendo. (RAFAEL)

A sociedade contemporânea incentiva enfaticamente a cultura da magreza e, “por meio da pressão da mídia, transforma o corpo em um objeto de manipulação e projeção de desejos, partindo-se do modelo vigente de padrão feminino de beleza e masculino de força corporal.” (CONTI; GAMBARDELLA; FRUTUOSO, 2005, p. 41)

Pode-se dizer que a construção e elaboração do corpo pelo adolescente sofrem pressões sociais permeadas pelas relações deste com o grupo de amigos e família, que influenciam direta ou indiretamente na postura que o adolescente tem diante do seu corpo.

Mas como eu sempre fui muito magra, a minha família sempre fala: “Nó, você está gordinha, hein? E isso aí sobrando?” Aí a gente fica com aquela coisa. (TAMARA)

Como estudado no capítulo 3 dessa dissertação, o grupo de iguais é de suma importância para o desenvolvimento dos adolescentes. Para Sartre (2002), um fundamento de um grupo é a consciência manifesta na vontade de seus membros na luta pelo reconhecimento e controle do meio em que está inserido. O surgimento do grupo passa pelo sentimento comum de uma necessidade individual e projetando-se na unificação interna de uma integração comum em direção a objetivos que ela produz como comuns.

Para Freud (1921), por meio do grupo de iguais, o indivíduo é favorecido na resolução da crise de identidade, uma vez que nesses grupos surge o intercâmbio de confronto de experiências, permitindo a identificação dos limites entre eu e o outro. O grupo de iguais fornece ao indivíduo novas referências.

De acordo com Oliveira, Camilo e Assunção (2003), a expansão do meio social do adolescente se dá por meio da inserção deste em novos grupos, induzindo a experimentações de alternativas socioafetivas, o que leva a uma identificação com estilos de vida, cultura e lazer. Com isso, devemos destacar a importância dos amigos para a construção da imagem corporal dos adolescentes. Todos os entrevistados disseram dos momentos com amigos como um período de lazer e prazer.

A galera sempre sai junta. A gente vai pra bar, cinema, boate. (RAFAEL)

Vamos [turma de amigos] pra Savassi, tomamos uma na casa de amigos, festa de aniversário, churrasco, coisas assim. (PAULO)

Durante a semana a gente se vê só no colégio mesmo, porque tá todo mundo estudando pro vestibular. Já no final de semana a gente sempre sai junto. (FERNANDA)

Na adolescência, muitas vezes, o grupo de amigos pode vir a ser mais influente do que a família, pelos adolescentes vivenciarem a experiência de estar entre iguais, de falar sobre assuntos que despertam seu interesse, como transformações físicas, sexo ou namoro (NENO; ALENCAR, 2002).

O grupo tem por função representar uma maneira de socialização menos repressiva do que a família, tendo papel fundamental no processo de construção da imagem corporal nessa fase do desenvolvimento. Os adolescentes se sentem mais

à vontade com os amigos do que com qualquer outro adulto, por vivenciarem o mesmo processo, se identificarem por isso, por serem pessoas da mesma.

Tipo, eles não estão muito preocupados com o que eu estou vestindo ou se estou maquiada. Eles são meus amigos independente de qualquer coisa. (BIANCA)

Apesar desta fala da adolescente, devemos ponderá-la, já que como nos foi mostrado no decorrer desta pesquisa, os amigos e colegas influenciam na construção da imagem corporal do adolescente. E aqueles que não se enquadram nas expectativas do grupo, também se tornam uma referência, mas pela diferença. Exemplo disso é percebido quando em duas entrevistas, com Tamara e a própria Bianca, há uma crítica às “patricinhas” e a forma como elas se preocupam com a sua aparência.

São lindas, mas tem alguma coisa na frente daquilo. É muita maquiagem, a pessoa não tem uma vida normal, ela come muito pouco, ela não tem o prazer de comer, sabe? Tudo é *diet*, os alimentos não são gostosos. E eu penso que se eu tiver que fazer isso, eu não vou ficar magra, bonita nunca, porque eu não vou deixar de comer uma coisa que eu gosto para ficar daquele jeito. E eu não acho bonito. (TAMARA)

Ah, sei lá. Tipo as meninas são muito patricinhas, sabe? Só pensam roupa, maquiagem e tal. Eu só fiz uma amiga lá, o resto é muito chato. (BIANCA).

Fernanda também faz um comentário repulsivo sobre as “patricinhas”:

Bom, eu faço cursinho à noite. Aí o pessoal é mais tranquilo. Quando vou de tarde é horrível, só tem aquelas patricinhas. Ninguém merece! (FERNANDA)

A crítica que é feita a esse determinado grupo pode ser entendida como uma forma de autodefesa por parte das adolescentes em relação ao culto ao corpo que se preconiza na atualidade. Se pensarmos que a sociedade impõe um padrão a ser seguido por todos, e que nesse padrão se enquadram as “patricinhas”, podemos dizer que esse é um conceito que nos remete sempre ao outro, já que ninguém assume ser uma “patricinha”, segundo Castro et al. (2006).

A figura da “patricinha” “é construída como a posição invejável daquela que tudo pode consumir, mas também da posição rejeitada, às vezes até odiada, de quem perdeu sua capacidade de ser sujeito: de pensar, escolher, e até saber

perder.” (CASTRO et al., 2006, p. 444). As autoras utilizam de falas de adolescentes que fizeram parte de sua pesquisa para construir o que representa a imagem da patricinha para eles, concluindo que, com a cultura de consumo do corpo em que estamos inseridos, este grupo representa o consumo exagerado e a futilidade, em um universo em que somos conduzidos pelo apelo da felicidade e da posse de bens.

Castro et al. (2006) defendem em sua pesquisa que nenhuma adolescente quer ser rotulada de “patricinha”, pois isso quer dizer que as pessoas a consideram metida, consumista e que só pensa em compras. Porém, essas mesmas meninas que repudiam esse rótulo compartilham o gosto por roupas de marca, o prazer de se vestir bem e a busca por novidades, enquadrando-se no que é determinado pela sociedade do consumo em que estamos inseridos. A cultura se impõe.

A importância do grupo de iguais no processo de construção da imagem corporal na adolescência implica em analisarmos as relações desse sujeito no ambiente escolar, visto que o adolescente passa parte do seu dia com amigos e colegas nesse meio.

6.3 O corpo na escola

A educação é um processo de alta complexidade que deve atender às necessidades do indivíduo de acordo com a etapa do seu desenvolvimento e que se promove por meio do calor afetivo, da aprendizagem e do ajustamento social, estando diretamente ligada à cultura (PAGNONCELLI, 2008). Um dos espaços em que se permite a educação é a escola.

A escola é uma instituição social e, como tal, se encontra em uma relação dialética com a sociedade em que se insere. Ao mesmo tempo que reproduz as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço em que se pode lutar pelas transformações sociais. As práticas escolares trazem a marca da cultura e do sistema dominante, que nelas imprimem as relações sociais que caracterizam a moderna sociedade capitalista. (GONÇALVES, 2006, p.32)

Toda manifestação humana é movida por valores que determinam certos ideais, certas finalidades e certos objetivos. Evidentemente, esses valores são culturalmente moldados e se modificam de acordo com as variáveis que o momento

lhes impõe (MEDINA, 2008). As práticas escolares tendem a difundir a internalização das relações do adolescente com o mundo e com o outro, disciplinando os sentimentos, as ideias e as lembranças.

Pratta (2008) faz uma reflexão sobre o lema da prática educacional “aprender a aprender”, em que se aprende a conhecer, a fazer, a viver junto, a ser, subentendendo uma educação para a vida. Fato este que remete à questão das relações estabelecidas pelos adolescentes no âmbito escolar. A educação envolve desejo e, necessariamente, a relação com o outro. O adolescente tem de saber relacionar-se bem, por meio de maneiras de pensar, sentir, imaginar, atuar e construir a sua história.

As representações do adolescente nos fazem pensar que o corpo manifesta-se continuamente no espaço social e cultural e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Sendo assim, a escola é fundamental na formação da imagem corporal do adolescente, por ser um espaço de compartilhamento de valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.

O corpo passa a ser o território sobre o qual o adolescente tem possibilidade de controle, escolha, sensação de poder decisório e de superação. É o território do surgimento de diferentes linguagens de representação corporal. (LACERDA; APOLÔNIA, 2010)

Na instituição escolar, assim como na sociedade, nos comunicamos por meio do corpo. Um corpo que é construído por meio das singularidades culturais, constituídas pelas relações humanas, pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manipulação de diferentes partes do corpo (GOMES, 2002). Muitas vezes, é na escola que os adolescentes vivem experiências e imprimem opiniões que refletem em sua subjetividade.

Nesse contexto, o grupo torna-se fundamental para o desenvolvimento do adolescente, pois lhe possibilita vivenciar sua realidade. Como detalhado no decorrer dessa pesquisa, é no grupo que o adolescente se organiza e se coloca para o mundo. Quando isso não acontece, o adolescente se sente deslocado, tornando a escola um lugar de desprazeres.

Exemplo do exposto ocorre quando Bianca nos relata sua dificuldade em fazer novos amigos na escola em que estuda, dizendo da importância dos antigos amigos que lhe possibilitam conviver socialmente com seus iguais.

O colégio é tranquilo, os professores são bons, mas os alunos são muito metidos, acham que são melhores que todo mundo. (...) Eu queria voltar pro meu colégio antigo, eu não gosto desse colégio não. (...) Tipo as meninas são muito patricinhas, sabe? Só pensam em roupa, maquiagem e tal. Eu só fiz uma amiga lá, o resto é muito chato. (...) No outro colégio era muito bom. Eu estudei lá praticamente minha vida toda, todos os meus amigos são de lá. O pessoal é bem mais legal e eclético. (BIANCA)

Felipe compartilha da opinião de Bianca ao dizer que, apesar do “pessoal [colegas da nova escola] ser gente boa, não é a mesma coisa [dos amigos da cidade onde morava antes].” Todas as atividades de lazer explicitadas pelo adolescente foram relacionadas aos amigos da sua cidade natal. Podemos dizer que o grupo para o adolescente representa uma possibilidade para a construção de uma nova identidade, em que pode experimentar e exercer novos papéis.

Dessa forma, podemos entender a escola como um espaço de sociabilidade. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, sociabilidade refere-se à “característica do que é sociável; é o prazer de levar a vida em comum, inclinação a viver em companhia de outros; é o domínio e exercício das regras da boa convivência, civilidade, afabilidade, urbanidade.” O Dicionário Aurélio define sociabilidade como sendo “a tendência para a vida em sociedade; são as maneiras de quem vive em sociedade.” (FERREIRA, 1986, p.1602)

Para Foucault (1980), a preocupação com o meio, lugares e momentos exige uma constante atenção a si, ao estado em que se está e aos gestos que se faz. Os elementos do meio são percebidos como portadores de efeitos positivos ou negativos; entre o indivíduo e o que o envolve, supõe-se toda uma trama de interferências que fazem com que um acontecimento ou mudança no meio induza efeitos no corpo.

Villa (2009) afirma que os amigos pertencem ao mesmo grupo, têm experiências e estilos de vida semelhantes e interesses comuns. A princípio, nas relações de amizade, nada é obrigatório ou imposto. Porém, para que as relações sejam duradouras, é necessário que os membros do grupo joguem o mesmo jogo e obedeçam às mesmas regras.

Exemplo dessa sociabilidade decorrente do encontro de adolescentes no ambiente escolar pôde ser observado na entrevista com Fernanda:

Eu estudo no mesmo colégio a vida inteira. Como é colégio de bairro, a maioria das pessoas estudam lá desde sempre, aí todo mundo conhece todo mundo. Aí é bom, porque não tem aquela coisa de não se ver e tal. Sem contar que como o colégio não é muito grande, os professores conhecem todo mundo pelo nome. Até o diretor sabe o nome de todo mundo. (...) A turma [de amigos] é bem grande. Como no colégio todo mundo conhece todo mundo e a maioria mora perto, aí acaba que todo mundo vira amigo mesmo. Claro que tenho minhas melhores amigas, que são minhas irmãs mesmo, além do Fred que é meu melhor amigo também, mas posso dizer que tenho sorte, porque tenho muitos amigos. (...) Durante a semana a gente se vê só no colégio mesmo, porque tá todo mundo estudando pro vestibular. Já no final de semana a gente sempre sai junto. (FERNANDA)

Bom, eu faço cursinho à noite. Aí o pessoal é mais tranquilo. [Mais tranquilo como?] Mais tranquilo mesmo. Não tem muita frescura. [Como assim?] Ah, se seu cabelo tá penteado, se sua roupa está na moda. Essas coisas assim. Cada um veste o que quer, usa o cabelo do jeito que quer. Sem contar que de noite tem duas amigas minhas que estudam comigo, aí é mais legal também. (FERNANDA)

A escola, de acordo com Villas (2009), é um estabelecimento onde os adolescentes constroem laços afetivos com seus pares, mas também com o próprio colégio. Podemos ver essa relação com o espaço, quando os alunos que mudaram de escola referiram-se à antiga como o lugar onde tinham relações de amizade.

O colégio é tranquilo, os professores são bons, mas os alunos são muito metidos, acham que são melhores que todo mundo. Na verdade eu estudava em outro colégio, aí minha mãe achou que como vou fazer vestibular esse ano, eu tinha de ir pra uma escola melhor. Mas eu queria voltar pro meu colégio antigo, eu não gosto desse colégio não. Eu estudei lá praticamente minha vida toda, todos os meus amigos são de lá. (BIANCA)

Eu achava que ia ser melhor [morar em Belo Horizonte], mas gosto. O colégio é muito difícil, acaba que tem que estudar muito mais. O pessoal [do colégio] é gente boa, mas não é a mesma coisa [dos amigos de sua cidade natal]. (FELIPE)

Além desses adolescentes, Fernanda também falou da sensação de ter optado em não mudar de colégio.

Gosto [da escola que estuda]. Assim, teve uma época que eu quis mudar de colégio, mas minha mãe acabou me convencendo a ficar lá mesmo. No final das contas foi bom, porque como eu já conhecia todo mundo mesmo, foi mais fácil. [Mais fácil como?] Ah, não precisei ficar longe das meninas. Acho que ia ser foda ficar sem ver elas. [E por que quis mudar de colégio?] Tinha uma amiga minha que ia fazer prova no Santo Agostinho, aí eu resolvi fazer também. (FERNANDA)

Assim, fica evidente que a escola não representa para os adolescentes apenas um local de estudos. Pudemos verificar que também propicia um intenso convívio dos alunos, permitindo que estabeleçam relacionamentos para além daquele ambiente. Isso nos leva ao próximo tópico, em que trataremos das atividades de lazer dos adolescentes, que estão diretamente relacionadas ao grupo de amigos.

6.4 O cotidiano do adolescente e o lazer

Nessa categoria pretendemos analisar o cotidiano do adolescente e as práticas de lazer, na tentativa de desvendar o comportamento desse indivíduo no seu dia-a-dia.

Além da importância da escola no cotidiano do adolescente, como vimos no tópico anterior, devemos focar, inicialmente, na constatação da importância da internet no convívio social desse grupo. Dos seis adolescentes entrevistados, cinco afirmaram que entrar em redes sociais para conversar virtualmente com os amigos faz parte de suas rotinas diárias, dedicando parte do seu tempo a esta atividade.

Como eu mudei de escola, eu não vejo os meus amigos no dia a dia, só nos finais de semana, quando a gente sai. Durante a semana a gente se fala pela internet mesmo. (BIANCA)

Ah, minha vida é bem normal. Acordo, vou pro colégio, almoço, estudo, entro na internet, vou pra academia, depois arrumo e vou pro cursinho. (FERNANDA)

Nada demais. Vou pra aula de manhã, de tarde faço os exercícios do colégio, vou pra academia, entro no computador, vejo TV e só. (PAULO)

Nos dias atuais, a internet tem permitido novas formas de comunicação, meios de expressão e produção da subjetividade. Cairoli e Gauer (2009) acreditam que com a importância estabelecida pelas redes sociais de relacionamentos¹⁰ no

¹⁰ “Uma rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. (...) As redes sociais podem operar em diferentes níveis, como, por exemplo, redes de relacionamentos (facebook, orkut, myspace, twitter)” – (WIKIPEDIA, 2011)

cotidiano dos adolescentes, “a escrita pode funcionar como um veículo que permite ao adolescente expressar o que não está conseguindo comunicar de uma outra maneira, constituindo, assim, um recurso de linguagem em um código social, discursivo.”

Além disso, os autores remetem-se ao fato de que é necessário o adolescente se reapropriar do próprio corpo e elaborar o luto em relação à perda do corpo infantil. “É necessário reconstruir uma imagem corporal, como se o corpo precisasse ser novamente escrito por significantes.” (CAIROLI; GAUER, 2009). Com isso, o adolescente pode encontrar na escrita uma forma de enfrentar seu desamparo corporal. Nesse sentido, as redes sociais de relacionamentos podem ser vistas como um apelo à construção de imagens que possibilitem ao adolescente existir, compartilhando suas experiências com o grupo de amigos e, até mesmo, com desconhecidos que se dispõem a ler o que escreve, na tentativa de compor laços sociais para enfrentar o seu cotidiano.

Outro ponto importante do cotidiano dos adolescentes que surgiu no decorrer das entrevistas relaciona-se com o consumo de bebidas alcoólicas. À exceção de Tamara, todos os outros adolescentes disseram beber, mesmo que pouco e só nos finais de semana quando saem com os amigos.

A indústria do álcool, de acordo com Neno e Alencar (2002), tenta a todo custo vender uma imagem positiva do seu produto, com o intuito de persuadir o indivíduo a consumir bebidas alcoólicas. Os adolescentes sofrem as consequências deste tipo de associação, pois tendem a apresentar um comportamento imitativo, o que pode provocar o consumo dessa substância neste grupo.

Kalina (1988) define drogadicção como algo inserido em um marco psicossocial e destaca a disposição do adolescente para usar drogas. Provar é um impulso comum e normal, principalmente na adolescência, tornando essa fase a mais exposta ao desenvolvimento da drogadicção. Como já dito, a adolescência é uma fase de transição; sendo assim, o adolescente pode ter um Eu fraco, necessitando de algo para cumprir este desafio. Se a família e/ou a sociedade mostram a ele as drogas como solução para enfrentar as exigências da vida, ele poderá colocar em prática a experiência tóxica. Sendo assim, o consumo de drogas lícitas pelos adolescentes, como o álcool, por exemplo, é estimulado socialmente pela mídia, por amigos, parentes.

Kessler, Feliz et al., em “Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas” (2003), referem-se a alguns autores que utilizam da psicanálise para explicar a drogadicção. Para Olivenstein e David Rosenfel, mais importante que o prazer narcísico propiciado pelas drogas, estaria um sentimento de falta. A partir da análise psicológica em seu aspecto afetivo da relação mãe-bebê, a ausência do vínculo afetivo provocaria uma falta oceânica jamais saciável. Devido ao comprometimento dos processos de introjeção dos objetos parentais, os drogadictos sentem o seu mundo interno esvaziado e sem vida. Com isso, a drogadicção seria consequência do deslocamento dessa falta para um outro objeto, devido à necessidade de se sentir vivo.

Kessler, Feliz et al. citam, também, Joyce McDougall, que coloca o comportamento adictivo como uma solução à intolerância afetiva. A mãe sente-se fusionada ao bebê, criando uma relação de dependência deste em relação a ela, dificultando que a criança constitua, em seu mundo interno, as representações maternas e paternas capazes de conter e manejar seus estados de sofrimento psíquico. A falta de objetos internos de identificação causa a busca de algo que substitua a mãe, como por exemplo, a droga.

Ao dizermos de adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas, segundo Martins, Manzato e Cruz (2005), reconhecemos que, embora a venda e o consumo destas substâncias sejam proibidos em nosso país para menores de 18 anos, são uma realidade presente. Os autores defendem que no Brasil pode-se comprar e consumir bebidas alcoólicas em qualquer lugar ou horário e por qualquer pessoa, sem que haja nenhuma fiscalização quanto ao cumprimento da lei em vigor, por haver uma tolerância social pelo fato de ser uma substância lícita.

Há uma tolerância social em se tratando de bebidas alcoólicas e das mudanças de comportamento que elas causam nas pessoas, e algumas condutas são valorizadas e estimuladas por grupos sociais de diversas culturas. Socialmente, o álcool é colocado num patamar diferente das drogas, ou seja, uma substância prejudicial à saúde e que gera danos sociais mais amplos. Outro ponto a considerar é que os pais vêem a conduta de embriagar-se do jovem como um ritual de passagem para a vida adulta e, principalmente quando se trata de rapazes, ela é vista com orgulho e satisfação. (MARTINS; MANZATO; CRUZ, 2005, p. 315)

As influências externas, de acordo com Neno e Alencar (2002), podem ser positivas, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades do adolescente, ou negativas, levando à acomodação, insegurança, falta de estruturação de um projeto

de vida, descompromisso e carência afetiva, que podem culminar em uma suscetibilidade à influência de grupos, sem que o jovem tenha desenvolvido o discernimento do que é bom ou não para ele. Para as autoras, sob o efeito do álcool, o adolescente se sente como gostaria de ser se não consumisse a bebida, encontrando nesta o apoio que precisa para fazer o que tem vontade.

Neno e Alencar (2002) apontam que a curiosidade faz parte da adolescência, além da inobservância às regras existentes, em que o adolescente tende a minimizar os riscos, pensando apenas no prazer, buscando experimentar de tudo achando que nada de ruim irá lhe acontecer. Com isso, sob o efeito do álcool, o adolescente busca ser quem ele deseja, compartilhando com os amigos os momentos que fazem uso da bebida.

A gente [turma de amigos] vai pra praça, tomamos uma, conversamos. (FELIPE)

A gente vai para casa de alguém, toma uma, joga truco. Ou [turma de amigos] vai pro buteco jogar sinuca. (RAFAEL)

Bebo quando saio com o pessoal, mas só cerveja mesmo. (BIANCA)

Os meninos [turma de amigos] de vez em quando bebem, mas não é sempre não. Bebo [Fernanda] muito pouco. Só caipivodka e frozen, de vez em quando. (..) Só bebo mesmo quando a gente [amigos] vai pra alguma boate. (FERNANDA)

Os autores afirmam que o álcool, quando chega ao sistema nervoso, inibe as ações, sensações e reações do indivíduo, liberando o que está reprimido – medos, ansios. Muitos adolescentes demonstram uma fragilidade que dificulta seus relacionamentos socioafetivos, impedindo-os de enfrentar seus problemas, tolerar frustrações ou encarar responsabilidades relacionadas à sua idade, buscando no álcool as soluções que não encontram em si mesmos para enfrentar os problemas do cotidiano. Com a ingestão de bebida alcoólica, de acordo Vieira et al. (2008), o adolescente adquire uma falsa segurança, passando a aceitar temporariamente seu corpo.

Como nos diz Ferreira (1995), desenvolvendo gosto e juízos estéticos, tendo autonomia precoce como consumidor de produtos do cotidiano, tais carros, cigarros,

bebidas, computadores, tendo de vencer o estresse e apresentar bom rendimento em um ambiente social exigente, o adolescente se coloca nesse ideário cultural que busca um corpo jovem, competitivo e livre.

Os adolescentes, para Neno e Alencar (2002), estão mais atentos às transformações corporais e procuram estar dentro dos padrões de beleza estipulados pela sociedade, sendo que quanto mais próximos se consideram deste padrão, mais autoconfiantes estarão, e a não adequação a esses padrões pode representar a não aceitação social. Com isso, as incertezas relacionadas às mudanças físicas, se vivenciadas por um adolescente que apresente sentimentos de confiança em si mesmo, elevada autoestima, afeto e confiança dos pais e bom relacionamento com amigos, ocorrerão de maneira menos conturbada do que por aqueles que não tenham uma imagem corporal positiva ou que não apresentem uma vivência social satisfatória. Essa vivência dá-se por meio do processo de sociabilidade.

Apesar de buscar sua individualidade, conceito propagado pela sociedade em que estamos inseridos, precisamos nos identificar com o outro para buscar nossa própria identidade. Dessa forma, os adolescentes compartilham gostos e ideais, ponto fundamental de sua sociabilidade. Por exemplo, Paulo, ao ser questionado sobre o que faz na companhia dos amigos, nos diz de conversas e gosto musical, principalmente por ter uma banda.

Nada de mais, conversa, trocar ideia... Fora quando a gente junta pra tocar.
(PAULO)

Já Rafael se identifica com a turma do skate, fazendo dessa uma atividade diária, que lhe dá prazer.

Sempre gostei de skate. Meu pai me deu meu primeiro skate eu tinha uns 6 anos. Aí eu conheci a galera do bairro que eu tô morando que curte, agora eu ando todo dia. (RAFAEL)

Esse fato nos leva à questão da atividade física, inclusive como local de inserção do adolescente, já que, à exceção do Rafael que pratica skate, todos os outros adolescentes frequentam ou já frequentaram academias de ginástica.

6.5 A prática de atividades físicas

Em nosso cotidiano existe um discurso da importância de se praticar uma atividade física para obter um corpo saudável. Observa-se um aumento crescente de pessoas buscando academias de ginástica e outras modalidades de exercício físico para atingir esse objetivo, além de corpos malhados, considerados belos e atraentes. Nesse contexto, procuramos discutir como isso acontece no dia-a-dia dos adolescentes.

Em nome da saúde e do bem estar, o corpo torna-se alvo de métodos disciplinares que modelam o corpo, tais como a atividade física. A cultura em que o adolescente se insere interfere no conceito que este tem do que é belo ou feio, saudável ou não. Enquanto o menino é incentivado a malhar ou praticar algum tipo de atividade física que auxiliará no desenvolvimento dos músculos, a menina é induzida a praticar atividades aeróbicas, que impliquem em perda de peso.

As meninas entrevistadas, apesar de frequentarem ou já terem frequentado academias, admitem não gostar de musculação, preferindo as atividades aeróbicas, como sugerido acima, e dietas. Já os meninos, devido à crença de que bonito é o homem sarado/forte, praticam atividades relacionadas à musculação, na tentativa de alcançar tal objetivo.

Hoje eu ainda penso que dá, mudando os hábitos, comer menos, alimentar melhor, atividade física. Aí você vai melhorando o corpo, uma academia. Apesar de que eu acho academia horrível. Tentei três vezes e não consegui. Eu não tenho paciência, é muito monótono, eu não gosto. Aí eu acho que do jeito que eu estou hoje ainda dá para melhorar sem intervenção, sem cirurgia. Mas se eu tivesse um dinheiro sobrando, eu faria uma lipoaspiração, tiraria de um lugar e colocaria em outro. (TAMARA)

Vou pra academia três vezes por semana, mas não faço musculação não, detesto. Faço só *jump*¹¹. (FERNANDA)

Malho numa academia perto da minha casa, mas também pratico *Le Parkour*¹² e jogo bola. (PAULO)

¹¹ O Jump Fit é um programa de condicionamento cardiovascular, que consiste em exercícios aeróbicos praticados sobre um minitrampolim elástico individual, mesclado a coreografias fáceis e intensas de vários ritmos musicais que lhe garantem um teor lúdico. (FIT.PRO, 2011)

¹² “Atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápido e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano. Criado para ajudar a superar obstáculos de qualquer natureza no ambiente circundante — desde galhos e pedras até grades e paredes de concreto — e pode ser praticado em áreas rurais e urbanas.” (WIKIPEDIA, 2011)

Comecei academia agora e jogo futebol toda semana. (PAULO)

Hoje existe uma preocupação excessiva com a beleza, fazendo com que o sujeito se utilize de diversas técnicas para manter-se belo e/ou adquirir a forma física desejada por ele. Com isso, há uma progressiva procura de adolescentes por academias de ginástica, que surgem como espaços de visibilidade, de exposição corporal. Ter um corpo dito saudável torna-se importante no campo afetivo e na reafirmação do que se espera dos ideais de masculinidade e feminilidade (TORRI; BASSANI; VAZ, 2007).

Podem ser citadas três razões que levam o adolescente a praticar atividades físicas, segundo VIEIRA; PRIORE; FISBERG (2002): aquisição de autoconfiança e satisfação pessoal; sair de uma rotina rígida, como, por exemplo, a escolar; e, socialização, visto que o esporte e as academias de ginástica podem se tornar um ambiente propício a situações a serem experimentadas pelos adolescentes. Os autores afirmam, porém, que a grande preocupação com a imagem corporal geralmente é o estímulo que leva muitos adolescentes a buscar atividades desportivas, sobretudo em academias de ginástica.

Como estudado, vimos que nossa sociedade enaltece um ideal de magreza e da boa forma física, que influencia diretamente na percepção da imagem corporal, especialmente na adolescência. Na tentativa de adquirir um corpo perfeito ou como forma de melhorar alguma imperfeição corporal, os adolescentes passando horas nas academias, podendo tornar-se perfeccionistas e obsessivos pela beleza física.

Ainda que a busca por um corpo ideal seja ponto forte dessa dissertação, não devemos deixar de lado a questão da sociabilidade dos adolescentes nas academias de ginástica, mesmo que esta não tenha sido explicitada nas entrevistas. Castro (2005) afirma que, ao escolher pela prática de alguma atividade física, o sujeito procura por grupos de pessoas com afinidades, criando uma rede social. Por meio da atividade física, identifica ou distingue-se do outro, construindo identidades sociais. Dessa forma, temos que o culto ao corpo é uma maneira de consumo cultural, expressando um estilo de vida dos praticantes, na medida em que compartilham um mesmo universo. Pode-se observar que nas academias de ginástica há um tipo de roupa a ser usado, uma trilha sonora típica e uma concepção de corpo expressa pelo grupo de frequentadores.

Assim, quando os adolescentes buscam as academias de ginástica ou outras maneiras de prática de atividades físicas, não estão atrás apenas de uma performance corporal, mas também de relações sociais. Com isso, torna-se necessária a discussão das práticas afetivo-sexuais na adolescência, visto que são bastante presentes nas discussões da adolescência.

6.6 As práticas afetivo-sexuais na adolescência

Na adolescência cada contexto envolve um tipo de produção social e, conseqüentemente, propicia expectativas e concepções. Nesse âmbito, encontramos os aspectos afetivo-sexuais marcantes no desenvolvimento do adolescente que, como visto no subcapítulo anterior, estão relacionados com a construção da imagem corporal, visto que é por meio da exposição do corpo que surgem as relações afetivas.

O adolescente pode apresentar inseguranças em relação a sua imagem corporal. Um adolescente que não se valoriza dificilmente perceberá que é desejado por outra pessoa. Sendo assim, as experiências afetivo-sexuais têm papel fundamental na estruturação da personalidade do jovem, na sua autoaceitação (NENO; ALENCAR, 2002).

Nessa categoria pretendemos analisar como os adolescentes vivenciam suas experiências afetivo-sexuais. Devemos destacar os comportamentos do sexo oposto considerados aceitáveis, ficando evidente como ainda estamos inseridos em uma cultura machista, que não permite que a mulher tenha o mesmo tipo de comportamento do homem.

Às vezes eu fico com uma menina da minha cidade, mas namorar não. (...) Ela não dá pra namorar não, só ficar. (...) Ela já ficou com um tanto de amigo meu, aí não dá não. Sem contar que todo mundo sabe que ela já traiu o menino que ela namorava. (FELIPE)

Eu gosto de um menino. Quando ele está, a gente fica, mas não é sempre não. Se não, não fico com ninguém não. (...) Na verdade, ele é amigo da minha irmã, mas ela não sabe que a gente fica não. Eu gosto muito dele, mas a gente não namora não. Mas acaba que eu não tenho vontade de ficar com outros meninos, não, sabe? Tem até uma amiga minha que fale que eu sou boba, que eu tinha de ficar com outros, que ele só me usa, que se ele

gostasse de mim a gente já tava namorando e tal, mas eu prefiro assim, não tenho vontade de ficar com outros, então não fico. (FERNANDA)

Aqui devemos entender o que é o ficar. Usaremos o conceito de Chaves, citado por Stengel (1996), para entender que o ficar com alguém pode ser definido como

“um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer. É um encontro de um dia e/ou uma noite que pode ir de uma troca de beijos a uma relação sexual. Nele há um distanciamento acentuado entre o plano ideal e o plano real do sujeito. “Ficar com” é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer. É um exercício da sedução.” (CHAVES apud STENGEL, 1996, p. 92).

STENGEL (1996) afirma que as relações afetivas na adolescência são determinadas pelo grau de envolvimento afetivo dos parceiros, ou seja, quanto maior o sentimento vivido, mais séria será a relação e esta será objeto de investimento e valorização pelos parceiros.

Apenas Bianca diz namorar e Tamara afirma não estar com ninguém. Todos os outros ficam com alguém quando encontram com a pessoa, sendo que Felipe e Paulo não demonstraram querer nada sério com as meninas que têm relação.

Em relação à atividade sexual, todas as meninas se disseram virgens, enquanto os meninos disseram ter perdido a virgindade das maneiras mais diversas: um em uma festa, o outro com a empregada da casa da avó e o terceiro com uma garota de programa.

Meninos e meninas afirmaram conversar sobre a questão da virgindade com o sexo oposto, porém de maneiras distintas. Enquanto as adolescentes consideram os meninos menos inibidos em relação ao assunto, estes acham que com as meninas não dá para conversar muito a respeito.

[Converso] com os dois, mas com menina é muito diferente o naípe da conversa. Se não você acaba ofendendo a garota ou até acaba queimando seu filme. É bem mais *ligh*t. (PAULO)

Aí a gente não fala muito não, porque elas nunca falam nada [sobre sexo]. (FELIPE)

Sempre rola umas brincadeiras [sobre sexo], mas nada sério, porque senão elas ficam putas. (RAFAEL)

Eles só falam de sexo, mas de uma maneira mais tosca, vulgar, eles nem ligam pra esse lance de primeira vez, só querem mesmo pegar a maior quantidade de meninas que eles puderem. (BIANCA)

[Falo sobre virgindade] com eles também, mas eles só querem falar de sexo. Ficam fazendo brincadeirinha e tal. Quando está só a gente [meninas] é mais legal, porque aí podemos falar o que quiser. (FERNANDA)

Os aspectos relacionados ao crescimento corporal que são alvos comuns de comparação entre os adolescentes, segundo Cano et al. (1999), são estatura, tamanho do pênis, quantidade de pelos e força muscular, no caso dos meninos. Já para as meninas as comparações são baseadas no peso, no tamanho dos seios, nas estrias e celulite.

Sempre tem uma que tá se achando gorda ou feia. (...) Assim, eu queria ter um pouco menos de peito e bunda. Tenho celulite que eu odeio, mas tá bom. E meu cabelo podia ser mais fácil de cuidar também. (FERNANDA)

O adolescente passa a reparar se seu corpo é o que idealizou para si e se corresponde, também, às expectativas do outro, por meio da identificação e comparação com outros adolescentes. Para Cano et al. (1999) o adolescente investe em uma busca intensa por uma identidade por meio de suas relações afetivas, tendo como base seu corpo, sua imagem corporal.

Por meio das relações que o adolescente compartilha e troca experiências, já que o corpo, nesse momento, assume um importante papel na vida do sujeito. Com o desenvolvimento das características sexuais secundárias, há uma modificação dos sentimentos e também do objeto afetivo.

O adolescente, quando insatisfeito em relação ao seu corpo, pode sentir-se rejeitado perante a sociedade. Porém, Neno e Alencar (2002) afirmam que quando o olhar do outro supera a baixa autoestima do adolescente, sua autoimagem provavelmente será reorganizada. Com isso, podemos dizer, segundo as autoras, que as relações afetivo-sexuais são fundamentais para a estruturação da imagem corporal do adolescente na sua autoaceitação.

A análise das entrevistas nos permitiu refletir acerca dos processos que o adolescente passa em seu desenvolvimento, refletindo na construção da sua imagem corporal. Dessa forma, apresentaremos adiante as considerações finais desse estudo, na tentativa de fechar os conceitos teóricos apresentados com o exposto nas entrevistas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciaremos o desfecho dessa pesquisa com a ideia levantada por Villaça e Góes (2001) de que o corpo nos dias atuais é ao mesmo tempo sujeito e objeto; é suporte do eu, mas também do outro; encarnação e representação; carne e imagem. Nesse contexto, o corpo se afirma perante uma ditadura cultural do belo, por meio de uma abstração da imagem corporal pelo sujeito.

A imagem corporal adquire um significado especial na adolescência, fase em que o corpo e o psiquismo sofrem acentuadas transformações. As reflexões sobre essa imagem passam pela análise das modificações e das características da sociedade, que cada vez mais impõe sua visão do belo e do certo aos adolescentes, que, em geral, saem da infância despreparados para enfrentar tantas imposições e mudanças. Além disso, a satisfação com a aparência se embasa em visões sociais e culturais que se apresentam em constantes e significativas mutações.

A análise da importância do corpo é fundamental para o entendimento do tema, que sofre interferências de processos diversos, de acordo com as particularidades que cada contexto exerce sobre o adolescente. Assim, a forma como lida e aceita (ou não) o seu corpo é uma construção baseada na sociedade em que vive e não segue padrões universais.

A compreensão da noção de corpo e das suas relações e correlações com o espírito embasou-se em pensamentos filosóficos e se alterou ao longo dos tempos, mas é indiscutível a importância da corporeidade. As ideias filosóficas sobre o corpo acompanharam, de forma mais intensa ou não, as grandes transformações sociais. No mundo contemporâneo, há interpretações do corpo como forma de experiências, reduzindo-se a um comportamento ou a um modo de ser vivido, que envolve as diversas manifestações corporais e todos os sentidos.

Deve-se considerar as interferências políticas, econômicas e ideológicas sobre os processos sociais, tendo em vista os efeitos do poder sobre o corpo e suas configurações, o comportamento cotidiano, e sua utilização econômica, particularmente no Ocidente. Na sociedade capitalista, a exploração do corpo pelo trabalho gerou uma alienação, devido à falta de criatividade e liberdade de ação impostas.

Na atualidade, a globalização levou à construção de uma relação dos indivíduos com o corpo idealizando tipos físicos específicos e criando uma nova cultura do consumo, que enfatiza a importância da aparência. Há um modelo de beleza construído, embasado em artificialismos para criar um corpo bonito e saudável.

O corpo reflete como o sujeito contemporâneo se expressa e se posiciona no mundo, influenciado por aspectos culturais cada vez mais ditados pela globalização, que generaliza ideias e amplia os desejos. A sociedade modela o corpo, impondo regras, linguagens e padrões que se refletem no seu comportamento. O homem contemporâneo é convidado a construir o seu corpo; o domínio e a consciência do seu corpo o levam a moldá-lo de acordo com o que é conduzido a desejar, criando estímulos para a busca de um corpo sadio e idealizado pela cultura.

A corporeidade se apresenta como elemento de consumo de um imaginário normatizado, com intuito de forjar um corpo dócil, que pode ser submetido aos interesses sociais e modificado. O corpo agrega vestimentas e acessórios; é influenciado e passa por desejos de remodelagens que influenciam nos aspectos físicos e psicológicos para adequar-se aos desafios da atualidade.

Os padrões socialmente construídos estabelecidos pela cultura contemporânea extrapolam os limites locais e se internacionalizam. Mas o modelo ideal pode gerar insegurança e depressão por aqueles que acreditam não preencher os seus requisitos, gerando críticas e desejos. As experiências de vida incluem as referências ao corpo, modelado pela cultura como veículo de prazer, mas que exige sacrifícios e modificações para adequar-se ao modelo estabelecido.

A adolescência envolve maturidade biofisiológica e psicossocial; é marcada por fortes emoções e intensas transformações, que podem gerar crises, conflitos e contradições. As formas novas e visíveis que o adolescente adquire exigem um trabalho de luto, elaboração do psiquismo e a transformação do seu caráter ou personalidade. Surgem conflitos da necessidade de viver em sociedade e relacionar-se com as pessoas, respeitando deveres e direitos de cada um, o que restringe a nossa liberdade plena.

O luto vivenciado pelo adolescente e vinculado aos objetos do passado é inevitável; envolve perdas reais ou simbólicas e manifesta-se por meio de questionamentos e atitudes, muitas como defesas necessárias ao processo de sua formação. As mudanças psicológicas e de adaptação social levam à busca de uma

nova identidade, decorrentes de transformações corporais internas e externas bruscas, gerando prazer e ânsia. A conduta dos pais pode favorecer ou não a formação do adolescente, suas negações e aceitações das mudanças, suas angústias e necessidades de reformular o relacionamento consigo e com o mundo. Ocorrem flutuações de personalidade, muitas vezes incompreendidas conscientemente ou não pelo adolescente e/ou por quem o cerca. Suas defesas são influenciadas também pelos obstáculos e restrições impostas no seu cotidiano.

A imagem corporal pode envolver um complexo ideativo-afetivo, inconsciente, constituído de variantes e potencialidades que valorizam ou não o eu, por atributos que possui ou deseja, na relação com o outro. Esse valor que o eu se atribui e às suas atividades e objetos é indissociável da vida psíquica, gerando e graduando a autoestima.

A sexualidade como elemento estruturador da identidade do adolescente envolve a representação mental do seu corpo por meio da imagem corporal, aspectos conscientes ou não, inclusive a percepção subjetiva da aparência, fatores psicológicos e socioculturais. As mudanças físicas, intensas na adolescência, exigem reformulações na imagem corporal. A idealização de um corpo perfeito gera ansiedade e insegurança, principalmente porque as modificações, mesmo reais, são percebidas de formas variadas pelos adolescentes, influenciados por sua subjetividade e pelas reações do ambiente ao seu redor.

O culto ao corpo e à aparência na atualidade leva a um modelo de beleza e juventude que é repetido e padronizado, desconhecendo a singularidade e a diferença (FERREIRA, 2010). O processo de identificação do adolescente forma o seu psiquismo e a sua identidade; organiza sua personalidade e a interlocução indivíduo–família–sociedade. A relação do adolescente com o corpo decorrente das transformações do contexto sócio-histórico e econômico da contemporaneidade e da intensificação das mudanças que aceleram as possibilidades do mercado e da indústria cultural pode dificultar a formação da identidade do adolescente, causando conflitos e inibições diversas; alguns consideram que seu culto à imagem é reflexo da crise de ideais no mundo contemporâneo.

O mercado e sua lógica do consumo estimulam essa visão de fascínio ilimitado do eu, valorizando o corpo idealizado e associando-o a imagens de juventude, saúde, aptidão e beleza. Isso é imposto e se reflete no adolescente, que se vê obrigado a competir para alcançar o desenvolvimento social. As diferenças

culturais são desconsideradas e o adolescente sente-se desvinculado do seu ambiente para se adaptar aos modelos preestabelecidos. Um problema dessa manipulação é a aceitação de um corpo homogêneo e de movimentos perfeitos, que gera exclusão social.

A pesquisa desenvolvida neste estudo verificou, na prática, a visão dos adolescentes em relação à sua imagem corporal, observando como percebem o seu próprio corpo e como lidam com ele. Os resultados reforçaram a valorização do ideal de beleza estabelecido por nossa sociedade e que os adolescentes se consideram longe desse padrão.

Os entrevistados acreditam que ainda estão em processo de transformação corporal e que vão se desenvolver mais fisicamente. E aliam a isso suas expectativas em relação ao que desejam para si. Enquanto os meninos buscam corpos musculosos, as meninas persistem em um padrão de magreza.

Esses ideais impostos por uma sociedade que supervaloriza a estética e exhibe de várias maneiras, principalmente midiática, o corpo que deve ser desejado, estimulam o adolescente, que passa por um processo de luto pelo corpo infantil, a fazer de seu corpo objeto de manipulação, tentando satisfazer a si mesmo, mas também o outro, que espera dele um corpo dito jovem e saudável. Os meninos entrevistados praticam atividades físicas, sejam em academias ou em outros espaços, enquanto as meninas recorrem a dietas e dizem de um desejo de fazer cirurgia plástica, em especial a lipoaspiração.

Não é por acaso que os adolescentes entrevistados acreditam que o corpo ainda vai sofrer alterações. Os adolescentes estão em processo de desenvolvimento corporal, o que justifica preocuparem-se com o peso, a aparência e o tamanho corporal. Alguns meninos queriam ser mais altos, as meninas reclamam do tamanho dos seios e quadris. Expressam um descontentamento, em graus diferentes de insatisfação, com a desproporção corporal que acreditam e sentem ter.

Como visto na análise das entrevistas, a construção e a elaboração do corpo pelo adolescente sofrem pressões sociais das pessoas que o cercam, tais como amigos, família, conhecidos, etc., que afetarão a maneira como o adolescente se posicionará diante do seu corpo. As entrevistas nos revelam que o corpo na adolescência assume importante papel de projetar o sujeito, já que o corpo se torna um meio que o adolescente tem de representar-se diante do outro. O corpo e a maneira como o adolescente o situa nos fala do seu contexto social e suas relações.

Todos os entrevistados relataram como se posicionam socialmente, seja pelo estilo de roupa, seja por um piercing, pelo cabelo ou pelo lazer.

O corpo na adolescência se transforma de uma maneira profunda e rápida, seja no tamanho, no peso ou no desenvolvimento dos órgãos sexuais. Devemos destacar que as transformações psíquicas e sociais geram insegurança em relação a essa revolução física que faz com que o adolescente passem por uma fase ambígua no que diz respeito à sua imagem corporal. Por meio das análises de dados foi possível perceber que os sujeitos ora apresentavam contentamento com seu corpo e, em outros momentos, não aprovavam seu porte físico, queixando-se de suas formas e proporções.

As transformações físicas e psíquicas próprias da adolescência geram uma tendência de autoafirmação e busca de um lugar na sociedade. Todos os entrevistados disseram da importância dos amigos em suas vidas, mas principalmente, relataram o quanto o meio em que se inserem diz deles. Aqueles que não se sentiam pertencentes ao ambiente em que estavam inseridos, tentaram repugnar o outro e enalteceram aqueles que fazem parte do meio que se identifica. Via de regra, é por meio da comparação com o outro que o adolescente passa a imaginar seu corpo, rejeitando-o ou aprovando-o, fazendo das amizades figuras importantes e fundamentais na constituição da sua imagem corporal.

Porém, como pode ser observado nas entrevistas, não é apenas nas amizades que os adolescentes se identificam, apesar destas serem de suma importância. O outro pode ser também a família, um colega, um modelo da mídia ou qualquer indivíduo que passe para esse adolescente a ideia de quem ele é e de quem ele quer ser. Esse outro pode tornar-se influências positivas ou negativas para o sujeito, decorrente de uma imagem corporal em transformação e de um meio social que impõe padrões idealizados de uma beleza quase que inatingível para a maioria.

Constatamos que os adolescentes da nossa sociedade buscam cada vez mais em uma imagem corporal idealizada e ilusória. A cultura de consumo em que estamos inseridos e a condição da adolescência de bem de consumo e estilo de vida levam-nos a concluir que a adolescência foi elevada a ideal cultural contemporâneo.

Dessa forma, entendemos que ao abordar um tema tão rico como a adolescência, ampliamos um leque de possibilidades para outras pesquisas voltadas

para esse público, principalmente no que se refere à posição imposta ao adolescente pela sociedade, que só faz aumentar sua ansiedade em relação às transformações desse período que por si só já são demasiadamente angustiantes.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício (Org.). **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ACADEMIA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. **Dismorfofobia**. Disponível em <<http://www.psicologia.org.br/internacional/ap29.htm>>. Acesso em: 5.jun.2011.

AMARAL, Ana Carolina Soares; et al. A cultura do corpo ideal: nível de satisfação corporal entre escolares de diferentes faixas etárias - Estudo comparativo. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 33, p. 41-45, 2007.

AMARAL, Ana Carolina Soares; et al. A cultura do corpo ideal: prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 4, n.2, pp. 24-30, 2010.

ASSIS, Roselle Ribeiro de Assis. O corpo e a dimensão estética. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. A adolescência como ideal social. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2, 2005, São Paulo. **Proceedings online**. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200008&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 02 Mai. 2011.

AZEVEDO, Flávia Chiapetta de. Nome próprio, traço unário e autismo.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5, 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100027&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 21 Ago. 2011.

AZEVEDO JUNIOR, Mario Renato de; ARAUJO, Cora Luiza Pavin; PEREIRA, Flávio Medeiros. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, mar. 2006 . Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 set. 2011.

BARROS, Carla Costa. **Adolescência e MSN: o arranjo tecnológico da intimidade**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

BARROS, Marta Cavalcante de. "O espelho": entre o si mesmo e um outro. **Psychê: Revista de Psicanálise**, São Paulo , v.8, n. 13 , p. 61-70, jan./jun. 2004.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. **Genero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BREINBAUER, Cecília. **Jovens – escolhas e mudanças**: promovendo comportamentos saudáveis em adolescentes. São Paulo: Roca, 2008.

CAHN, R. **O adolescente na psicanálise**: a aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CAIROLI, Priscilla; GAUER, Gabriel Chittó. A adolescência escrita em blogs. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 2, Jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 Set. 2011.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha. 2000.

CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. Corpo-mídia: corpo disciplinado. **Communicare: revista de Pesquisa**, São Paulo, v.7, n.1, p. 21-30, jan. 2007.

CAMPAGNA, V.; SOUZA, A. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 09-35, 2006.

CAMPOS, M. A. B. Gravidez na Adolescência. A imposição de uma nova identidade. **Pediatria Atual**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 11/12, p. 25-6, 2000.

CAMPOS, Sônia Cury da Silva. A imagem corporal e a constituição do eu. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 63-69, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 20 Abr. 2011.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANO, M.A.T., et al. Auto-imagem na adolescência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v.1, n.1, out./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/index>>. Acesso em 21 Ago. 2011.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Corpo e contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005

CASTRO, Ana Lúcia. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. In: Bueno, Maria Lúcia; Castro, Ana Lúcia (Org.). **Corpo, território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 135 - 151.

CASTRO, Lucia Rabello de, et al. A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 437-447, mai./ago. 2006

CLERGET, Stéphane. **Adolescência: a crise necessária**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

CONTI, Maria Aparecida. Os aspectos que compõem o conceito de imagem corporal pela ótica do adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.18, n.3, p. 240-253, 2008.

CONTI, Maria Aparecida; GAMBARDELLA, Ana M D; FRUTUOSO, Maria F P. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.15, n.2, p. 36-44, 2005.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COUTO, Edvaldo Souza. Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

DACOSTA, Lamartine Pereira. O corpo na sociedade pós-moderna. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

DAMASCENO, Vinicius Oliveira et al. Imagem corporal e corpo ideal. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Brasília, v.14,n.2, p.81-94, abr. 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set/dez. 2003.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DOLTO, Françoise; NASIO, Juan David. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

EISENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 6-7, jun. 2005.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. **A Imagem Rainha**: as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FERRARI, Armando B. **Adolescência**: o segundo desafio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Sociabilidade. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Sociabilidade. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1602.

FERREIRA, Berta Weil. **O cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Carlos Aberto de Mattos; MACHADO, Robinson. In: FERREIRA, Carlos Aberto de Mattos e Thompson, Rita (Org.). **Imagem e esquema corporal**. São Paulo: Lovise, 2002.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo. A Cultura do Corpo Ideal: Prevalência de Insatisfação Corporal entre Adolescentes. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v.4, n.2, p. 24-30, 2010.

FITT.PRO. **Jump**. Disponível em <<http://www.fitpro.com.br/jumpfit/>>. Acesso em: 5.jun.2011.

FONTANA, Roseli A. Cação. O corpo aprendiz. In: CARVALHO, Yara Maria de; RÚBIO, Kátia. **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

FONTES, M. **Corpos canônicos e corpos dissonantes**: o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 29. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 5, p. 118-230.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. (1908) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 9, p. 149-161.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. (1914a) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 13, p. 281-289.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. (1914b) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 14, p. 83-119.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. (1917) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 14, p. 275-291.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Ego. (1921) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 18, p. 89-179.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Isso. (1923) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 19, p. 11-83.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 21, p. 75-171.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DO BEM-ESTAR DO MENOR (MG). **Estatuto da criança e do adolescente [1990]**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social.

GAIARSA, José Angelo. O corpo que se vê e o corpo que se sente. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

GALLATIN, J. E. **Adolescência e individualidade**: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda. 1978

GAMBARATO, Renira Rampazzo. Signo, significação, representação: um percurso semiótico. **Communicare: Revista de Pesquisa**, São Paulo, v.5, n.2, p.45-53, jul. 2005.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GARRITANO, Eliana Julia; SADALA, Glória. O adolescente e a cultura do corpo na contemporaneidade. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 34, n. 2, p. 485-512, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/8506/5967>>. Acessado em 29 jul. 2010.

GESSER, Marivete; GRANDO, José Carlos; BROGNOLLI, Felipe Faria. Exclusão e preconceito: do "padrão" ao corpo diferente. **Dynamis: Revista Tecno-científica**, Blumenau, v.9, n.37, p.88-96, out./dez. 2001.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2006.

GRANDO, José Carlos; GALDINO, Jefferson. Pluralidade cultural na educação física escolar. **Dynamis: Revista Tecno-Científica**, Blumenau, v.10, n. 39, p. 27-33, abr./jun. 2002.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.

HORNSTEIN, Luis. **Introdução à psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1989.

KALINA, Eduardo. **Drogadicção II**. Rio de Janeiro: F. Alves. 1988.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado: corpo livre?**. São Paulo: Paulus, 2005.

KESSLER, Feliz et al. Psicodinâmica do Adolescente envolvido com drogas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 33-41, abril 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a05v25s1.pdf> > Acessado em: 24 set. 2006

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do EU. (1949) In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACERDA, Yara; APOLÔNIA, Andrea. As relações entre mídia e a construção da imagem corporal de alunos nas aulas de educação física escolar: um relato de experiência. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 15, n. 145, Jun. 2010. Disponível

em < <http://www.efdeportes.com/efd145/as-relacoes-entre-midia-e-imagem-corporal.htm>>. Acesso em: 28 Ago. 2011.

LAPA, Cesar Roberto de Vasconcellos. Sorria, você está sendo controlado: a corporeidade do poder. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia , v.10, n.6 , p.1121-1134, nov./dez.2000.

LAPLANCHE, Jean de; PONTALIS, J. B.. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE JEUNE, Véronique; ELIAKIM, Philippe. **Eu não sou assim!**: como encarar as mudanças do corpo na adolescência. São Paulo: Ática, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 59-76, jul./dez.2000.

MAAKAROUN, Marília de Freitas; SOUZA, Ronald Pagnoncelli de; CRUZ, Amadeu Roselli. **Tratado de adolescência**: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura Medica, 1991.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; AZEVEDO, Berta Hoffmann; CASTAN, Juliana Unis. Adolescência e psicanálise. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother (Org.) **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Psicologia escolar**: em busca de novos rumos. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS, Raul Aragão; MANZATO, Antônio José; CRUZ, Luciana Nogueira da. O uso de bebidas alcoólicas em adolescentes. In: CASTRO, Lucia Rabelo; CORREA, Jane (Org.). **Juventude contemporânea**: perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

MEDINA, João Paulo Subira. **A educação física cuida do corpo... e "mente"**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2008.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papyrus, 1987.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. **Processo de construção da identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MOREIRA, Wagner Wey. Educação física escolar: a busca da relevância. In: PICCOLO, Vilma L. Nista. (Org.) **Educação física escolar: ser... ou não ter?**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p.11-25

MOREIRA, Wagner Wey. O fenômeno da corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape Ed., 1994.

MUUSS, Rolf Eduard Helmut. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Interlivros, 1971.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NEIVA, Kathia Maria Costa; DE ABREU, Mônica Martins; RIBAS, Tatiana Pereira. Adolescência: facilitando a aceitação do novo esquema corporal e das novas formas de pensamento. **Psic**, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 set. 2011.

NENO, Eliane Cristina Cruz; ALENCAR, Gilcene Araújo de. **A influência de propagandas comerciais de bebidas alcoólicas no consumo desta droga lícita por adolescentes entre 15 e 17 anos**. 2002. 62f. Monografia (Graduação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Curso de Graduação em Psicologia, Belém.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Agenciamento do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da educação física. **Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**, Florianópolis, v.12, n.16, p.53-68, mar. 2001.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes; CAMILO, Adriana Almeida; ASSUNÇÃO Cristina Valadares. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 61-75, jun. 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Adolescence health**. Disponível em <http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/>. Acesso em 07 jul. 2011.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.) **História do corpo**: volume 3: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

OSORIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**: estudos revisados sobre adolescência. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PAGNONCELLI, Ronald. **Para entender o adolescente**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PALACIOS, J. O que é a adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.1.

PALADINO, Erane. **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PARKOUR. Wikipédia. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Parkour>>. Acesso em: 5.jun.2011.

PEREIRA, Viviane Andrade. **Corpo ideal, peso normal**: transformações na subjetividade feminina. Curitiba: Juruá, 2010.

PESSOA, Adriana Gomes (Org.). **Cadernos de psicologia 3**. Vila Velha: Sociedade Educacional do Espírito Santo, 2008.

PHILIPPE, Jeammet; CORCOS, Maurice. **Novas problemáticas da adolescência**: evolução e manejo da dependência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PRATTA, Márcia Ap. Bertolucci. **Adolescentes e jovens... em ação!**: aspectos psíquicos e sociais na educação do adolescente hoje. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

REDE SOCIAL. Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social>. Acesso em: 5.jun.2011.

RIBAS, Norma Rejane Santos; FAGUNDES, Tamir Freitas; MACEDO, Fabiane de Oliveira. A adolescência e suas implicações na prática esportiva. **Cinergis: Revista do Departamento de Educação Física e Saúde**, Santa Cruz do Sul, v.4, n. 2, p.43-60, jul./dez. 2003.

- ROCHA, Ana Paula Rongel ; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicologia, Ciência e profissão**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008.
- RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.9, n.13 , p. 109-124, jun. 2003.
- ROSA, M. **Psicologia evolutiva: psicologia da adolescência**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1991, v. 3.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. L. (Org.) **Adolescência: abordagem psicanalítica**. São Paulo: EPU.
- SANTIN, Silvino. Visão lúdica do corpo. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo: As energias construtivas de psique**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.
- SIGAL, Ana Maria. Formação do Eu: um estudo para ler o Estádio do Espelho. In: SIGAL, Ana Maria. **Escritos metapsicológicos e clínicos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **Cirurgia plástica**. Disponível em <<http://www.cirurgiaplastica.org.br/publico/historico.cfm>>. Acesso em: 5 jun.2011.
- SOUZA, Vanessa Guilherme. **Meninas-adolescentes: rituais, corpo e resistência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Ed., 2008.
- SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews. **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista**. 3. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor?: as relações afetivas dos adolescentes**. 1996. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

STUBBE, Dorothy. **Psiquiatria da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, M.C.G.C.F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri: Manole, 2003.

TESSMER, Chiara Scaglioni et al. Insatisfação corporal em frequentadores de academia. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Brasília, v.14, n.1, p.7-12, jan. 2006.

TIBA, I. (1986). **Puberdade e Adolescência**. São Paulo: Ágora, 1993.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aproveitam as férias para voltar as aulas com silicone nos seios**. Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=440:adolescentes-aproveitam-as-ferias-para-voltar-as-aulas-com-silicone-nos-seios&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso em: 21 Ago. 2011.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, p. 499-512, 2007.

TRIPOLI, S. G. **A arte de viver do adolescente: a travessia entre a criança e o adulto**. São Paulo: Arte & Ciência. 1998.

VARGAS, Angelo Luís de Souza. **A educação física e o corpo: a busca da identidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

VIEIRA, Patrícia Conzatti; et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, nov. 2008. Disponível em <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v24n11/04.pdf>>. Acessado em 17 set. 2011.

VIEIRA, Valéria Cristina Ribeiro; PRIORE, Sílvia Eloiza; FISBERG, Mauro. A atividade física na adolescência. **Adolescência Latino-Americana**, Porto Alegre, v. 3, n.1, ago, 2002. Disponível em <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302002000100007&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 14 set. 2011.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred de (Orgs.). **Nas fronteiras do contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia**. Rio de Janeiro: Mauad, FUJB, 2001.

VILLAS, Sara. **Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da UFMG, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais.

ZIMMERMANN, Elizabeth. **Corpo e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZUIN, Antonio Alvaro Soares. O corpo como publicidade ambulante. **Perspectiva**, Florianópolis, v.21, n.01, p. 39-53, jan./jun. 2003.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

Entrevistado:

Idade/ data de nascimento:

Escola:

Série:

Rotinas do Adolescente

- O que faz no dia-a-dia
- O que faz nos fins de semana
- Que tipo de programa costuma fazer
- Quais lugares costuma frequentar
- O que rola nesses programas
- Com quem costuma sair
- Quem são seus amigos, de onde são
- Como são os amigos, em que se parecem ou não

O Adolescente e o Corpo

- Como percebe as transformações que viveu e está vivendo
- Contar como foram essas mudanças (quando foi a primeira menstruação, o primeiro sutiã, etc.)
- Como imaginava que seria o corpo
- O corpo dele hoje é o que imaginava
- Queria mudar algo em seu corpo
- Faz algo para mudar seu corpo
- Acha que o corpo ainda vai mudar
- Questionar sobre cabelos, *piercings*, tatuagens, etc.

**ANEXO A – Carta de Aprovação do Projeto de Pesquisa CAAE –
0083.0.213.000-10 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas**



PUC Minas

**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa**

Belo Horizonte, 01 de julho de 2010.

De: Profa. Maria Beatriz Rios Ricci
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

Para: Marina Rodarte Couto Martins
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Prezado (a) pesquisador (a),

O Projeto de Pesquisa CAAE – 0083.0.213.000-10 “*A construção da imagem corporal do adolescente na contemporaneidade: um estudo no ambiente da Educação Física Escolar*” foi **aprovado** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas.

Atenciosamente,

Profa. Maria Beatriz Rios Ricci
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – PUC Minas

ANEXO B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP:

Título do Projeto: A Imagem Corporal do Adolescente na Contemporaneidade: o culto ao corpo

Prezado Senhor (a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que estudará a questão da imagem corporal na adolescência na contemporaneidade. O objetivo do projeto é estudar o processo de construção da imagem corporal do adolescente e sua relação com a cultura do corpo.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo solicito a sua especial colaboração em responder uma entrevista gravada sobre sua relação com o corpo e seu cotidiano.

3) Riscos e desconfortos

Não existem riscos provenientes da entrevista. Porém, pode haver desconfortos relacionados às questões levantadas no decorrer da mesma. Poderemos interromper a entrevista a qualquer momento caso se sinta desconfortável ou tenha alguma dúvida.

4) Benefícios

Espera-se que, como resultado deste estudo, possamos conhecer melhor a processo de desenvolvimento do adolescente em relação a sua imagem corporal e como esse sujeito se insere na sociedade contemporânea que supervaloriza o corpo jovem.

5) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pela mesma.

6) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Os entrevistados terão seu sigilo preservado por meio da utilização de nomes fictícios e da omissão de dados que permitam seu reconhecimento. As entrevistas serão gravadas e o material coletado será guardado em local seguro, sendo eliminado após cinco anos.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor notificar o profissional e/ou pesquisador que esteja atendendo-o.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Maria Beatriz Rios Ricci, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

A pesquisadora responsável pelo estudo poderá fornecer qualquer esclarecimento sobre o estudo, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome da pesquisadora: Marina Rodarte Couto Martins

Endereço: Av. Francisco Sales, 1614, sl. 1704 – B. Funcionários, Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 3346-0100 ou (31) 8449-8897

Email: mrgcouto@gmail.com

8) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante

Data

Assinatura do representante legal

Data

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Marina Rodarte Couto Martins

Data